



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DAS ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

Título

A ARQUITECTURA DO MOSTEIRO CARTUSIANO DE SANTA MARIA
SCALA COELI: DO PROCESSO DE ENTRADA

Nome do mestrando ANA ISABEL FERREIRA GONÇALVES LOUREIRO

Orientação:

MARTA SEQUEIRA CARNEIRO
PEDRO MARIA AFONSO DE MATOS GAMEIRO

Mestrado em ARQUITECTURA

Área de especialização: ARQUITECTURA

TRABALHO DE PROJECTO

Évora, 2016

**A ARQUITECTURA DO MOSTEIRO CARTUSIANO DE SANTA MARIA SCALA COELI
DO PROCESSO DE ENTRADA**

por Ana Isabel Ferreira Gonçalves Loureiro

orientação por *Arqt.º Pedro Maria Afonso de Matos Gameiro*
co-orientação por *Arqt.ª Marta Sequeira Carneiro*



Dissertação - Trabalho de Projecto para conclusão do Mestrado Integrado em Arquitectura. Ano lectivo 2015/2016. Colégio dos Leões, Escola das Artes, Departamento de Arquitectura, Universidade de Évora.

**A ARQUITECTURA DO MOSTEIRO CARTUSIANO DE SANTA MARIA SCALA COELI
DO PROCESSO DE ENTRADA**



PALAVRAS-CHAVE

SANTA MARIA SCALA COELI; CARTUXA; MOSTEIRO; ORDEM CARTUSIANA; ENTRADA; ÉVORA;
ARQUITECTURA RELIGIOSA; PATRIMÓNIO; SÉCULO XVI; SÉCULO XX

**A Arquitectura do Mosteiro Cartusiano de Santa
Maria Scala Coeli:
Do processo de entrada.**

RESUMO

A importância da encenação de uma transição entre o mundo secular e a vida em clausura, no contexto da arquitectura cartusiana, é amplamente demonstrada através dos percursos de entrada dos conjuntos mais relevantes, bem como em muitos daqueles representados nas gravuras presentes no livro *Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices*, uma obra do início do século XX que inclui gravuras da quase totalidade dos 282 mosteiros cartusianos distribuídos por quase toda a Europa.

Na maioria das cartuxas podem observar-se transições indirectas e prolongadas, capazes de tardar o passo e dar significado à passagem para a clausura – características espaciais que São Bruno, fundador da casa cartusiana, considerava primordiais para a implantação do seu eremitério. A partir de uma cuidada análise dessa transição, nas cartuxas em geral, e da sua evolução morfológica, na cartuxa de Évora em particular – estimulada pela descoberta de dados aqui analisados e interpretados pela primeira vez – apresenta-se, em continuidade com a sua história e tendo como premissa a consolidação do processo de entrada, uma proposta de redefinição da estrutura monacal de Santa Maria Scala Coeli. Esta estrutura originária do século XVI encontra-se incompleta e degradada, em particular na ala sul onde se encontra o seu principal acesso, sendo fundamental o completamento desta área para o cabal reconhecimento da unidade do conjunto e da intenção na qual se traduz a sua génese.

De resto, a estratégia de investigação e de projecto descrita nesta dissertação pode ser encarada como um processo plausível de ser utilizado no caso de futuras intervenções noutras estruturas cartusianas, contribuindo assim para a recuperação e preservação do conceito fundador da identidade da arquitectura cartusiana que, no decorrer da expansão da ordem, se foi perdendo.

**The Architecture of the Carthusian Monastery of
Santa Maria Scala Coeli:
About the process of entrance.**

ABSTRACT

The importance of staging a transition between the secular world and life cloistered in the context of Carthusian architecture is amply demonstrated through the input paths of the most important collections, as well as many of those represented in the pictures in the book *Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices*, one of the early twentieth century work that includes prints of almost all of the 282 Carthusians monasteries spread across almost all of Europe.

In most of Carthusian the transitions that can be observed are indirect and long, able to delay the step and give meaning to the passage to the life cloistered - spatial characteristics that St. Bruno, founder of the Carthusian Order, considered essential for the implementation of his hermitage. From a careful analysis of this transition, looking through the Carthusian in general, and its morphological evolution, in the Charterhouse of Évora in particular, encouraged by the data discovery here analyzed and interpreted for the first time - it is presented in continuity with its history and having premised on the consolidation of the entry process, a proposal for a redefinition of the monastic structure of Santa Maria Scala Coeli. This original structure of the sixteenth century is incomplete and degraded, particularly in the south wing where it is the main access, and where is fundamental the completion of this area to the full recognition of the unity of the whole and to understand the intent in which translates its genesis.

Moreover, the research strategy and project described in this paper can be seen as a plausible case to be used in case of future interventions in other cartusianas structures, thus contributing to the recovery and preservation of the founder of the identity concept of the Carthusian architecture that, during the expansion of the order, was missing.

A ARQUITECTURA DO MOSTEIRO CARTUSIANO DE SANTA MARIA SCALA COELI DO PROCESSO DE ENTRADA

VOLUME I

RESUMO / ABSTRACT

PALAVRAS-CHAVE

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

OBJECTO DE ESTUDO

OBJECTIVOS

PERTINÊNCIA DA INVESTIGAÇÃO

ESTADO DA ARTE

METODOLOGIA

ESTRUTURA

LEITURA DO PROCESSO DE ENTRADA NOS MOSTEIROS DA ORDEM DE SÃO BRUNO ATRAVÉS DO LIVRO *MAISONS DE L'ORDRE DES CHARTREUX*

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE

EXEMPLOS RELEVANTES DO PROCESSO DE ENTRADA CARTUSIANO

- GRANDE CHARTREUSE, França, 1084-em funcionamento
- SCALA DEI, Espanha, 1163-1835

CAZOTTES, Itália, 1171-1802

COBLENTZ, Alemanha, 1331-1802

SAN MARTINO, Itália, 1325-1921

- SAN GIACOMO, Itália, 1370-1808

LAS CUEVAS, Espanha, 1400-1835

VENEZA, Itália, 1422-1810

- ZICE, Eslovénia, 1160-1782

VAL-DE-PEZ, Itália, 1173-1802

- MAUERBACH, Áustria, 1313-1782

PORTES, França, 1115-em funcionamento

VAL-DIEU, França, 1170-1791

VAUVERT, França, 1257-1792

PORTA COELI, Espanha, 1272-em funcionamento

- BUXHEIM, Alemanha, 1402-1835

- MONTALEGRE, Espanha, 1415-em funcionamento

VILLENEUVE-LES-AVIGNON, França, 1356-1792

- VAL D'EMA, Itália, 1341-1957

- PIERRE-CHÂTEL, França, 1383-1790

- EL PAULAR, Espanha, 1390-1835

- MIRAFLORES, Espanha, 1442-em funcionamento

AULA DEI, Espanha, 1563-em funcionamento

- SCALA COELI, Portugal, 1587-em funcionamento

**A ARQUITECTURA DO MOSTEIRO CARTUSIANO DE SANTA MARIA SCALA COELI
DO PROCESSO DE ENTRADA**

VOLUME II

A ARQUITECTURA DO MOSTEIRO CARTUSIANO DE SANTA MARIA SCALA COELI

IMPLANTAR O SILÊNCIO
A FUNDAÇÃO DA CASA ALENTEJANA
O PROCESSO DE ENTRADA NA CARTUXA DE ÉVORA
AS PROPOSTAS DE ARQUITECTURA
A REDESCOBERTA DO PROJECTO DO MOSTEIRO
A ENTRADA DOS MONGES
AS INTERRUPTÕES
A SUPRESSÃO
EM VÁRIAS MÃOS
A GERAÇÃO EUGÉNIO DE ALMEIDA
AS INTERVENÇÕES MAIS RECENTES
CONCLUSÕES

A ESTRATÉGIA PROPOSTA PARA A PROBLEMÁTICA DO PROCESSO DE ENTRADA
O QUE FALTA AOS CARTUXOS E À CARTUXA DE ÉVORA?

CRONOLOGIA

CRÉDITOS DE IMAGENS E DESENHOS

BIBLIOGRAFIA

VOLUME I INTRODUÇÃO

DO CONCEITO PRIMITIVO: CRIAR O DESERTO, CONSTRUIR O SILÊNCIO

*O estudo da evolução morfológica do espaço cartusiano revela gradualmente a importância do momento de entrada num mosteiro cartusiano. Recorrendo ao maior e mais completo registo iconográfico de complexos cartusianos – o conjunto de mais de duzentas gravuras presentes no livro *Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices*¹ – foi possível estudar o desenho e a organização dos espaços que compõem o processo de entrada nas diversas cartuxas. De facto, esta antologia constitui-se como um admirável instrumento para a análise e interpretação das distintas entradas, pela variabilidade de combinações que permite conhecer e explorar.*

*Considera-se, no entanto, que o estudo comparativo do processo de entrada através da observação dos elementos pictóricos expostos no livro *Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices* não permitiria uma compreensão satisfatória da influência deste processo nos mosteiros cartusianos, nem dos motivos subjacentes às transformações de que muitos deles foram alvo, uma vez que as transformações sociais, económicas e políticas, bem como o desenvolvimento da ordem cartusiana e a evolução dos sítios onde se inserem as suas casas são considerados importantes agentes da transformação espacial da arquitectura cartusiana. Deste modo, crê-se essencial a inclusão de dados históricos de forma a contextualizar os diversos processos de entrada analisados e compreender, em alguns deles, o porquê do seu desaparecimento.*

Tendo em consideração o elevado número de exemplos relevantes encontrados nas gravuras analisadas, expõem-se os exemplos que mais significativamente contribuíram para a construção de um processo de entrada paradigmático à luz das características da ordem cartusiana.

Uma vez que o registo em gravura oferece apenas uma imagem do conjunto e computará certamente uma possibilidade de erro (visto ter sido produzido manualmente), procurou-se complementar a informação nele constante com desenhos de diferentes escalas e fotografias antigas e actuais, organizadas por cartuxas em separadores. Os desenhos que se apresentam incidem apenas no registo em planta uma vez que a secção horizontal é a que contém os dados fundamentais para a análise morfológica desta tipologia.

¹ **Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices.** Montreuil-sur-Mer, Tournai: Chartreuse de Notre-Dame des Prés, 1913. Tome Premier.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1915. Tome Deuxième.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1916. Tome Troisième.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1919. Tome Quatrième.

Mediante a análise composta, que combina a leitura da evolução formal dos espaços que compõem um processo de entrada cartusiano com a investigação histórica acerca dos mesmos, constatou-se a existência de dois grupos distintos na forma de construir a transição do universo secular para o deserto cartusiano:

PRIMEIRA PARTE

. As casas construídas por intenção dos membros da ordem cartusiana nos primeiros séculos da sua existência da ordem (aproximadamente entre o século XI e o século XIV), cuja implantação fundava um lugar virgem e, conseqüentemente, o(s) meio(s) de acesso ao conjunto e o processo de entrada no mesmo eram traçados sob condições naturais paradigmáticas e, sobretudo, adversas por eles procuradas.

Da análise dos exemplos apresentados, é possível determinar estratégias projectuais e características espaciais perfeitamente identificáveis entre este conjunto de casas, tais como a divisão do conjunto em duas casas (casa baixa e casa alta) e o uso de características específicas da morfologia do terreno como instrumentos de projecto. Uma diferença de cota significativa no caso da cartuxa de , ou um curso de água no caso das cartuxas de , revelaram-se decisivos na construção do processo de entrada, criando assim episódios relevantes no percurso de descoberta do espírito cartusiano. Aliás, concluiu-se que, de toda a estrutura monástica cartusiana, a zona da entrada é a que reage de forma mais significativa às características geomorfológicas do terreno. De acordo com as cartuxas analisadas, é possível depreender que a zona cenobítica e, sobretudo, a zona eremítica eram geralmente desenhadas de forma mais regular do que o restante mosteiro e implantadas nas áreas mais planas do terreno, sendo a zona da entrada sempre estabelecida na área que implicasse lidar claramente com os agentes mais expressivos da morfologia do território.

SEGUNDA PARTE

. As casas erguidas sob a beneficência de outrem (maioritariamente a partir do século XIV até aos dias de hoje), cuja estrutura monástica e respectivo processo de entrada se implantavam em locais seleccionados por entidades exteriores à ordem.

Não raras vezes, as casas que fundadas por benfeitores eram implantadas em terrenos da sua jurisdição, e por isso, muitas vezes às portas das cidades do seu domínio ou por outro lado, lidavam com estruturas preexistentes dotadas de uma estrutura morfológica normalmente muito expressiva, tais como castelos, palácios ou casas nobres. Mediante as cartuxas analisadas depreendeu-se que, embora os monges não tivessem a liberdade de escolher o sítio ideal para a criação do deserto, não desprezaram a construção de um processo de entrada indirecto, lento e prolongado que isolasse e defendesse da melhor maneira possível a sua casa, como ditava a regra de São Bruno. Todavia, ao contrário das casas pertencentes ao grupo mencionado anteriormente, reconhece-se que as relações espaciais do processo de entrada das casas deste grupo não trabalhavam directamente com as características naturais, mas sim, com a questão do património. De resto, no caso da convivência entre naturezas tão distintas como a secular e a religiosa devido à permanência dos benfeitores, destaca-se a construção do processo de entrada como filtro entre o universo civil e a vida em clausura através de soluções distintas e variadas, construindo, em alguns casos através da figura do dador, um diálogo cordial e salvaguardado entre o exterior e o interior e constituindo desta forma uma relação não complementar entre ambos, mas sim de benefício mútuo.

Em suma, denota-se a importância da recuperação daquela que foi a característica-base da construção da arquitectura cartusiana e da sua identidade para a (re)afirmação da unidade do conjunto edificado. É plausível encarar a consolidação da zona de entrada e, por conseguinte, do processo de entrada como uma estratégia projectual consistente na recuperação de uma estrutura cartusiana. Reúnem-se nesta última porção do trabalho os casos de estudo que incrementaram essa transformação com vista à recuperação e/ou ao enriquecimento da transição do exterior para o interior do espaço e do espírito cartusiano:

TERCEIRA PARTE

. As casas que sofreram incidentes de dimensão significativa em prejuízo do processo de entrada que outrora haviam configurado, devido a alterações definidas pela própria ordem, como a extinção da casa baixa dos conjuntos monásticos, ou por decisões externas, tal como a extinção das ordens religiosas e conseqüente abandono das estruturas monásticas ou o natural desenvolvimento das cidades e povoações mais próximas. E cuja transformação e ampliação da zona da entrada permitiu a consolidação da sua composição e, na maioria dos casos, a refundação dos conjuntos monásticos e a permanência em funcionamento até aos dias de hoje.

VOLUME I

LEITURA DO PROCESSO DE ENTRADA NOS MOSTEIROS DA ORDEM DE SÃO BRUNO ATRAVÉS DO LIVRO *LES MAISONS DE L'ORDRE DES CHARTREUX – VUES ET NOTICES*

PRIMEIRA PARTE

Os mosteiros onde habitam as comunidades cartusianas diferenciam-se das de outras ordens sobretudo pelas suas características arquitectónicas que, embora com algumas nuances, são facilmente identificáveis e desenhadas segundo um denominador comum. O seu traçado foi sendo adaptado ao longo dos tempos, todavia pode afirmar-se que «a Cartuxa nunca foi reformada porque nunca foi deformada»²; foi sempre conservado o espírito do primeiro mosteiro. Neste contexto, é fundamental destacar a característica mais vincada e defendida desta ordem, observada, de forma muito expressiva, na projecção e construção dos seus edifícios: o **isolamento** dos seus membros em relação à sociedade civil.

A primeira preocupação de São Bruno aquando da fundação da casa primitiva consistiu na sua **implantação**. O lugar escolhido pelo fundador e pelos seis irmãos que o acompanharam foi um vale hostil, entre montanhas de difícil acesso, um verdadeiro ermo denominado de *Chartreuse* – denominação que viria a dar o nome aos mosteiros da ordem cartusiana. O vale de Saint-Pierre-du-Chartreuse situa-se a mais de mil metros de altitude entre Grenoble e Chambéry, no coração da cordilheira do maciço de Chartreuse³, ocupando grande parte das terras de Isère e Savoie na região dos Alpes franceses. Entre as rochas escarpadas das estreitas gargantas de Guiers Mort, no desfiladeiro de Fourvoirie⁴, encontra-se a estrada forrada por altas falésias arborizadas que conduz ao deserto de Chartreuse, denominada de Route du Désert (Rota do deserto). Os caminhos desta rota fazem jus ao seu nome, parecendo que a natureza se encarregou de os desenhar já cartusianos, à semelhança do carácter do traçado das casas de São Bruno⁵. A rota do deserto exhibe características muito semelhantes às de um processo de entrada num mosteiro cartusiano, fazendo com que a descoberta do grande silêncio seja realizada de modo lento, prolongado e pontuado por momentos que representam a transição do

² «*Cartusia numquam reformata quia numquam deformata* (the charterhouse has never been reformed, because it was never deformed)» HOGG, James – **The Carthusian Order from its foundation to the present day**. In **Actas do Colóquio Internacional A Cartuxa**. Évora: Fórum Eugénio de Almeida, 8-9 Outubro 2004. ISBN 972-8854-02-1. p. 23.

³ Actualmente, o maciço de Chartreuse constitui grande parte do território do Parc Naturel Régional de Chartreuse (Parque Natural Regional de Chartreuse) que possui mais de 69000 hectares de múltiplas paisagens, tais como: vales, desfiladeiros, penhascos, encostas e florestas.

⁴ Ver mais sobre a geografia de Guiers Mort em: GEO-ALP: Un atlas géologique des Alpes françaises. **Guiers Mort: le défilé de Fourvoirie, les gorges du débouché aval de la vallée**. [Em linha]. Disponível em: http://www.geol-alp.com/chartreuse/6_sites_ch/fourvoirie.html

⁵ «Le site de la Grande-Chartreuse vaut à lui seul un traité de spiritualité. Il témoigne, avec une éloquence merveilleuse, du gigantesque effort fait par nos Pères pour fuir le monde et se défendre contre lui. On dirait que le paysage même a été construit par des titans amoureux de solitude.» Un Chartreux (PORION, Jean-Baptiste) – **Écoles de Silence**. Paris: Editions Paroles et Silence, Février 2001.

universo secular para o *deserto*, tais como: uma ponte que atravessa o rio Guiers (afluente da margem esquerda do rio Le Rhône e que atravessa Isère na região de Rhône-Alpes); um túnel que, actualmente, cobre parte da estrada de acesso ao mosteiro ou mesmo o traçado da estrada velha que corre paralela ao túnel, contornando-o através de um percurso ondulante que permite caminhar, por vezes, debaixo do maciço rochoso.

A principal razão da escolha de um sítio com estas características para a construção do espaço monástico consistia no desejo de afastamento da sociedade, mediante a ideia de criação de um *deserto*, reforçando assim a ideia de solidão e isolamento. O *deserto* permitia a concentração total dos monges na oração e a vivência plena da vida contemplativa que tanto procuraram, sem que nada nem ninguém os perturbasse. Daí se depreende a importância da procura do lugar certo para a implantação, bem como da construção de um lento e prolongado sistema de comunicação entre o universo secular e o espaço de clausura, que se traduz no processo de entrada. No fundo, estas duas acções são os alicerces da arquitectura da ordem de São Bruno e estão na base da identidade cartusiana.

Pode mesmo presumir-se que a ideia de isolamento extremo, acompanhada da construção de um longo processo de entrada, surge antes mesmo da construção das habitações dos monges em torno de um claustro de grandes dimensões. Não seria objectivo de São Bruno criar uma nova congregação quando decidiu viver no *deserto* das montanhas de Chartreuse, nem tão pouco teria ideia de como organizar as suas casas. Calcula-se que essa estrutura terá surgido já no *deserto* com a experiência da vida em comunidade⁶. Denota-se, portanto, que este singular sistema de comunicação dos monges com o universo secular, e vice-versa, teria tanta ou mais importância que o claustro maior, que geralmente se distingue como «o elemento paradigmático que identifica e dá carácter

⁶ Ver mais sobre a origem do claustro maior na Ordem Cartusiana em: ANIEL, Jean-Pierre – **Les Maisons de Chartreux: des origines a la Chartreuse de Pavie**. Paris: Arts et Métiers Graphiques; Genève: Droz, 1983. Col. Bibliothèque de la Société française d'archéologie, n° 16. ISSN 0768-0961; ISBN-13 978-2-600-04617-6; [Se compararmos um mosteiro cartusiano com] «um convento da Ordem Beneditina – criada por São Bento de Núrsia em 529 d.C. e que, ao contrário da Ordem Cartusiana, tem por base uma vida comunitária e não eremítica – compreendemos que um convento cartusiano apresenta uma estrutura semelhante à do convento beneditino, mas acrescenta-lhe o claustro grande com as celas em seu redor.» [Se compararmos ainda um mosteiro cartusiano com] «um convento da Ordem de Camaldoli, fundada por São Romualdo em 1024 d.C. – eremita, tal como a Ordem Cartusiana –, e percebe-se também a ausência de um elemento que estrutura o conjunto das celas. A Ordem de Camaldoli, à imagem dos conventos que existiram nos desertos do Egipto na origem do monaquismo, construiu as celas ao longo de um corredor, galeria ou rua. O que enunciou a estrutura do eremitério dos conventos da Ordem Cartusiana poderá ter sido o facto de São Bruno ter sido cônego após o célebre tratado de Saint-Barnard de Romans no século XI, do arcebispo Léger, que, autorizou a construção de dois claustros catedralícios, um justaposto à Igreja, e outro mais distante, a fim de edificar as celas individuais dos cônegos. Como a ordem cartusiana teve a sua fundação em 1084, já se iniciou após este tratado. Pode-se presumir que a familiaridade de São Bruno com a estrutura de celas em torno de um claustro, foi o factor que marcou e definiu a diferença que existe entre as Casas da Ordem Cartusiana e as da Ordem de Camaldoli.» FERRO, Luís – **O Espaço do Eremitério de Santa Maria Scala Coeli: A Casa Cartusiana do Alentejo**. Évora: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada na Escola de Artes da Universidade de Évora. pp.19-20.

às casas da ordem cartusiana»⁷ e que «distingue este edifício de qualquer outro mosteiro pertencente a outra ordem religiosa»⁸.

Muitos foram aqueles que se identificaram com este modo de viver e que decidiram seguir os ideais de S. Bruno. As comunidades cartusianas descendentes, originalmente com poucos membros, procuraram firmar-se nos locais mais inóspitos e isolados que encontraram e, conduzidas pela experiência do quotidiano dos sete primeiros monges cartuxos, foram criando gradualmente um modo de vida assente no ideal anacoreta. Contudo, era fundamental não descobrir um sítio ideal à prática do eremitismo, mas também encontrar nele fontes de subsistência. Porém, nem sempre essa preocupação existiu por parte dos monges e o *deserto* foi-se tornando um perigo. Colocando em causa a sustentação dos eremitas, os lugares escolhidos para a construção dos mosteiros foram, muitas vezes, zonas inóspitas e de difícil acesso – como era pretendido – mas quase sempre estéreis. Não reuniam as condições propícias à prática da agricultura e a garantia dos meios necessários à manutenção da comunidade monástica – problema exacerbado pelo facto dos monges não ingerirem nenhum tipo de carne (tradição que ainda praticam nos dias de hoje). Com o crescimento da ordem cartusiana, surgiu a necessidade de estabelecer uma norma, estabelecendo-se assim os *Costumes*, sendo que um dos principais pontos dessa norma incidiu precisamente na sustentabilidade das comunidades. A partir da existência dessa regra, os monges concentraram a sua atenção não só na procura de um território que pudesse abrigar a sua fé em total isolamento, mas sobretudo que reunisse o essencial para a manutenção dos monges. Além das condições climáticas e dos solos apropriados à exploração agrícola, a presença de um curso de água junto do terreno onde se pretendia implantar o conjunto monástico passou a ser entendida como indispensável. Este elemento era fundamental não só para o abastecimento do mosteiro mas também como instrumento de defesa e separação – constituindo uma barreira física no percurso de acesso à propriedade.

A comunidade que representa a ordem cartusiana é constituída por dois tipos de monges: os padres ou *monges brancos* – que se dedicam exclusivamente à oração a Deus, cumprindo os votos de silêncio e solidão – e os irmãos conversos ou *monges leigos* – cuja entrega a Deus se reproduz tanto na oração como na realização de diversos trabalhos em favor de toda a comunidade, sendo por isso imprescindíveis para o sustento dos primeiros. Esta dualidade é visível não só na composição da comunidade como também na organização da arquitectura da ordem. No seguimento das preocupações descritas anteriormente, passou a ser comum a divisão do conjunto monástico em duas zonas distintas: a área de residência e de culto dos monges brancos, designada de *casa alta* e a zona de residência e trabalho dos irmãos conversos, designada de *casa baixa*⁹. Esta divisão acentuava especialmente a condição primária (de retiro) a que os monges

⁷ FERRO, Luís – **O Espaço do Eremitério de Santa Maria Scala Coeli: A Casa Cartusiana do Alentejo**. Évora: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada na Escola de Artes da Universidade de Évora. p. 18.

⁸ FERRO, Luís – **O Espaço do Eremitério de Santa Maria Scala Coeli: A Casa Cartusiana do Alentejo**. Évora: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada na Escola de Artes da Universidade de Évora. p. 18.

⁹ Por vezes designada também de *Correrie*, *Corroirie* ou *Courerie*.

eremitas se tinham proposto e protegia-os dos olhares e das visitas indesejáveis. Assim, a localização da *casa baixa* funcionava como um filtro em relação à *casa alta*, garantindo o total isolamento dos monges. Para aceder à *casa alta* qualquer forasteiro teria necessariamente de passar pela *casa baixa*, zona do complexo monástico onde se cumpria uma selecção e se ponderava a autorização excepcional de entrada no conjunto por outrém. Um longo caminho separava ambas, quase como se de uma peregrinação se tratasse. Uma segunda portaria na *casa alta* recebia e encaminhava quem tivesse sido autorizado a entrar, intensificando assim a atitude de salvaguarda e afastamento por parte da comunidade cartusiana.

O primeiro mosteiro cartusiano, construído no vale Chartreuse e por isso intitulado de Grande Chartreuse, foi o primeiro exemplar cuja estrutura era constituída por uma *casa baixa* em salvaguarda da *casa alta*. Deste primeiro mosteiro não restam vestígios, devido à avalanche que o destruiu em 1132. Não chegou aos dias de hoje nenhum registo gráfico que permita identificar o local exacto da sua implantação, a sua estrutura e a sua organização. No entanto, supõem-se que estaria situado nos mesmos locais onde foi erguido pelo Prior Guigo o mosteiro actual (designado também de casa-mãe/Grande Chartreuse)¹⁰ e teria uma estrutura semelhante à que hoje se pode observar. Apesar da falta de dados acerca do desenho do mosteiro primitivo são conhecidos os espaços que o constituíam, através das descrições presentes nos *Costumes*¹¹.

A *casa alta* concentrava essencialmente as residências individuais dos monges brancos, que se dedicavam exclusivamente à oração. As habitações estavam distribuídas ao redor de um claustro de grandes dimensões e tinham, através das suas galerias, comunicação com a igreja. Cada habitação era composta por uma cela de dimensões consideráveis, pois contemplava vários espaços: dormitório, espaço de refeições, cozinha, oratório, espaço de leitura, espaço de trabalho e um pequeno pátio com jardim e tanque/fonte de água. A generosa quantidade e qualidade das dependências justificava-se pela vivência intensa do monge na sua cela, permitindo que cada um dos habitantes encontrasse o *seu espaço*, se sentisse feliz por ali viver e não sentisse sequer necessidade de sair daquele universo.

A *casa baixa* compreendia as dependências onde se realizavam os trabalhos necessários para a subsistência da comunidade: a horta, o moinho, o forno, a padaria, a cozinha, a despensa, a adega, a sapataria, os estábulos, as oficinas; os espaços para guardar o material agrícola e os espaços referentes à *procura*. A *casa baixa* integrava ainda as dependências onde se celebravam os actos religiosos individuais ou comunitários dos irmãos conversos, como por exemplo a sala capitular dos irmãos conversos, a igreja ou capela da *casa baixa* e a respectiva sacristia. Os irmãos conversos e o procurador (nome que designa o padre que gere a vida do mosteiro e trata das relações da comunidade com o exterior) tinham também as suas habitações na *casa baixa*. As restantes dependências da *casa baixa* correspondiam à entrada no conjunto: a portaria – sempre controlada por um

¹⁰ BARLÉS, Elena – La arquitectura de la Cartuja: espacios y funciones. In **Del silencio de la Cartuja al fragor de la orden militar**. Valencia: Fundación Santa María la Real, 2010.

¹¹ GUIGUES I^{er} – Costumes de Chartreuse. Introduction, texte critique, traduction et notes par un Chartreux [Dom Maurice Laporte]. Paris: Éd. du Cerf, 1984. Col. Sources Chrétiennes, n° 313.

irmão converso –, a hospedaria – que era utilizada para albergar visitantes e peregrinos –, uma pequena capela – que atendia as rezas destes últimos – e, em certas casas, o espaço onde se vendiam os produtos produzidos no mosteiro. Estes espaços confluíam num espaço exterior, normalmente um pátio, intitulado de pátio das obediências ou da lavoura – caso tivesse relação com os espaços agrícolas – ou de pátio da Ave-Maria¹² – caso coincidissem com o espaço da entrada no mosteiro. Esta composição espacial e a respectiva implantação pode ser observada e estudada através dos espaços que compõem a actual **GRANDE CHARTREUSE** (ver separador GC).

Após o atravessamento de uma pequena ponte – que pode ser observada no canto inferior direito da gravura (ver imagem 00) e na planta de implantação (ver desenho 00) –, sucede-se o caminho até à casa baixa. Depois desta, surge o caminho de mais de 2000 metros de distância até à casa alta. Após cerca de meia hora de caminhada, avista-se, por fim, a segunda casa da Grande Chartreuse – a casa alta – na cota mais alta do vale. Mas não é a sua entrada que se avista em primeiro lugar, uma vez que o mosteiro *vira as costas* ao caminho de acesso e a sua entrada se encontra no lado oposto ao da chegada fazendo com que quem pretenda lá chegar, seja obrigado a contorná-lo. Pode portanto afirmar-se que, desde a implantação estratégica dos dois núcleos num lugar selvagem e (quase) inacessível, passando pela opção de transpor o rio para aceder ao deserto cartusiano, até à construção e estrutura organizacional do próprio mosteiro, retardar significativamente a chegada ao cenóbio e, por conseguinte, ao eremitério era um dos principais objectivos da comunidade.

De acordo com a gravura (ver imagem 00), em 1649 o mosteiro recebia quem chegava a partir da portaria e, através dela, era possível aceder ao pátio da Ave-Maria, cuja função era a recepção de visitantes, peregrinos, pessoas mais desfavorecidas que solicitavam a solidariedade dos monges e, sobretudo, dos que queriam abraçar a ordem cartusiana. Pode deduzir-se, com base no programa exposto anteriormente, que os espaços que se seguiam estariam relacionados com a recepção daqueles cuja a entrada ou visita tivesse sido permitida, nomeadamente o espaço para alojamento de hóspedes. A partir da (presumível) hospedaria, era possível aceder ao programa da zona cenobítica através de um recinto exterior, sendo que este programa se distribuía, de forma irregular, do lado este do mosteiro.

Quatro décadas mais tarde, a estrutura da *casa alta* da Grande Chartreuse apresentava-se mais consolidada, nomeadamente no que dizia respeito ao processo de entrada e programa adjacente, como comprova a gravura. A portaria e o pátio mantinham, de um modo geral, a sua configuração anterior. Mas a hospedaria, dividida em espaços para eclesiásticos e para leigos e por regiões, contava com um corpo mais imponente e permitia a passagem directa para a zona cenobítica, tal como demonstra a gravura. De acordo com a planta do mosteiro (ver desenho 00) pode afirmar-se que esta passagem correspondia a um longo corredor que permitia o acesso à igreja e aos restantes espaços

¹² O nome advém do facto dos monges rezarem a oração Ave-Maria cada vez que precisavam de atravessar o pátio de entrada do mosteiro, à semelhança do que acontecia na sala da Ave-Maria cada vez que os monges entrassem nas suas celas individuais. Como quase todos os rituais implementados pela Ordem, este é um rito que ainda hoje se pratica nos mosteiros cartusianos.

da zona cenobítica. Na extremidade oposta à entrada, encontrava-se a cela do procurador e a biblioteca. A transição do cenóbio para o eremitério (que neste caso se poderá designar de *triplo eremitério*, uma vez que foram sendo construídos, ao longo do tempo, três grandes claustros na zona eremítica) era realizada através de espaços interiores.

Desde essa época até ao século XIX foram efectuadas pequenas ampliações. Na gravura que representa a cartuxa no ano de 1891, é possível reconhecer um novo volume contíguo ao limite da zona da entrada e que se insinua no sentido inverso ao dos restantes edifícios. Visto que a ordem cartusiana não permitia a presença de mulheres na zona de clausura foi construída uma capela de acesso público, especialmente dedicada às (poucas) mulheres que ali chegavam e que, na sua maioria, tinham como objectivo visitar um familiar monge cartuxo. Antes da entrada na portaria da *casa alta* foram construídos dois edifícios – um de cada lado do caminho – que se destinavam ao abrigo dessas mulheres (que estavam autorizadas a pernoitar uma só noite, tal como sucedia na hospedaria dos homens). Ao contrário do que aparece representado nas gravuras de data anterior a 1891, na gravura pode ainda constatar-se a presença de um novo conjunto de edifícios junto do caminho de acesso, situado numa cota mais baixa que a da *casa alta*, que continha os espaços pertencentes às obediências dos monges leigos.

Presentemente, o mosteiro concentra ainda as duas casas. Contudo, os edifícios que antes constituíam a *casa baixa* funcionam agora com um programa diferente. Os espaços da *casa baixa* pertencem, hoje em dia, ao museu da Grande Chartreuse, onde se pode conhecer a ordem cartusiana, a sua história com mais de 900 anos de existência e o estilo de vida dos monges cartuxos que, isolados do mundo, coabitam em *Grande Silêncio*¹³.

Compreende-se então que a relação entre os espaços constituintes da *casa alta* e da *casa baixa*, bem como a forma como se lhes acede, foram, desde a fundação da cartuxa, pensadas ao pormenor, tornando-se reveladoras do modo de vida isolado a que os eremitas se tinham proposto. O objectivo dos monges era limitar e até dificultar a chegada à *casa baixa* e, no caso de existir permissão para entrar, retardar a sua chegada à *casa alta* – através de percursos longos feitos em trajectos difíceis, de espaços exteriores de grandes dimensões comparáveis a praças, de espaços exteriores ora cobertos, ora descobertos e de espaços interiores, pátios e claustros que funcionavam como filtros e que, na maioria das vezes, intercalavam os espaços exteriores.

Percursos, praças, pátios, claustros, edifícios... O conjunto monástico assemelha-se a uma pequena cidade. A arquitectura cartusiana cruza de uma forma perfeita espaços de natureza e função muito diferentes (tal como costuma acontecer na cidade) e distribuídos de acordo com uma subtil hierarquização, traduzindo assim as dualidades existentes: universo secular/ clausura; vida cenobítica/vida eremítica.

¹³ O Grande Silêncio (**Le Grand Silence, Die große Stille**) é o nome de um documentário dirigido por Philip Gröning sobre os monges da Grande Chartreuse, editado em 2005 e que foi premiado com as distinções de Melhor Documentário nos Prémios Europeus de Cinema em 2006 e de Prémio Especial do Júri no Sundance Film Festival em 2006. Título original: Die Stille Große.

Embora conduzidos por um exigente modo de vida, os cartuxos continuavam a receber novas vocações em diversos países do mundo e as suas casas foram conquistando outros territórios. No final do século XII já se tinham fundado trinta e seis mosteiros e ao longo do século XIII foram fundados mais trinta e três. A maioria das cartuxas que se construíram nessas épocas foram fundadas na sua maioria em França mas também noutros países da Europa, tais como Suíça, Áustria, Espanha, Alemanha, Itália e Inglaterra. O princípio definido por São Bruno para a implantação do mosteiro primitivo foi adoptado por quase todas, sendo que os locais escolhidos foram sítios austeros e quase inacessíveis. E a organização das dependências também se conservou tão fiel quanto possível ao que foi edificado na casa-mãe, sendo que, depois da destruição do mosteiro primitivo, o traçado de referência passou a ser o da Grande Chartreuse que hoje conhecemos.

Cerca de oitenta anos depois da fundação do primeiro mosteiro, o conceito mantinha-se. O conjunto edificado da cartuxa de **SCALA DEI** (ver separador SD) fundado nas montanhas da Serra de Montsant, na comarca de Priorat, em Tarragona, é outro exemplo da divisão do conjunto monástico em dois núcleos distintos – a casa baixa e a casa alta.¹⁴

As depressões acentuadas do terreno montanhoso conjugadas com a densa vegetação conferem a este ermo as características ideais à prática do espírito cartusiano. Ao silêncio da Serra aliou-se a sombra dos maciços rochosos e das massas verdes, criando lugares isolados e, sobretudo, protegidos. A protecção que este sítio oferece a quem procura o isolamento fez com que, no ano de 1163, se tornasse no solo fundador do primeiro mosteiro cartusiano na Península Ibérica. Mas, à semelhança dos membros da cartuxa de Grenoble, os monges cartuxos que escolheram este território não se limitaram a ocupá-lo. Os eremitas planearam então implantar-se em dois núcleos, distanciados consideravelmente entre si, que denominaram de *casa-baixa* e de *casa-alta*. Os dois núcleos pontuavam o início e o fim de um percurso¹⁵ de acesso ao lugar sagrado, assemelhando-se por isso a uma rota de peregrinação¹⁶. Deste modo, o conjunto edificado que estava mais próximo da estrada de acesso – a *casa baixa* – compreendia o espaço que recebia quem chegava ao conjunto monástico e concentrava os espaços para as actividades de subsistência realizadas pelos irmãos conversos.

¹⁴ Devido à chegada de muitas vocações à cartuxa de Scala Dei, o conjunto monástico sofreu diversas alterações e ampliações, com vista a albergar toda a comunidade que, em tempos, chegou a ocupar trinta celas, distribuídas em redor dos dois claustros maiores. O mosteiro de Scala Dei foi-se tornando um importante ponto de interesse religioso, sendo que a sua influência na ordem levou os monges que aí habitavam a participarem activamente na fundação das cartuxas espanholas de San Pol de Maresme, em 1269, na vila costeira de San Pol de Mar na região de Barcelona; Valdecrist, em 1385, na província de Castellón; El Paular, em 1390, em Rascafría na região de Madrid; Nuestra Señora de las Fuentes, em 1507, na província de Huesca e Miraflores, em 1442, em Burgos. Estes monges participaram também na fundação da primeira cartuxa portuguesa, situada em Évora, no Alentejo – Santa Maria Scala Coeli – objecto de estudo deste trabalho de investigação.

¹⁵ Que pode ser *vivenciado* (com as alterações inerentes à época actual) através dos vídeos que se encontram em: YOUTUBE. **Llegada al Monasterio La Cartuja de Escaladei o Scala Dei; Chegada ao Mosteiro da Cartuxa de Scala Dei.** [Em linha]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1yjhCaBczfw>; YOUTUBE. **Salida del Monasterio La Cartuja de Escaladei o Scala Dei; Saída do Mosteiro da Cartuxa de Scala Dei.** [Em linha]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i1iKwiA5Xxc>

¹⁶ Uma peregrinação é uma jornada realizada por um devoto de uma dada religião a um lugar considerado sagrado.

Através de um caminho ondulante com aproximadamente 1200 metros, os monges definiram a aproximação à *casa alta* que, encaixada entre as montanhas, parecia esconder-se. Um quarto de hora a caminhar seria suficiente para percorrer este caminho que, ora atravessava os campos onde durante sete séculos os monges cultivaram as vinhas, ora acompanhava o curso de água que serviu o mosteiro e junto do qual os monges foram construindo moinhos. Ainda no mesmo caminho, surgia outro elemento – o aqueduto – que, além de transportar água – desde a sua nascente até à *casa baixa* –, representava a transição entre dois lugares distintos (universo secular/ clausura). Mas é no troço de ascensão à serra que surgia uma bifurcação que, por sua vez, dava origem ao caminho de acesso à *casa alta* de Scala Dei.

Como se pode observar na gravura e na planta (ver imagem 00), o primeiro espaço que surge associado à *casa alta* é um terreiro, delimitado a oeste por um muro de pedra, ao qual se acosta o caminho de subida ao alto de Montsant e a este pelo conjunto edificado que alojava o programa referente aos serviços do mosteiro, tais como as cavalariças, as residências dos criados, o armazém e os espaços de apoio à horta. A horta, situada entre o edificado e o ribeiro do lado direito do terreiro, representava para os monges a mais importante fonte de subsistência uma vez que os monges praticavam uma dieta à base de vegetais, rejeitando todo e qualquer tipo de carne. A capela de acesso público, dedicada a São Bruno, também ladeava o terreiro e estava reservado às mulheres e peregrinos. A portaria, defronte do caminho de acesso no sentido de chegada ao terreiro, impunha a sua presença através da fachada de Santa Maria. A entrada do mosteiro realizava-se ao centro da frontaria, à direita encontrava-se a cela do porteiro e uma sala de recepção que controlava todos aqueles que chegavam à cartuxa de Scala Dei e que gostavam de aceder à zona de clausura; à esquerda encontrava-se o locutório dos homens e o locutório das mulheres, onde era permitido o contacto dos familiares mais próximos com os monges. Do espaço interior da portaria voltava-se novamente ao exterior, um largo caminho murado, ladeado por árvores como se de uma alameda se tratasse e designado pelos monges de pátio da Ave-Maria. Este espaço exterior dava acesso a um espaço interior que funcionava como segunda portaria. A partir daí, acedia-se ao pequeno claustro da entrada, um pequeno espaço exterior cuja galeria fazia rodear-se de dependências importantes para os que visitavam a cartuxa, tais como: a farmácia; a enfermaria e a hospedaria, onde se acolhiam os peregrinos, visitantes, familiares dos monges. O acesso à hospedaria era autorizado apenas a homens e, como norma geral, não lhes era permitido permanecer mais do que uma noite. Do interior se tornava, uma vez mais, ao exterior, desta vez a um pátio de pequenas dimensões. A este espaço exterior onde se centravam as funções de alguns monges, a comunidade denominava de *pátio das obediências*, permitindo a entrada em algumas oficinas e na sala da *procura*, onde o procurador tratava dos assuntos inerentes à gestão da casa. Diante da *procura* surgia outro pátio, maior que o anterior, através do qual se acedia à igreja e por fim, ao cenóbio que, por sua vez, permitia a passagem para o eremitério.

A construção de um longo e demorado processo de entrada no *deserto* das montanhas de Montsant denota-se não só na edificação da *casa baixa*¹⁷ distanciada em largos metros da *casa alta*, como também na construção dos espaços da zona da entrada na *casa alta* através de uma sequência espacial muito rica e distinta daquela que havia sido desenhada na casa-mãe, a Grande Chartreuse. Enquanto na Grande Chartreuse o programa da zona da entrada na *casa alta* estava concentrado em torno do pátio da Ave-Maria e era sucedido por um longo corredor interior através do qual se acedia à Igreja e ao cenóbio; na cartuxa de *Scala Dei*, um percurso linear (um corredor exterior) distribuía o programa da zona da entrada na *casa alta*, assemelhando-se a uma espécie de coluna vertebral irregular pontuada por espaços interiores que, por sua vez, eram intercalados por uma série de diferentes espaços exteriores, tais como um terreiro, uma alameda, um claustro e pátios de dimensões muito distintas, através dos quais se acedia à Igreja e aos espaços da zona cenobítica.

No que diz respeito à estratégia de separação do conjunto monástico em duas partes com o intuito de enfatizar a distância entre o universo civil e o deserto cartusiano, destaca-se ainda a cartuxa de **ŽICE**¹⁸ (ver separador ŽC), fundada em 1160 em *Slovenske Konjice*, no nordeste da Eslovénia, cujo o processo de entrada sobressai pela implantação das duas casas, projectadas a uma distância considerável entre si proporcional à extensão percorrida entre as duas casas dos casos referidos anteriormente. Não obstante, a partir da análise das gravuras não era possível avaliar correctamente essa proporção, por isso, recorreu-se à análise dessa característica através das plantas dos mosteiros, que permitiram comprovar a relação métrica de que se fala tanto no que diz respeito à proporção do percurso entre as duas casas, bem como na comparação das zonas de entrada de cada modelo.

Se nos debruçarmos sobre as plantas e sobre a gravura que representam a cartuxa de Žice, pode ainda deduzir-se que o desenho da sua estrutura adopta um traçado único relativamente a outros mosteiros devido à adaptação da sua composição à morfologia do lugar onde se encontra. Para além da divisão do conjunto em duas casas (*casa alta* e *casa baixa*) por intermédio de um longo e sinuoso percurso, os monges decidiram encaixar a *casa-alta* do mosteiro entre formações geológicas de elevada altitude e um canal de água contíguo ao caminho de acesso ao mosteiro. Assim, a disposição das entradas do mosteiro¹⁹ no leito oposto ao do caminho de acesso, aquando da implantação da casa-

¹⁷ Em 1835, na sequência da desamortização de Mendizábal e da extinção das ordens religiosas, os monges foram obrigados a desocupar o complexo monástico. A Cartuxa de Scala Dei ficou assim abandonada e à mercê dos menos complacentes, acabando arruinada. Apesar dos incidentes, a casa baixa conseguiu resistir e chegar aos dias de hoje bem conservada através da renovação e alteração dos seus usos, tornando-se parte integrante da aldeia de Escaladei, anteriormente intitulada de Corriere, situada entre Vilella Alta e Morera de Montsant e pertencente ao município de La Morera. Por sua vez, a maioria dos espaços da casa alta da cartuxa de Scala Dei apresentam-se em estado muito degradado ou mesmo em total ruína. Os espaços que resistiram às vicissitudes do tempo e que têm vindo a ser reconstruídos/restaurados (nomeadamente o portal de entrada, a igreja e uma das cela) receberam a classificação de bem cultural de interesse nacional e podem ser visitados, no contexto do roteiro pelo património cultural religioso da região de Priorat.

¹⁸ Por vezes designada também de cartuxa de Seiz ou *Žička kartuzija* (em esloveno).

¹⁹ Curiosamente, tal como demonstra a planta do mosteiro, esta cartuxa possuía duas entradas, recebendo deste modo quem chegasse do lado nascente ou do lado poente, o que provocou também a repetição programática e a divisão da zona da entrada em dois núcleos, dotando cada uma das entradas dos espaços necessários.

alta, possibilitou a criação de mais um filtro no momento imediatamente antes do efectivo momento de entrada no mosteiro.

Em suma, uma das particularidades da arquitectura cartusiana é o facto de todos os mosteiros se organizarem segundo as mesmas normas, por sinal muito rigorosas, mas nenhum deles ter sido desenhado de forma idêntica. Apesar de pertencerem à mesma ordem, cada mosteiro cartusiano pertence, antes de mais, ao lugar onde se insere. Nesse sentido, o projecto de cada mosteiro cartusiano é diferente pois compreende, interpreta e adapta os seus espaços (projectados à luz das normas patentes nos *Costumes*) às características geomorfológicas do sítio a que deseja pertencer. Este modo de fazer arquitectura originou uma multiplicidade de composições que podem ser observadas e analisadas através das diversas gravuras que as retratam²⁰, das quais se destacam dois temas utilizados como instrumentos de projecto: a hidrografia e a topografia.

No contexto hidrográfico, salientam-se os modelos que, tal como a cartuxa de Žice, referida anteriormente, foram desenhados consoante a posição de um curso de água, aproveitando a sua presença e definindo-o como um entrave na construção de um processo de entrada indirecto, lento e prolongado. Desta forma, destacam-se dois exemplos paradigmáticos: a cartuxa de Pesio²¹, construída na região de Piemonte em 1173, e a cartuxa de Mauerbach, edificada a mais de vinte quilómetros da cidade de Viena no ano de 1313.

A cartuxa de **PESIO** apresentava uma estrutura muito distinta da cartuxa de Žice, contudo, à semelhança da anterior, também os seus limites físicos definiam o lugar onde o mosteiro se implantava afigurando-se a uma área triangular, sendo que duas das faces desse *triângulo* eram definidas pelos dois cumes montanhosos que desenhavam o topo do vale de Pesio, e a terceira das faces, voltada a oeste, era definida pelo curso de água. Outra das semelhanças em relação ao exemplo anterior estava no facto desta estrutura também dividir a sua entrada em duas partes recebendo, de forma autónoma, quem chegasse de qualquer uma das direcções. Todavia, o que distinguia a cartuxa de Pesio de outros mosteiros da ordem cartusiana, sobretudo das cartuxas que se relacionavam desta forma com os elementos hidrográficos do local, residia na construção dos espaços de entrada directamente sobre o curso de água. Ou seja, os primeiros espaços de ambas as entradas configuravam uma ponte e em simultâneo um espaço interior que permitiam não só ultrapassar o obstáculo físico – o rio – como também fazer a transição do universo civil

²⁰ O conjunto de mais de duzentas gravuras que representam a estrutura de quase todos os mosteiros cartusianos está presente no livro *Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices* e está também patente nos anexos desta investigação, uma vez que o número de exemplares existente é bastante reduzido e o acesso a eles é muito limitado por se localizarem, na maioria, nas bibliotecas e arquivos de mosteiros cartusianos normalmente fechados ao público. Todas as gravuras foram digitalizadas a partir dos quatro volumes do livro pertencente à biblioteca de Santa Maria Scala Coeli, na cartuxa de Évora, e gentilmente autorizadas pelo prior Pe. Antão López a participar nesta investigação. **Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices**. Montreuil-sur-Mer, Tournai: Chartreuse de Notre-Dame des Prés, 1913. Tome Premier.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1915. Tome Deuxième.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1916. Tome Troisième.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1919. Tome Quatrième.

²¹ Também conhecida por cartuxa de Val-de-Pez.

para o espaço de clausura, através de um processo indirecto. Apesar de idênticas na função que lhe fora conferida, as entradas divergiam uma da outra não só na origem do percurso, mas sobretudo na sua composição. Enquanto uma dessas peças, representada na gravura à esquerda, era composta por um conjunto de espaços de recepção interiores e um pequeno pátio antes da ponte que fazia a transição para o espaço de clausura. A outra peça, representada na gravura à direita, invertia totalmente a organização anterior, sendo que a ponte antecedia o pátio de recepção e o respectivo edifício que permitia posteriormente o acesso à zona cenobítica do mosteiro. As duas pontes tinham ainda em comum um elemento superior que cobria quem, mediante ambas, atravessava o rio, não vedando, porém, a vista que permitia uma relação directa com o rio e a paisagem envolvente.

Por sua vez, a cartuxa de **MAUERBACH** possui um dos episódios mais dramáticos na utilização do elemento hidrográfico em benefício de um processo de entrada indirecto e com um significado particular para quem o percorre. A presença de um curso de água no terreno onde era pretendido implantar o mosteiro cartusiano, revelou-se fundamental para a delimitação da estratégia de implantação das diferentes zonas do conjunto monástico na paisagem e da sua organização programática. Deste modo, a cartuxa de Mauerbach foi edificada de forma a que o ribeiro existente a atravessasse e dividisse a zona da entrada das zonas cenobítica e eremítica, criando uma barreira física com elevada expressão não só na composição da estrutura morfológica do mosteiro, mas também na sua dimensão semântica e simbólica. No contexto religioso, a água sempre significou a purificação do corpo e da alma e, neste caso, deduz-se que poderia assumir o mesmo significado, influenciando fortemente no espírito daqueles que decidissem ingressar na vida de reclusão cartusiana e garantindo que aquele que alcançasse o *grande deserto* se encontrasse puro para o mais íntimo encontro com Deus.

À semelhança das cartuxas de Žice e Pesio, o limite deste conjunto monástico que recebia quem desejasse entrar na casa cartusiana de Mauerbach exibia uma série de acessos: a entrada principal, a entrada da capela *Sainte-Croix*, aberta ao público em geral mas especialmente dedicada às mulheres, cuja entrada no mosteiro era negada, e a entrada junto ao limite sul do conjunto que permitia o acesso ao pátio das obediências, onde se encontravam os espaços de trabalho, os celeiros e os armazéns. O acesso principal ao conjunto monástico era realizado através da portaria que se destacava junto das outras entradas pela dimensão da sua porta, permitindo o acesso a um espaço exterior de planta irregular dividido em duas partes pelo curso de água. A partir do grande espaço exterior era possível aceder ao edifício da hospedaria, situado logo após o atravessamento do ribeiro, como pode observar-se na gravura, e a partir dele era possível aceder ao pátio que servia os hóspedes e que concentrava o espaço da procura e os restantes espaços pertencentes ao prior. Afastada do canal de água, encontrava-se uma grande escadaria, através da qual se acedia lateralmente à igreja e, por fim, ao cenóbio e ao eremitério.

No que diz respeito ao tema da topografia destacam-se dois casos singulares: a cartuxa de Cazottes, edificada no ano de 1170, na região de Piemonte situada no norte de Itália, e a cartuxa de Coblentz, construída em 1331 na Alemanha, cujos processos de

entrada se desenvolveram através de uma significativa diferença de cota entre o momento de entrada na propriedade, no sopé de uma colina, e o restante conjunto monástico implantado no topo da encosta. Porém, desenhados de forma diferente: em Cazottes, o percurso desenrolou-se em continuidade com as características preexistentes da colina, enquanto que em Coblentz, a encosta foi considerada matéria para a construção desse percurso enterrado.

Na cartuxa de **CAZOTTES**, a implantação da portaria, contígua ao limite da cerca do mosteiro e numa cota bastante mais baixa do que a cota do restante conjunto edificado, oferecia desde logo um entrave que em muito favorecia a construção de um processo de entrada indirecto. Não obstante, é o percurso entre o espaço da portaria e a zona cenobítica do mosteiro que o tornava efectivamente lento e prolongado, tal como os monges ambicionavam. Para vencer esta diferença de cota não foi projectado um simples sistema de subida (como por exemplo, uma escadaria), recorreu-se ao desenho de um caminho que contornava um espaço de cultivo e, de seguida, a uma rampa de inclinação muito acentuada, situada à direita, cujo desenho afastava o caminhante do eixo estruturante do restante mosteiro e que permitia a leitura gradual do conjunto, sendo que o destino era um grande espaço exterior murado de traçado semi-circular que funcionava como pátio da Ave-Maria.

Por sua vez, na cartuxa de **COBLENTZ**, a subida ondulante ao cimo do monte, desde a portaria até à fachada que marcava a entrada do túnel, estava pontuada por pequenos edifícios que concentravam o programa da zona da entrada, tais como a hospedaria, o espaço onde funcionava a procura e também os espaços de trabalho que apoiavam os espaços de cultivos situados na cota mais baixa do terreno e que envolviam o caminho de acesso à cota mais alta. Os muros que delimitavam o caminho e os edifícios dispersos pela topografia irregular desenhavam entre si uma caminhada lenta para os que quisessem aceder aos espaços de clausura, como comprova a gravura. Contudo, pode deduzir-se que o episódio mais marcante deste processo de entrada estava reservado ao restante percurso de acesso, desenhado através de um túnel escavado na colina. Esse trajecto pelo interior da encosta, provavelmente com muito pouca luz, desencadeava certamente um momento de reflexão e produziria um grande impacto no momento de chegada à cota alta, pelo regresso à luminosidade e pela vista privilegiada, constituindo assim um processo de entrada único no contexto da arquitectura dos mosteiros cartusianos.

Pode dizer-se que, ao longo dos séculos XII e XIII, com o apoio dos métodos de salvaguarda descritos nos *Costumes*²², a ordem cartusiana definiu o traçado essencial da

²² Perante a difusão significativa dos ideais dos monges cartuxos e a consequente expansão dos complexos monásticos que se verificava no final do século XIII, foram criados pela ordem sistemas de ressalva dos ideais da arquitectura cartusiana, especialmente no que diz respeito ao isolamento dos monges em relação à sociedade civil, com o objectivo de controlar as fundações futuras. Na tentativa de manter puro o modo de vida sugerido por São Bruno surgem sucessivas iniciativas que visavam a sua salvaguarda, tais como a redacção oficial dos *Costumes* e a institucionalização do Capítulo Geral. Com o intuito de supervisionar este desenvolvimento, é de sublinhar ainda a criação de uma dupla de indivíduos, denominados de visitador e co-visitador, cuja função era visitar periodicamente todos os mosteiros da ordem, com o objectivo de fiscalizar se as casas cartusianas estavam a adoptar estritamente as normas estabelecidas pelos *Costumes*, sendo que estavam autorizados a accionar os meios necessários para a correcção de eventuais falhas.

sua estrutura. A partir dessa época não se verificaram inovações significativas, tanto na construção do espaço monástico cartusiano, bem como na forma de viver das comunidades, sendo que a maioria das cartuxas fundadas até ao século XIV confirmavam a preocupação das cartuxas pela utilização de elementos da morfologia do território para a construção de episódios relevantes no decorrer do processo de entrada, com vista a retardar e prolongar a descoberta do silêncio e do deserto cartusiano.

SEGUNDA PARTE

Perante a exposição e análise de tão ricos exemplos e tendo conhecimento de um grande número de processos de entrada relevantes representados nas gravuras presentes no livro *Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices*²³, pode depreender-se que muitas das fundações construídas a partir da segunda metade do século XIII souberam interpretar as premissas da casa primitiva e adapta-las ao seu território e às suas necessidades. Porém, apesar dos sistemas de salvaguarda das características originais da arquitectura cartusiana levados a cabo pela ordem e da existência de tantos exemplos de estruturas que dignificavam a identidade dos mosteiros da ordem de São Bruno, verificaram-se excepções em determinados mosteiros fundados a partir do século XIV, sobretudo na pouca atenção que despendiam ao processo de entrada. Perante os casos que desvirtuaram os princípios cartusianos e comprometeram os pontos defendidos pela ordem desde a sua fundação, o Capítulo Geral da ordem tentou clarificar os ideais que deviam ser seguidos pelas fundações futuras através dos *Novos Estatutos* redigidos no início do século XIV:

«Tomando conhecimento de muitos escândalos e censuras que chegaram à nossa Ordem, pela indiscreta e ligeira recepção de novas Casas menos suficientemente dotadas e carentes dos edifícios necessários, o que aumentará no futuro senão se toma uma solução adequada, estatuímos que nenhuma casa se recebe no futuro, senão tem rendas suficientes e posses para a sua sustentabilidade do prior e de doze monges, senão está situada num lugar adequado, distante das povoações e que tenha previamente edifícios suficientes construídos ou segurança de que se vão construir adequadamente»²⁴

Na tentativa de melhor controlar as comunidades, tornou-se indispensável o estabelecimento de um sistema que permitisse fazer-lo directamente, de uma forma contínua e relativamente próxima. E assim nascem as demarcações territoriais que agregavam um grupo de cartuxas de regiões aproximadas e entre as quais se estabeleciam importantes laços, «como se de uma família se tratasse»²⁵. Estas demarcações intitulavam-se de *províncias cartusianas*²⁶. A ordem não pretendia, com esta

²³ **Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices.** Montreuil-sur-Mer, Tournai: Chartreuse de Notre-Dame des Prés, 1913. Tome Premier.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1915. Tome Deuxième.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1916. Tome Troisième.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1919. Tome Quatrième.

²⁴ **Novos Estatutos (Statuta Nova).** [S.l., s.n., s.d.] Livro II, capítulo V, número 3.

²⁵ «cual si de una familia se tratase» BARLÉS, Elena – La arquitectura de la Cartuja: espacios y funciones. In **Del silencio de la Cartuja al fragor de la orden militar.** Valencia: Fundación Santa María la Real, 2010. p. 74.

²⁶ As províncias cartusianas que se conhecem e que estão descritas no livro *Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices*, segundo as quais se organizam os quatro volumes, são as seguintes: província de Chartreuse; província de Provence; província de Bourgogne; província de France-Sur-Loire; província de France-Sur-Seine; província d'Aquitaine; província de Picardie; província de Teutonie; província de Saint-Bruno; província de Toscane; província de Lombardie; província de Catalogne; província de Castille; província d'Angleterre; província de Rhin; província d'Allemagne Superieure e província d'Allemagne Inferieure.

divisão, a independência e autonomia destas províncias em relação à congregação; tinha como objectivo a criação de uma estrutura radial cujo centro seria sempre a casa-mãe – *Grande Chartreuse*, em Grenoble.

A ordem de São Bruno terá sido sempre uma congregação não tão difundida quanto outras ordens, no entanto, aqueles que tiveram o prazer de a conhecer terão sido conquistados pela sua espiritualidade e pelo seu particular modo de vida. Deste modo, muitos foram aqueles que desejaram ajudar a ordem – figuras eclesíásticas importantes, reis, nobres e burgueses – contribuindo, através de diversos meios, para a fundação de novos conjuntos monásticos nas regiões da sua jurisdição ou para o enriquecimento dos conjuntos já existentes. Este género de oferendas feitas por parte de benfeitores provocou um impacto muito significativo na arquitectura desta congregação. As alterações sofridas pela arquitectura cartusiana derivaram, desde logo, da aceitação por parte da ordem de lugares mais acessíveis para a implantação das suas casas. Lugares com uma topografia menos acidentada e contemplados com um clima mais afável foram aceites para fundação, não de todos mas, ainda assim, de um grande número de novos mosteiros. Este dado poderia ser visto como um factor pouco relevante se não se tratasse de um ponto de partida para oferendas mais desajustadas no contexto da vida eremítica. Salieta-se por isso a complacência da ordem perante a oferta de terrenos muito aquém dos padrões do monaquismo cartusiano primitivo, aquando da aceitação de áreas bastante aproximadas da cidade, por exemplo, expressando assim uma clara afronta ao objectivo inicial de São Bruno – o isolamento extremo da sociedade civil. Contudo, apesar da existência de algumas cartuxas construídas consoante perspectivas desfavoráveis supramencionadas, interessa a esta investigação estudar aquelas que conseguiram, justamente, contornar tais contrariedades.

No caso da doação de terrenos para a construção de raiz de conjuntos cartusianos existem dois modelos italianos (e por coincidência, ambos napolitanos) que se evidenciam dos demais, tanto pelas características do lugar proposto pelos benfeitores mas, sobretudo, pelas estratégias utilizadas para a construção do deserto cartusiano num lugar próximo de uma população, embora dispersa: a cartuxa de San Martino, fundada em 1325 na cidade de Nápoles e a cartuxa de San Giacomo, fundada em 1370 na comuna de Capri, na ilha homónima situada no golfo de Nápoles.

O terreno cedido para a implantação da cartuxa de **SAN MARTINO** exibia uma posição dominante sobre a cidade de Nápoles, uma vez que se encontrava adjacente ao castelo de S.^{to} Elmo, no topo da colina de S.^{to} Erasmo. Contrariamente ao ideal cartusiano, qualquer construção que fosse ali implantada não estaria escondida do mundo, por isso, os eremitas tentaram resguardar e isolar o conjunto monástico da sociedade e da vida da metrópole. Depois da subida ao cimo da colina, que em si constituía já um modo de retardar o acesso ao mosteiro, foi definido um recinto exterior para receber quem chegava ao mosteiro, através do qual era possível aceder à portaria, à hospedaria, à capela pública.

É de evidenciar neste conjunto monástico uma série de espaços dedicados ao acolhimento daquelas que viam o seu acesso ao mosteiro negado – as mulheres. Fruto do desenvolvimento da ordem, destaca-se a tentativa de criar condições aos eremitas para que estes mantivessem uma vida de clausura sã, dotando as casas de espaços destinados

a receber as visitas das mães, irmãs e restantes familiares do sexo feminino. Para elas foi construído um pequeno pátio, onde florescia o *jardim das mulheres*, rodeado por um espaço interior onde esperavam pelos homens que normalmente as acompanhavam e que tinham acesso permitido ao mosteiro e ainda um locutório, onde era realizado o contacto breve com os familiares eremitas.

Ainda na zona da entrada, a partir do espaço da portaria realizava-se a passagem para uma galeria, de onde se podia observar o pátio de entrada que se seguia, a fachada da igreja que se impunha à direita e a galeria situada em frente, do lado oposto do dito pátio. Atravessando a referida galeria e um pequeno vestíbulo era permitido o acesso ao claustro do procurador²⁷, rodeado pelos espaços da *procura* onde o monge desempenhava as suas funções e pela farmácia que socorria tanto os monges cartuxos como também para os peregrinos e os mais necessitados. O espaço exterior que se seguia, construído aquando as ampliações efectuadas no decorrer do século XVI, situava-se no extremo oposto do mosteiro em relação à entrada e estava rodeado dos espaços (de dimensão muito generosa) do domínio do prior da casa. Num dos espaços interiores que rodeavam este pátio encontrava-se um espaço de excepção - uma *namoradeira* - através do qual era possível contemplar a paisagem da baía de Nápoles e o Mar Tirreno a perder-se de vista. Este era um dos raros momentos que propunha uma relação privilegiada com o exterior, protegida pela diferença de cota entre o local onde se implantava a *namoradeira* e a malha urbana.

É certo que à época da fundação da cartuxa de San Martino, o conjunto monástico tinha uma dimensão mais modesta do que a que exhibe nos dias de hoje, todavia, sublinhava-se a ampliação do edifício, no contexto de uma reestruturação realizada no século XVI, que executou precisamente a consolidação do processo de entrada mediante a adição de dois claustros e respectivas dependências²⁸.

À semelhança do lugar de San Martino, outros terrenos particulares napolitanos foram doados para a construção de um deserto cartusiano, como é o caso da cartuxa de **SAN GIACOMO** (ver separador SG). Esta casa distingue-se pela implantação numa ilha que é, por definição, um prolongamento do relevo em isolamento absoluto, cercada por água em todo o seu limite. Não obstante, essa circunstância não gerou uma construção menos cerrada. Apesar de quase virgem, este território era já povoado embora de forma dispersa, e por isso, os monges dedicaram a sua atenção não só às zonas cenobítica e eremítica, mas sobretudo à zona da entrada, tal como ditavam os exemplos primitivos. Deste modo, a cartuxa de Capri foi construída segundo os princípios de salvaguarda defendidos pela ordem e possui um processo de entrada indirecto e prolongado. Aliás, a implantação minuciosa do mosteiro revela a intenção de resguardo tanto no momento de entrada no conjunto, próximo do caminho que faz a ligação ao centro da ilha, como também no percurso de chegada ao mosteiro utilizado por quem chega à ilha pelo Mar Tirreno. O momento de entrada no mosteiro era feito no extremo do conjunto edificado

²⁷ Um dos claustros que fora construído nas reformas do século XVI.

²⁸ Em 1578, o ano da referida renovação e expansão do mosteiro, além de fortalecer a zona da entrada, foram também recuperadas a maioria das dependências já existentes e o claustro da igreja.

mais distante da costa e marcava o começo de um processo de entrada indirecto e até recôndito, parecendo procurar camuflar-se no terreno. No que diz respeito ao acesso por mar, o percurso de ligação entre a cartuxa e o limite da costa (*Marina Piccola*) parecia por si só também cartusiano (apesar de não ter sido construído com esse intuito) pelo seu desenho indirecto e sobretudo prolongado²⁹.

Por outro lado, as dádivas efectuadas por benfeitores não compreendiam apenas terrenos para a edificação de novas estruturas, abarcavam também património da sua jurisdição, pelo qual na maioria das vezes tinham grande afeição. De resto, o interesse no desenvolvimento desta ordem tão peculiar por parte dos benfeitores era proporcional ao valor que isso representava perante a sociedade, e conseqüentemente, na popularidade dos mesmos no seio da população. Mas este facto não limitou os monges na transformação do espaço doado no espaço ideal para acolher o silêncio cartusiano. Terreno virgem ou palácio, casa nobre ou castelo, os princípios eram os mesmos: tornar aquele espaço num deserto, cujo o percurso de acesso e respectivo processo de entrada configurasse um momento único, de transição indirecta, lenta e prolongada para o espírito e espaço cartusiano.

Na verdade, independentemente da natureza da oferenda, a cada situação os monges reinventavam-se e produziam distintas estratégias de defesa e isolamento das suas casas, tanto do universo civil como também do dador que, na maioria das vezes, beneficiava naturalmente de uma relação estreita de proximidade do conjunto monástico. Ao contrário das cartuxas de San Martino e San Giacomo cuja a oferenda configurava um terreno destinado à construção, certas cartuxas foram fundadas a partir de património edificado doado, tal como sucedeu no mosteiro cartusiano de Pierre-Châtel, fundado em 1383, na cidade de Virignin, situada na região de Rhône-Alpes.

No que diz respeito à cartuxa de **PIERRE-CHÂTEL** (ver separador CT), destaca-se desde logo o facto do terreno, onde foi erguido o mosteiro, se situar num desfiladeiro rochoso, profundo e estreito esculpido por um braço do rio Le Rhône, não muito longe das terras de Chambéry e da abadia de Hautecombe e perto do cruzamento da rota que controlava o curso de água fluvial e o acesso à capital.

Este foi o lugar escolhido pelos condes de Sabóia para a construção da sua residência, sendo que no seu testamento, datado de 1383, o conde de Sabóia Amadeus VI ordenou a fundação da cartuxa de Pierre-Châtel sobre o seu castelo³⁰. Para a integração programática das funções cartusianas, o conjunto existente sofreu várias modificações e ampliações. No fundo, devido à natureza fortificada reconhecida no castelo, os monges empregaram a sua atenção na composição das diferentes zonas do mosteiro, nomeadamente na disposição do percurso de entrada no mosteiro e dos espaços a ele afectos. Novos edifícios, muros, passagens, pátios, jardins e terraços foram construídos na tentativa de fortalecer a estrutura do antigo castelo e de consolidar o acesso ao deserto cartusiano.

²⁹ A necessidade de vencer uma diferença de cota de mais de 100 metros levou à construção de um percurso de subida ondulante escavado na rocha, conhecido pelo nome de *Via Krupp*.

³⁰ Segundo as palavras do conde de Sabóia, o mosteiro deveria abrigar quinze monges que, de forma simbólica, lembraria os quinze cavaleiros pertencentes à ordem de cavalaria de Collier, também fundada por ele.

Não obstante, na sequência das oferendas à ordem cartusiana, distinguem-se também os exemplos cuja comunidade religiosa foi obrigada a gerir não só a conversão do património existente no seu espaço de culto mas, sobretudo, a coabitação com o seu benfeitor e com as pessoas que o rodeavam, como sucedeu na cartuxa de Villeneuve-lez-Avignon, fundada em 1356, no vale de Bénédiction em Gard; na cartuxa de Val d’Ema, fundada em 1341, em Galuzzo na cidade de Florença e na cartuxa de Santa Maria de El Paular, fundada em 1390, em Rascafria.

A cartuxa de **VILLENEUVE-LEZ-AVIGNON** é um bom exemplo da capacidade de interpretação das dádivas dos benfeitores por parte da comunidade cartusiana e daqueles que participavam na obra, edificando o mosteiro contíguo ao palácio onde habitava o benéfico – Papa Inocência VI³¹. Na tentativa de construir, da forma mais justa possível, um espaço de silêncio e solidão tão próximo da habitação existente, optaram por implantar a zona eremítica e a zona cenobítica a norte do palácio, sendo que o programa referente à zona da entrada foi implantado a este e sudeste do mesmo. De forma a reforçar esta divisão e a intensificar a transição do universo secular para os espaços de clausura, foi construída uma série de espaços exteriores e interiores que constituem um processo de entrada indirecto, lento e prolongado, tal como desejavam os monges. A entrada para o mosteiro era feita através do edifício da portaria, seguido pelo pátio das mulheres ladeado por espaços de recepção das mulheres, estábulos e oficinas. A partir do pátio das mulheres e depois de atravessar um monumental portão, o percurso era feito ao longo de uma alameda de amoreiras até à hospedaria, situada à direita, e aos espaços da procura que trancavam o final da alameda. Dos espaços que abrigavam o programa da procura acedia-se, por conseguinte, ao pátio da igreja que permitia o acesso à mesma, aos espaços do domínio do prior da casa, à biblioteca, constituída em grande parte pelas doações realizadas pelo papa Inocência VI, e também à hospedaria dos oficiais e eclesiásticos que visitavam pontualmente o mosteiro. Por sua vez, estes espaços mantinham uma ligação com o claustro de Saint-Jean, a sul da igreja, onde se localizava o antigo pátio do palácio do papa Inocência IV³². Os restantes espaços do palácio situavam-se a oeste e a norte deste claustro, sendo rodeado pelas celas dos irmãos leigos e alguns espaços de trabalho nos restantes limites.

Por sua vez, a cartuxa de **GALUZZO** (Ver separador VE), situada no vale de Ema, nos arredores da cidade de Florença, é um dos exemplos mais relevantes da ocupação pelos eremitas de um espaço habitado com uma natureza não religiosa e da gestão da presença quotidiana do seu dador – o nobre florentino Niccolò Acciaiuoli³³ – em benefício da vida em clausura.

Sem desvirtuar a identidade de um espaço que se queria cartusiano, a transformação deste lugar habitado num sítio deserto passou pela utilização do edifício do

³¹ O papa Inocência VI, nascido em terras de domínio cartusiano, era muito ligado a esta ordem religiosa, sendo que em 1356 expressou largamente o seu agrado comprando terras contíguas à sua residência, no vale de Bénédiction em Gard, perto do forte de *Saint-Andrew* para construir uma cartuxa ao lado do palácio onde residia.

³² A última vontade do papa era ser enterrado, aquando da sua morte, em terreno cartusiano, por isso, em 1360, mandou construir uma capela a sul da igreja para abrigar a sua tumba.

³³ Gran Siniscalco del Regno di Napoli

domínio do nobre e de pessoas alheias ao quotidiano dos eremitas como filtro no processo de entrada no mosteiro, garantindo o pleno isolamento dos monges, a salvaguarda da sua privacidade e uma chegada indirecta e, conseqüentemente, prolongada ao interior do espaço cartusiano por parte daqueles que haviam garantido a autorização prévia. De resto a construção das dependências essenciais à vida dos monges cartuxos tendo em consideração a preexistência – que funcionava como espaço charneira entre os espaços da zona da entrada e a zona cenobítica, e por conseguinte, a zona eremítica – permitiu a divisão física, e até visual, destes dois ambientes. Em suma, esta divisão programática e o atravessamento de espaços com uma natureza e carácter tão distintos tinham como objectivo a preparação da entrada num universo especial, rigoroso no silêncio e aberto à mais pura solidão. A melhor prova da possibilidade de conversão de qualquer conjunto edificado num espaço cartusiano de qualidade reside no facto desta cartuxa se manter em pleno funcionamento nos dias de hoje.

A fundação da cartuxa de **SANTA MARIA DE EL PAULAR** (ver separador EP) surgiu da vontade de um benfeitor – Henrique II de Castela – que ordenou ao seu filho (João I de Castela) a construção de uma casa cartusiana, na tentativa de se redimir do facto do seu exército ter incendiado um mosteiro dessa ordem no decorrer de uma das batalhas do seu reinado. Situada no interior da Serra de Guadarrama, a cartuxa de Santa Maria de El Paular está circundada a norte pelo pequeno povoado de Rascafría a 2,5 quilómetros de distância, a sul pela cidade de Madrid a 80 quilómetros de distância e a noroeste pelo pico de Peñalara e pela cidade de Segóvia a 20 quilómetros de distância. A escolha da localização deste mosteiro foi feita pelo monarca, doando os terrenos da sua preferência junto de uma pequena ermida³⁴ (que viria a pontuar a entrada da futura cartuxa), para a construção de raiz não só do mosteiro cartusiano mas também de espaços para a sua residência pessoal. À semelhança dos mosteiros analisados anteriormente, a conjugação entre os edifícios cartusianos da zona da entrada e os edifícios que abrigavam o programa destinado à residência real foi decisiva na construção de um processo de entrada indirecto e prolongado, característico da identidade da arquitectura cartusiana. Contudo, encontram-se episódios no processo de entrada em Santa Maria de El Paular que distinguem a entrada deste mosteiro de outras pertencentes a bons exemplos da mesma ordem. Como demonstra a gravura e a planta do mosteiro, a divisão programática dos espaços dos monges e dos espaços do monarca levou à edificação de duas entradas separadas – a secular e a monástica – através das quais se acedia ao conjunto monástico de distintas formas: uma das entradas dá acesso aos espaços do conjunto destinados ao quotidiano do benfeitor, sendo que a outra entrada dirigia os monges e pretendentes para os espaços religiosos pertencentes à comunidade cartusiana.

Apesar da exposição de casos de estudo com soluções notáveis para a vivência cartusiana, importa referir que as alterações provocadas pelas dádivas na identidade do

³⁴ Esta ermida tinha o nome de Santa Maria de El Paular e deu o nome ao mosteiro cartusiano que ali se construiu. Actualmente, a ermida ainda existe embora denominada de Capela de Nossa Senhora de Montserrat.

espaço cartusiano abarcam também a questão da demonstração do poder dos benfeitores através das suas contribuições. Os cartuxos, que se caracterizavam não só pela sua humildade como também pela sua flexibilidade, cederam com relativa facilidade a novas soluções arquitectónicas que, por vezes, reflectiam apenas os anseios caprichosos de fundadores e benfeitores, o que originou um notável enriquecimento da ordem. Como pode compreender-se, este enriquecimento terá provocado expressivas modificações na arquitectura cartusiana, conduzida até então pelas pautas da pobreza e da sobriedade. Deformados os princípios primordiais da ordem, mudou-se a maneira como se projectava e construía o espaço monástico. A construção de obras grandiosas por parte de determinados fundadores, exigindo grandes manifestações artísticas, era pensada como uma forma de se exaltarem aos olhos de Deus e de, sobretudo, dignificarem a sua imagem perante os Homens. O seu entusiasmo e a sua persistência junto dos membros da ordem, em simultâneo com o desejo de ostentação mudaram significativamente o aspecto de determinados mosteiros³⁵.

Para além das propriedades oferecidas para a fundação de novas casas, muitos benfeitores insistiram em ceder bens materiais que ajudassem ao desenvolvimento de mosteiros e aumentassem o património da ordem, tais como: propriedades imobiliárias rurais e urbanas com as respectivas rendas, património religioso, entre outros. Respondendo positivamente à pressão que estes lhes impunham, as comunidades cartusianas foram aceitando como forma de consideração e agradecimento pelo bem que lhes queriam. Deste modo, o contributo dos fundadores e benfeitores exerceu também uma influência significativa no íntimo da vida cartusiana, provocando uma alteração na economia interna da congregação, em particular de determinadas comunidades. Desde a fundação da ordem, os monges geriam a economia das suas casas apenas com o produto resultante dos recursos agrícolas e da criação de gado, ao cuidado dos irmãos conversos. Contudo, a partir do momento das generosas dádivas, certas comunidades passaram a sobreviver através dos meios propostos, chegando mesmo a enriquecer.

Desde do final do século XII e durante todo o século XIV, a ordem consentiu ainda mais uma transigência. Os benfeitores, os fundadores dos mosteiros, e até figuras importantes das regiões onde se situavam as cartuxas, exerceram grandes pressões junto da ordem para que pudessem ser sepultados, aquando da sua morte, no cemitério das casas cartusianas que tinham ajudado a fundar ou pelas quais tinham grande apreço. O Capítulo Geral da ordem cedeu mais uma vez e autorizou então a presença de sepulturas no interior do território cartusiano, sendo que, em certos casos, se situavam dentro do limite interior do claustro maior, junto do cemitério dos monges. Por conseguinte, a necessidade de separar os monges daqueles que não o eram e de celebrar as missas que

³⁵ O exemplo mais claro dessa influência e que reflecte por completo a desvirtuação sofrida é a cartuxa de Pavia, fundada em Itália em 1396 pelo duque Gian Galeazzo Visconti e constantemente enriquecida pelos seus sucessores, cujo objectivo era exaltar e celebrar o prestígio da família. A estrutura do mosteiro reflecte o mais rico e imponente conjunto monástico da ordem cartusiana e representa um dos testemunhos históricos mais magníficos da região da Lombardia. A dedicação ao projecto de enriquecimento do edifício deixou de parte a preocupação em construir um processo de entrada característico da arquitectura cartusiana, como os que analisamos ao longo desta investigação, sendo que a única característica que ajuda a retardar a chegada ao cenóbio, e por conseguinte ao eremitério, é apenas a dimensão muito generosa do pátio da entrada.

as famílias dos defuntos exigiam, levou à construção de capelas e novos altares, também dentro dos limites do território cartusiano e até do grande claustro, que servissem para o sepultamento e para a celebração dos respectivos louvores, alterando assim a imagem pura do claustro maior.

Tais cedências para com a sociedade acabaram por ter também algumas vantagens, para além da ajuda que obviamente davam às comunidades. Estas acções trouxeram visibilidade à ordem, atraindo novas vocações e aumentando o número de religiosos em cada mosteiro. Assim sendo, em 1324, o Capítulo Geral autorizou a admissão de 20 padres por casa; em 1332 aumentou para 24 padres e nos séculos posteriores foi consentida a presença de 36 padres por cada mosteiro.

Não é de todo difícil imaginar as transformações que este aumento também terá provocado nos mosteiros, nomeadamente na sua configuração. Recorrendo mais uma vez às plantas apresentadas anteriormente, é possível observar a construção de um segundo claustro maior, e por vezes de um terceiro (de grandes dimensões e rodeado de celas individuais, tal como os primeiros) para fazer face ao aumento do número de habitantes e à quantidade de donativos recebidos. Esta solução era permitida tanto nas construções realizadas de raiz bem como nas ampliações realizadas nos mosteiros já existentes. A nova configuração começou a ser adoptada no início do século XIII e foi sendo difundida nos séculos seguintes, tendo como exemplo a ampliação da Grande Chartreuse, em Grenoble, em 1332³⁶.

No decorrer do desenvolvimento da ordem cartusiana e com a extinção definitiva da divisão programática do conjunto em duas partes – a *casa alta* e a *casa baixa* – como consequência do melhoramento da economia (descrita anteriormente), alcançou-se o **esquema definitivo da cartuxa**, como denomina Élena Báguena. Esta fusão reuniu no mesmo conjunto edificado os diferentes âmbitos da vida cartusiana, tendo organizado a sua estrutura de forma a que se distinguisse perfeitamente qual a zona reservada à entrada no mosteiro e o espaço das *obediências*, a zona cenobítica e a zona eremítica.

O esquema clássico do conjunto monástico cartusiano passou então a ser constituído pelos seguintes espaços:

- o espaço reservado à **entrada** no conjunto monástico e denominado de portaria.

O resguardo do conjunto e o controlo do restrito acesso ao mosteiro era feito a partir deste espaço e estava ao cuidado do irmão porteiro que, em muitos casos habitava numa habitação junto à entrada. Este espaço era o único ponto em todo conjunto que permitia o

³⁶ Nas novas fundações esta opção foi ponderada, sendo que em determinados mosteiros, caso a construção de um segundo ou terceiro claustro não fosse imediatamente necessária, ficava enunciada essa possibilidade. Exemplo disso é a cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, em Évora, uma vez que as galerias sudeste e noroeste do claustro maior se estendem como se indicassem uma passagem, no entanto estão barradas pela presença de uma parede com uma pequeno vão, deixando adivinhar, do outro lado, a paisagem alentejana. Caso se percorra o terraço esquecido que cobre as referidas galerias, é possível observar a quebra do muro que o delimita, assinalando o encontro da galeria nordeste com as galerias sudeste e noroeste e desenhando «dois miradouros que, contraditoriamente à clausura cartusiana, se destinam ao domínio visual da paisagem constituída pelas terras agrícolas em torno do mosteiro, o seu desertum», tal como nos descreve Luís Ferro.

FERRO, Luís – **O Espaço do Eremitério de Santa Maria Scala Coeli: A Casa Cartusiana do Alentejo**. Évora: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada na Escola de Artes da Universidade de Évora. p. 28.

contacto do interior do recinto com o exterior, sendo apenas utilizado com esse propósito em raras excepções.

- a zona das **obediências** que se situava sempre à entrada do conjunto, diz respeito ao espaço de uso específico dos irmãos conversos, composto por pequenas habitações destinadas à residência dos mesmos, geralmente distribuídas em torno de um pequeno claustro ou pátio; espaços que integravam os serviços de que estavam encarregados: trabalho agrícola, animal e artesanal; em alguns casos, espaços para os criados, como por exemplo a cozinha e as suas habitações; pela *procura* que diz respeito à cela e aos outros espaços do domínio do procurador (o único monge que mantém um contacto regular com o exterior para gerir a casa e tratar de todos os assuntos externos à propriedade); pela hospedaria que tem como função albergar os visitantes da cartuxa e para acolher, esporadicamente, os familiares dos monges do sexo masculino e em certos casos por uma capela pública geralmente reservada às mulheres e situada junto à portaria, onde se rezavam missas com a presença de pessoas externas à comunidade, como acontece na cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, em Évora.

- o **cenóbio**, um conjunto de dependências onde a comunidade do mosteiro se reunia para realizar actividades em comum. Estes espaços organizavam-se, geralmente, em redor de um (e mais tarde dois) claustro(s) menor(es), chamados pelos padres de *claustrinho(s)* devido as suas dimensões reduzidas e estavam ligados por corredores e pequenas antecâmaras. O *claustrinho* revelava-se fundamental na organização das dependências de uso comum, reunindo em seu redor a igreja e a sua sacristia, a sala capitular, a biblioteca, o refeitório e a cozinha, onde era confeccionada a comida servida diariamente nas celas de cada monge, bem como a comida servida ao domingo no refeitório comum para toda a comunidade.

A igreja era o espaço de maior dimensão, composta por uma única nave e dividida em duas partes, uma zona dedicada ao coro dos irmãos e outra para o coro dos padres, permitindo o acesso directo à sacristia. A sala capitular ou capítulo também representava um lugar de grande importância para a ordem, uma vez que se tratava do lugar onde a comunidade se reunia com o prior e com o procurador para tratar de assuntos importantes (como por exemplo: a admissão dos noviços); para tomar decisões, para ter instrução religiosa e direcção espiritual, para ouvir a leitura dos *Estatutos* e realizar as confissões públicas dos monges, no fundo «a arquitectura da sala capitular reflectia a dignidade da sua função, e de facto era a dependência mais cuidada depois da igreja»³⁸.

Do domínio cenobítico ainda faziam parte várias capelas, salas, espaços de ligação entre dependências de carácter e dimensões distintos, pátios ou pequenos espaços

³⁷ As residências dos irmãos leigos situadas na zona das obediências deixaram, gradualmente, de existir pelo facto do número de vocações ter reduzido. Na presença de poucos monges no mosteiro não fazia sentido que habitassem em zonas separadas, sendo que actualmente os monges leigos habitam em celas individuais do eremitério, junto dos monges brancos, praticando diariamente as suas funções habituais na zona das obediências.

³⁸ «En fin, la arquitectura de la sala capitular reflejaba la dignidad de su función, y de hecho era la dependencia más cuidada después de la iglesia.» BARLÉS, Elena – La arquitectura de la Cartuja: espacios y funciones. In **Del silencio de la Cartuja al fragor de la orden militar**. Valencia: Fundación Santa María la Real, 2010. p. 78.

exteriores e claustros de pequena dimensão para organização do cenóbio (se este concentrasse um grande número de dependências).

- o **eremitério**, a zona do mosteiro onde se reúnem as celas individuais dos monges em torno do claustro maior, delimitado por quatro galerias cobertas que permitiam a perfeita comunicação entre as habitações e o espaço cenobítico.

O claustro maior era atravessado raras vezes (excepto aquando de uma cerimónia fúnebre, cuja celebração se realizava no cemitério que se situava dentro dos limites do claustro maior), privilegiando assim um percurso regrado pelas suas galerias, sem que obstáculos como as condições climáticas ou a escuridão impedisse o cumprimento pontual das actividades litúrgicas. Este espaço exterior destaca-se de todo o conjunto pela capacidade de centralizar o espírito eremítico e é por isso visto como o cunho das casas cartusianas, tendo predominado ao longo da sua evolução.

A consolidação a que chegou a estrutura monástica cartusiana, em pleno século XV, contribuiu significativamente para a difusão, embora menos significativa, da congregação nos séculos subsequentes. Tendo em conta a sua evolução morfológica, as cartuxas não só se construíram como reflexo do seu lugar como também foram filhas do seu tempo. A partir do século XV, a expansão da ordem e consequente fundação das suas casas não terá sido tão extensa como até ali, contudo foram erguidos 17 mosteiros no século XVI, 24 mosteiros no século XVII. Durante o século XVIII não terá sido fundada de raiz nenhuma casa mas destacam-se as ampliações, os restauros e as reconstruções parciais ou completas em diversas casas da ordem, tanto nas igrejas e nos claustros, devido à antiguidade das primeiras casas e à necessidade de recuperação das casas que haviam sofrido danos, como também, nos espaços da zona da entrada, consolidando a transição entre o espaço de clausura e o exterior.

Ainda no contexto das oferendas por parte de benfeitores à ordem cartusiana, salienta-se o caso da comunidade de Burgos que vivia segundo o espírito cartusiano num palácio doado por Juan II de Castilha para o efeito. Não obstante, a casa cartusiana de Burgos distinguia-se não só pelos contornos da sua origem mas sobretudo pela sua refundação. Perante a ocorrência de um incêndio que destruiu todo o palácio, a comunidade aproveitou a infelicidade para a construção de raiz de um novo mosteiro. A nova casa intitulada de cartuxa de **SANTA MARIA DE MIRAFLORES** (ver separador MF) foi construída segundo as bases primitivas da arquitectura cartusiana, constituindo por isso um exemplo de interesse no contexto do estudo da estrutura monástica cartusiana e do processo que lhe dá entrada.

Em suma, evidencia-se através dos casos de estudo analisados neste trabalho a importância dos espaços de entrada no entendimento da unidade do conjunto edificado enquanto espaço cartusiano, assumindo uma significativa presença no seu todo pela vivência do caminho percorrido.

TERCEIRA PARTE

Considerando uma visão integral da composição espacial da maioria das casas cartusianas, através das gravuras presentes no livro *Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices*³⁹, reconhece-se não só a importância da transição entre o exterior e o interior do espaço de clausura mas também o grande esforço feito por parte das comunidades para conservar esse domínio intermédio e, por vezes, reinventá-lo diante das desventuras que muitas das estruturas monacais sofreram.

Em virtude do desenvolvimento da ordem cartusiana e das alterações sociais, económicas e políticas mundiais ocorridas ao longo do tempo, foram adoptadas diversas e distintas soluções na recuperação dos conjuntos edificados mas, sobretudo, do processo de entrada cuja identidade se desvirtuou: a ampliação da zona da entrada como sucedeu na cartuxa de Portes, Porta Coeli e Val-Dieu; a construção de uma entrada/filtro adicional como aconteceu na cartuxa de Buxheim ou na estratégia de implantação do conjunto edificado consoante os pressupostos dos modelos primitivos, embora com os recursos actuais e até preexistentes, como podemos observar na cartuxa de Santa Maria de Montalegre.

Como consequência da melhoria da economia da ordem cartusiana a sobrevivência dos padres deixou de depender apenas do trabalho dos irmãos conversos e do rendimento que provinha dele. O trabalho dos irmãos já não era tão intenso e não representava um inconveniente ao quotidiano silencioso dos monges brancos, deixando por isso de fazer sentido a divisão programática do conjunto em duas partes distintas e separadas: a *casa alta* e a *casa baixa*. Deste modo, as fundações que se seguiram passaram a integrar num só recinto os dois complexos.

A partir do século XIII⁴⁰, muitos dos conjuntos edificados onde haviam existido as antigas *casas baixas* foram então convertidos ora em espaços de auxílio aos monges, como por exemplo a *casa baixa* da Grande Chartreuse que começou por ser convertida em enfermaria para monges doentes; ora em empresas e novas instituições que permitiam o contacto da população com actividades relacionadas com o universo cartusiano, tais como a actual ocupação da Grande Chartreuse (desde 1957) com vista a reter o fluxo de visitantes a jusante do mosteiro e a dar a conhecer a ordem cartusiana – Musée de la Grande Chartreuse (Museu da Grande Cartuxa).

Como consequência directa da extinção das *casas baixas*, os mosteiros cartusianos que haviam sofrido tal alteração sentiram a necessidade de consolidar a zona da entrada,

³⁹ **Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices.** Montreuil-sur-Mer, Tournai: Chartreuse de Notre-Dame des Prés, 1913. Tome Premier.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1915. Tome Deuxième.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1916. Tome Troisième.

Maisons de l'Ordre des Chartreux – Vues et Notices. Parkminster, Sussex: Chartreuse de Saint-Hugues, 1919. Tome Quatrième.

⁴⁰ As casas baixas foram sendo eliminadas ou convertidas noutros programas de forma progressiva e gradual a partir do século XIII, sendo que as últimas casas baixas foram suprimidas só no século XVII, no ano de 1679, por ordem do Capítulo Geral da ordem cartusiana. Contudo, as residências dos monges leigos e os espaços de serviços inerentes à subsistência e manutenção dos mosteiros continuavam a ser evocados, por diversas vezes e em distintas ocasiões nos Estatutos da ordem (em particular, na edição de 1869), como áreas pertencentes à casa baixa, até ao final do século XIX.

como foi o caso da Grande Chartreuse (descrito e analisado anteriormente). Se compararmos a gravura com a gravura é possível constatar que, em 1688, a *casa alta* se apresentava mais consolidada do que no ano de 1649. É ainda possível atestar a construção do espaço das obediências em reacção à extinção das funções da *casa baixa*, uma vez que surgiu a necessidade de criar um novo conjunto de edifícios, junto da casa alta, onde os monges leigos pudessem executar as suas actividades diárias. Nos dias de hoje, a questão da procura de terrenos férteis para a produção de sustento para comunidade não tem o significado de outrora visto que os monges recebem a ajuda de algumas instituições e as questões de salvaguarda do mosteiro e de recepção dos visitantes passou a ser do domínio do Museu da Grande Cartuxa.

Conforme o sucedido na Grande Chartreuse, outros mosteiros responderam aos problemas causados pela extinção das suas casas baixas com soluções de consolidação do seu processo de entrada. Um dos modelos cartusianos cuja evolução morfológica demonstra a consolidação da *casa alta* com base no reforço do processo de entrada no mosteiro é a cartuxa de **PORTES**⁴¹. Fundado em 1115, o complexo monástico de Portes foi sendo edificado até aos finais do século XVII, época da construção da igreja. Contudo, na sequência da Revolução Francesa e, por conseguinte, da extinção das ordens religiosas, os edifícios foram abandonados pelos monges, o que, mais tarde, os levou à ruína. Contudo, em 1855, a ordem dos cartuxos conseguiu reaver o que restava do mosteiro e empenhou-se fortemente na reconstrução dos edifícios conforme os planos originais. O espírito cartusiano permaneceu na cartuxa de Portes até ao início do século XX, época em que cedeu novamente.

No entanto, em 1953, os monges cartuxos regressaram à cartuxa de Portes com a paciência e motivação que lhes era característica e restauraram, uma vez mais, o mosteiro. Visto que no início do século XX a divisão programática dos mosteiros (*casa baixa/casa alta*) já não constava nos *Estatutos* da ordem, os edifícios onde estava instalada anteriormente a *casa baixa* da cartuxa de Portes, a mais de dois quilómetros da *casa alta*, foram convertidos em património do estado francês. No que diz respeito à *casa alta*, a comunidade de Portes optou por consolidar o seu processo de entrada uma vez que a casa baixa já não executava a função de salvaguarda do mosteiro. Nesse sentido, é de sublinhar a construção de diversos espaços antes da portaria para albergar o programa referente a alguns dos serviços necessários ao quotidiano dos monges leigos e à recepção de visitantes, familiares, peregrinos ou mendicantes que recorressem ao mosteiro, constituindo deste modo uma zona de filtro de dimensão significativa.

Recorrendo à gravura e à legenda que nela consta, é possível observar que, antes da portaria, foi construído um pátio delimitado de um dos lados por um celeiro e do outro lado pela hospedaria. O espaço para recepção e alojamento dos hóspedes tinha como

⁴¹ A cartuxa de Portes foi o terceiro mosteiro da ordem cartusiana a ser construído, em honra de (Nossa Senhora de Portes) e com a ajuda de Bernard de Varey y Ponce, monges da abadia de Ambronay. A segunda cartuxa a surgir depois da Grande Chartreuse denomina-se de cartuxa de Calábria ou cartuxa da Serra de São Bruno e foi fundada em Itália no ano de 1090, tendo como padroeiro San Esteban de la Torre e São Bruno e como incentivadores São Bruno e Roger (Conde da Calábria e da Sicília). Apesar dos largos anos volvidos desde a sua fundação e as intempéries pelas quais tem passado a ordem cartusiana, os três primeiros mosteiros continuam abertos e em bom funcionamento.

particularidade a variedade de acessos. É de sublinhar, em particular, o acesso da hospedaria que comunica com um caminho secundário, paralelo ao caminho de chegada ao mosteiro. A partir desse acesso, os hóspedes poderiam deslocar-se do interior para o exterior da hospedaria sem interferir na vivência dos monges, tanto no pátio do celeiro, como também na entrada do mosteiro.

Do lado esquerdo da portaria, no sentido da chegada, foi construída uma pequena capela pública, como já era habitual nos mosteiros anteriores, para utilização por parte das pessoas exteriores à comunidade cartusiana, especialmente pelas mulheres. Depois de permitido o acesso ao pátio de entrada através da portaria, era possível encontrar a cela do procurador e a respectiva *procura* delimitando a zona à direita daquele espaço exterior e, no edifício defronte da portaria, podia encontrar-se a hospedaria reservada aos visitantes eclesiásticos (irmãos da comunidade).

Por sua vez, o acesso à cartuxa de **PORTA COELI**, fundada em Valência em 1272 e intervencionada por diversas vezes anos mais tarde⁴², desencadeia-se a partir de uma sucessão de espaços interiores e de pátios com uma morfologia muito irregular e com relações complexas entre si que representam não só as diversas camadas temporais mas, sobretudo, a preocupação consecutiva da comunidade na consolidação da zona da entrada. Aliás, o percurso de chegada à portaria da cartuxa contém, desde logo, uma série de episódios que enunciam a diversidade e complexidade espacial que posteriormente se encontra no restante processo de entrada. O primeiro episódio que marca o caminho de acesso ao mosteiro é a passagem por debaixo de um dos arcos do aqueduto que abastece o mosteiro, representando a transição para o território cartusiano. Na gravura pode ver-se o caminho que atravessa o aqueduto, contudo, o que está representado não se coaduna com o existente, uma vez que, na actualidade, esse caminho não se desenha junto ao mosteiro mas sim junto ao limite da cerca monástica, terminando no início do trajecto da ponte que está representada na parte inferior da respectiva gravura. O início da ponte é marcado por outro episódio: um espaço circular que se constitui como um momento de paragem onde é possível observar o caminho de acesso percorrido, o imponente desfiladeiro onde este se insere e o conjunto monástico. Tal como o início, o final do trajecto sobre a ponte também é marcado pela presença de um espaço exterior que sugere, novamente, uma paragem. Por sua vez, este espaço exterior possui a dimensão de uma praça, sendo pontuada por uma cruz que assinala o lugar onde havia existido um antigo santuário. A partir desta praça pode aceder-se ao edifício da portaria que, embora não esteja representado na gravura, encerra, nos dias de hoje, o espaço exterior seguinte, delimitando dessa forma uma espécie de pátio de entrada alongado, ainda fora do recinto de clausura.

⁴²A cartuxa espanhola de Porta Coeli sofreu várias alterações e ampliações ao longo do tempo. Contudo, no ano de 1835, época da desamortização de Mendizábal, os monges foram expulsos e a cartuxa foi abandonada. Parte do mosteiro foi, mais tarde, adquirida por Francisco Carbajosa que a transformou num espaço dedicado à agricultura. Em 1889, o médico valenciano Francisco Moliner adquiriu o mosteiro e converteu-o primeiramente num sanatório, tendo depois transformado as várias dependências em residências turísticas, na Escola Superior de Guerra e num estabelecimento penitenciário. Em 1942, a Direcção Geral de Prisões cedeu todo o mosteiro à Diputación Provincial de Valência. A partir do dia 25 de Maio de 1943 começaram as obras de restauro no mosteiro com o objectivo de chamar de novos os monges cartuxos à casa de Porta Coeli. A nova comunidade chegou no ano seguinte vindos da cartuxa espanhola de Miraflores e permaneceu até à actualidade, mantendo o mosteiro ainda em funcionamento.

No pátio de entrada alongado é permitido o acesso a várias espaços distintos, aliás, uma das particularidades de determinadas cartuxas, como é o caso da de Porta Coeli, é o facto de existir uma entrada distinta para cada tipo de visitante em particular, por exemplo: uma entrada para aqueles que já conhecem o mosteiro e que têm uma relação íntima com a comunidade, tais como irmãos de outras casas, eclesiásticos e benfeitores e outra entrada geralmente usada por quem acede raramente à cartuxa e que pretende pedir ajuda ou tratar de um assunto em concreto (peregrinos, visitantes, familiares dos monges ou até novas vocações). Esta última entrada exhibe normalmente um percurso até à zona cenobítica mais longo do que a entrada descrita anteriormente, precisamente para retardar o processo de entrada na cartuxa daqueles que a conhecem pela primeira vez e que ainda não se inteiraram do espírito cartusiano, dando-lhes tempo para o fazerem lentamente.

À esquerda do pátio de entrada encontra-se a porta que marca a entrada nos espaços de clausura e que permite o acesso a um átrio, que antigamente funcionava como portaria e que hoje faz a distribuição para o pátio da igreja através de uma grande escadaria à esquerda, e para o pátio da capela de San Juan Baptista, através de uma outra grande escadaria à direita, que por sua vez permite o acesso à dita capela (antiga igreja do mosteiro), à hospedaria e ao corredor que permite o acesso ao cenóbio. Este é o acesso mais curto e que geralmente é utilizado pelos *amigos* da cartuxa, como lhes chamam os monges, excluindo determinadamente as mulheres.

O acesso que proporciona o processo de entrada mais lento e prolongado realiza-se a partir do pátio de entrada alongado, através de uma rampa em frente à portaria, que nos permite aceder aos espaços onde está situado o programa relacionado com a recepção dos visitantes e a gestão do mosteiro. Estes espaços rodeiam o pátio das obediências, que se encontra a nordeste do conjunto, e relacionam-se com ele através de uma galeria irregular. Os espaços da *procura* delimitam um dos lados do pátio das obediências, sendo que nos restantes edifícios funcionam oficinas e edifícios de apoio ao trabalho dos irmãos leigos. Do pátio das obediências pode aceder-se à capela de San Juan Baptista, através de uma série de escadarias e antecâmaras interiores. Este trajecto leva também a um pequeno pátio que dá acesso directo à hospedaria e a partir do qual se alcança o átrio. A partir do átrio pode aceder-se ao pátio da capela de San Juan Baptista ou realizar-se a transição descrita no percurso de entrada mais curto: átrio - grande escadaria - pátio da igreja - igreja - zona cenobítica.

Ainda do pátio de entrada alongado é permitido o acesso, através da descida de uma rampa, a um programa especial: uma capela pública e um refeitório dedicado às mulheres, às quais o acesso à cartuxa era negado. Estes espaços, situados dentro da propriedade cartusiana mas ainda fora do recinto de clausura, relacionavam-se visualmente apenas com o jardim murado situado do lado oposto do restante conjunto edificado, representado no lado inferior direito da gravura, fazendo com que as mulheres que habitem estes espaços *virem as costas* ao mosteiro.

Não obstante, a zona da entrada dos mosteiros cartusianos nem sempre se consolidou através da construção de novos corpos adjacentes ao caminho de acesso. Em certos casos, tal como na transformação ocorrida na cartuxa de **VAL-DIEU** a consolidação tinha como objectivo o isolamento do cenóbio e do eremitério através da

distância, ou seja, mediante a construção de grandes espaços exteriores que separavam as distintas zonas, interferiam terminantemente no processo de entrada do mosteiro e alterando por completo a visão que se formava acerca do espaço de culto e a maneira como se descobria e entendia a sua estrutura.

Comparando a gravura que representa o conjunto monástico à data da primeira fundação da cartuxa de Val-Dieu, em 1170, com a gravura que representa o conjunto monástico na época de refundação do espírito cartusiano, é possível observar as alterações efectuadas na estrutura primitiva, nomeadamente na zona onde se formaliza o processo de entrada. Enquanto que na primeira fundação a entrada no complexo monástico era feita através de um caminho, murado de um dos lados e acompanhado de árvores do outro lado, tendo como destino a portaria; na segunda fundação a portaria transferiu-se para o início do antigo caminho sendo que este deu lugar a um pátio de entrada.

O programa que ladeava a portaria também era distinto de uma fundação para a outra. No primeiro mosteiro, à direita da portaria encontrava-se a enfermaria e à esquerda encontrava-se a hospedaria dos homens; na segunda fundação do mosteiro, esses edifícios deram lugar a dois tanques que bloqueavam a passagem franca para o segundo pátio de entrada, sendo esta transição efectuada apenas através de um portão central. A portaria mais recente era acompanhada pelo edifício da farmácia à esquerda e pela capela dedicada às mulheres à direita. Denota-se que esta capela também adoptou um novo lugar na estrutura monástica mais recente visto que, na primeira fundação, a capela das mulheres funcionava num edifício proeminente situado à direita do complexo e contíguo ao limite mais restrito da área de clausura. O acesso à capela mais antiga possuía a particularidade de se diferenciar do acesso principal, realizando-se através de uma passagem desenhada na cerca monástica (possível de ser visualizada acima da legenda da gravura n.º?).

Em síntese, a grande transformação realizada na cartuxa de Val-Dieu tem que ver com a duplicação do processo de entrada construído anteriormente, formalizado na construção de dois pátios de entrada em vez de um, e com a reorganização do seu programa. A consolidação dos edifícios que definem o segundo pátio de entrada permitiu agregar a hospedaria à cozinha e ao refeitório dos hóspedes que já existiam nos pequenos edifícios situados à direita e permitiu ainda concentrar os espaços da biblioteca no corpo situado à esquerda.

Por outro lado, os motivos de transformação das estruturas cartusianas não provêm apenas do seio da ordem cartusiana e do seu progresso, mas também de agentes exteriores. O desenvolvimento dos lugares e das populações que circundavam, embora a consideráveis distâncias, o território onde se implantavam os mosteiros constituiu-se, a longo prazo, como um agente desfavorável relativamente ao isolamento das comunidades eremitas. Na verdade, muitas das cartuxas presentes nos dias de hoje próximas da cidade, foram construídas outrora na paisagem deserta dos arredores da metrópole. É certo que no contexto da época à qual pertenciam este conjunto de cartuxas, a proximidade de que se fala pouco se assemelha à proximidade que naturalmente associamos nos dias de hoje, visto que os arredores da cidade eram geralmente terrenos

não habitados. Contudo, com o desenvolvimento das metrópoles a noção de proximidade alterou-se. O alargamento da malha urbana atingiu as periferias e a distância entre os mosteiros nessa zona e os aglomerados urbanos diminuiu. E se por um lado existem casos onde não terão sido realizados esforços de protecção das estruturas, prejudicando deste modo a vida monástica dos monges cartuxos, levando ao fecho de alguns mosteiros por falta de condições de isolamento, por outro lado salientam-se as tentativas eficazes de ultrapassar essa desvantagem.

Por outro lado, é de significativa importância destacar um dos modelos que, a seu tempo, reagiu contra as desvantagens do desenvolvimento. A cartuxa de **BUXHEIM** (ver separador BX), fundada em 1402, testemunha esse caso de estudo⁴³, propondo soluções inovadoras na defesa da identidade cartusiana: a criação de uma segunda entrada e respectivo pátio (como se pode observar na planta) com vista a receber e filtrar aqueles que surgiam de um novo caminho de acesso ao mosteiro, criado no lado oposto ao da entrada primitiva, devido ao crescimento da metrópole mais próxima nesse sentido, expondo o espaço cenobítico à mercê de quem usufruísse do novo traçado e ainda a construção de uma igreja paroquial para serviço da população mais próxima, a quem a igreja conventual havia despertado grande interesse.

Deste modo, as vantagens reconhecidas nas soluções de defesa e isolamento adoptadas nestes casos de estudo influenciaram fortemente as fundações seguintes que, erguidas já depois da extinção dos sistemas mais antigos de protecção das estruturas cartusianas (a divisão programática dos mosteiros em duas casas) tentaram implementar as intenções do conceito original através dos recursos existentes.

A cartuxa de **SANTA MARIA DE MONTALEGRE** (ver separador MT) fundada no ano de 1415, no município catalão de Maresme, na região de Tiana situada em Barcelona, demonstra um desses casos de sucesso. Inserida num terreno inóspito a três quilómetros da cidade de Burgos, a comunidade aproveitou a existência de um antigo mosteiro de monjas agustinas (representado na parte superior da gravura), para o integrar no percurso de acesso ao conjunto edificado cartusiano, remetendo ao mesmo funções semelhantes às executadas nas extintas casas baixas. O mosteiro, implantado deste modo como uma casa alta, ficava protegido de um lado pelo edifício do antigo mosteiro de monjas agustinas e, do outro lado, por um curso de água que corria contíguo ao outro limite do mosteiro. Mediante uma implantação estratégia com base, tanto no património existente como também nos recursos naturais, esta casa cartusiana exibia assim uma entrada indirecta, cuja evolução ao longo do tempo consolidou, facto que se pode comprovar através das plantas do mosteiro e pelo actual estado de pleno funcionamento.

As fundações posteriores, erguidas sobre a herança de uma estrutura monástica sólida, em particular, na primeira metade do século XVI, transformaram mais uma vez o traçado cartusiano através da «aplicação de conceitos de racionalidade, regularidade e ortogonalidade no desenho, que conferem aos planos um aspecto ordenado, claro e

⁴³ Fundada em 1402, a cartuxa de Buxheim foi uma das casas mais importantes da ordem cartusiana não só pela arquitectura do seu mosteiro mas também pela sua preciosa biblioteca e pela importância que atingiu na região, tendo, por isso, ficado sob a protecção do Imperador que a denominou de *Reichskartause*.

funcional»⁴⁴. No entanto, é na segunda metade do século XVI que essa ideia se revela de uma forma mais definida, revertendo-se numa nova característica da arquitectura monástica cartusiana: a **simetria**. Durante os séculos XVII e XVIII, o traçado de plantas simétricas segundo um eixo central é então utilizado frequentemente, umas vezes apenas de forma parcial (sobretudo, em ampliações, reconstruções, etc.), outras vezes compreendendo a totalidade do conjunto e adoptado desde a raiz do projecto.

A cartuxa de **AULA DEI**⁴⁵, construída na segunda metade do século XVI, evidenciou-se no panorama da arquitectura cartusiana pelo facto de ter sido a primeira cartuxa a adoptar este modelo. O seu traçado influenciou determinadamente o desenho da entrada nos conjuntos monásticos que se seguiram, constituindo assim um marco importante na evolução da tipologia dos mosteiros da ordem.

Analisando a gravura, é possível reconhecer o eixo estruturante que desenha a referida simetria e através do qual se organizam os espaços do mosteiro, atravessando não só o principal espaço do âmbito eremítico – o grande claustro – como também alguns espaços da zona cenobítica, nomeadamente a igreja. Deste modo, o templo, que até ao momento não ocupava um lugar de destaque no conjunto, possui agora uma posição privilegiada e torna-se num elemento de referência no acto de projectar, uma vez que o seu maior eixo coincide com o eixo de simetria que referimos anteriormente e a sua implantação ocorre, aproximadamente, no centro do conjunto.

A simetria não foi a única novidade que este conjunto exibiu em relação aos anteriores. A necessidade de distribuir os espaços da zona cenobítica (multiplicados ao longo do tempo) em torno de um *claustrinho*, como era tradicional nos mosteiros da ordem, converteu-se numa impossibilidade uma vez que, num edifício simétrico, este elemento distribuidor serviria apenas um dos lados do eixo. Deste modo, cria-se neste mosteiro espanhol um segundo *claustrinho* no perímetro cenobítico de forma a colmatar a ausência desse elemento de um dos lados da igreja. Estas características mais recentes somadas às anteriores criaram no mosteiro cartusiano de Aula Dei um «perfeito, directo e funcional sistema de comunicação entre a zona eremítica e a zona cenobítica»⁴⁶. Segundo Elena Barlés, a qualidade desta comunicação dependia da «disposição de passagens localizadas simetricamente em relação ao eixo do mosteiro, das quais as duas mais extremas são prolongações das galerias do grande claustro»⁴⁷.

⁴⁴ «la aplicación de los conceptos de racionalidad, regularidad y ortogonalidad en el diseño, que confieren a los planos un aspecto ordenado, claro y funcional» BARLÉS, Elena – La arquitectura de la Cartuja: espacios y funciones. In **Del silencio de la Cartuja al fragor de la orden militar**. Valencia: Fundación Santa María la Real, 2010. p. 83.

⁴⁵ Este mosteiro foi fundado pelo Arcebispo de Saragoça, D. Hernando de Aragón, no ano de 1563 em Penhaflor, na região de Saragoça, tendo a sua construção iniciado a 29 de Fevereiro do ano seguinte.

⁴⁶ «perfecto, directo y funcional sistema de comunicación entre la zona eremítica (gran claustro con sus celas) y la zona cenobítica del conjunto (claustrillos y dependencias en torno a los mismos» BARLÉS, Elena – La arquitectura de la Cartuja: espacios y funciones. In **Del silencio de la Cartuja al fragor de la orden militar**. Valencia: Fundación Santa María la Real, 2010. p. 100.

⁴⁷ «la disposición de pasillos ubicados simétricamente en relación con el eje del monasterio, de los cuales los dos más extremos son prolongaciones de las galerías del gran claustro» BARLÉS, Elena – La arquitectura de la Cartuja: espacios y funciones. In **Del silencio de la Cartuja al fragor de la orden militar**. Valencia: Fundación Santa María la Real, 2010. p. 100.

No entanto, é de salientar que o sistema de comunicação dos mosteiros cartusianos (começa muito antes da zona cenobítica) tem início no momento de transição do universo secular para a o espaço de clausura e, do ponto de vista do percurso de descoberta do *deserto* e do *grande silêncio* que, segundo os mosteiros anteriores, se pretendia indirecto, lento e prolongado, a qualidade desta comunicação dependia, sobretudo, do desenho do processo de entrada no mosteiro.

Como podemos observar na gravura, no que diz respeito à cartuxa de *Aula Dei*, a implantação da zona cenobítica e da zona eremítica em relação ao caminho de acesso ao mosteiro comprova a intenção da construção de um acesso indirecto e prolongado em simultâneo com as novas características. A torção do programa da zona da entrada em relação ao eixo principal do conjunto é a forma mais evidente do desenho dessa intenção, fazendo com que se utilize o pátio de entrada do mosteiro como momento de paragem e de redireccionamento do trajecto de acesso ao mosteiro.

O acesso indirecto e prolongado ao espaço de clausura é ainda reforçado através dos episódios que acontecem antes da chegada à portaria, tais como o percurso pelo caminho murado que mais tarde se tornou numa alameda; o atravessamento do arco que, posteriormente, se fez acompanhar de um pequeno edifício e a presença da capela que pontua o início do caminho. As pequenas alterações que ocorreram neste trajecto ao longo do tempo, desenhadas na gravura, comprovam a necessidade constante de consolidação do processo de entrada no mosteiro.

A facilidade de multiplicação do traçado que a natureza funcional da simetria pressupunha revelou-se principalmente nos séculos XVII e XVIII. A província cartusiana da Catalunha, por exemplo, terá sido influenciada pelo traçado de *Aula Dei* aquando da construção de várias casas: a cartuxa de *Ara Christi*⁴⁸; a cartuxa da *Inmaculada Concepción*⁴⁹; a cartuxa de *Nuestra Señora de las Fuentes*⁵⁰; a cartuxa de *Jesus Nazareno de Valldemosa*⁵¹ e a cartuxa sobre a qual incide a segunda parte deste trabalho: **SANTA MARIA SCALA COELI** fundada no ano de 1587 em Évora (região que naquele tempo pertencia à província supracitada). Apesar da cartuxa de Évora ter adoptado um traçado mais ortogonal, em relação aos modelos primitivos, o sistema de comunicação que associava todo o programa continuava a ser construído através de espaços interiores, espaços exteriores e espaços cobertos (galerias dos claustros, corredores, pequenos espaços interiores de ligação, antecâmaras, pátios e espaços interstícios) e o processo de entrada configurava, na versão original da composição, um acesso indirecto ao espaço cartusiano, tal como demonstra o estudo apresentado na segunda parte deste trabalho.

⁴⁸ Fundada por Elena Roig, no ano de 1585 em Puig, na cidade de Valência. A sua construção durou sessenta e dois anos, tendo começado em 1620.

⁴⁹ Fundada por D. Alonso de Villapando e D. Geronima Zaporta, no ano de 1634, construída entre 1651 e 1767, num terreno próximo da cidade de Saragoça.

⁵⁰ Fundada em 1507, pelos Condes de Sagago, localizada numa propriedade próxima de Lanaja, em Huesca. Não chegou aos nossos dias com o traçado original visto que, a partir de 1714, foi integralmente reconstruída.

⁵¹ Fundada em 1399 pelo rei de Aragón, Martín I, esta cartuxa não terá sido sempre um exemplo da estrutura referida, uma vez que a comunidade terá habitado originalmente num antigo alcazar já existente e com qualidades arquitectónicas próprias. Contudo, os monges só viveram nesse edifício até ao ano de 1702, data em que se iniciou a construção de um novo mosteiro e cujas obras terão perdurado até às primeiras décadas do século XIX. Este novo mosteiro é a casa que realmente representa as características mencionadas.

Deste modo, conservou-se a experiência espacial e sequencial intensa do percurso de descoberta do *deserto*, construída com base num percurso de luz e sombra, testada nos modelos mais antigos e demonstrada através dos diversos processos de entrada anteriormente apresentados.

Contudo, se observarmos a gravura, é possível depreender que, apesar da existência de espaços distintos (terreiro, portaria, pátio de entrada, nártex exterior, igreja), a sequência espacial que constitui o processo de entrada no mosteiro não contempla uma transição tão indirecta, lenta e prolongada quanto o processo de entrada dos mosteiros primitivos e dos exemplos mais relevantes. No segundo volume desta dissertação apresenta-se o estudo da evolução morfológica da estrutura monástica cartusiana do Alentejo e enunciam-se as possíveis causas do desaparecimento de algumas das características que tornavam este processo de entrada numa experiência significativa, procurando reflectir acerca da relação entre o interior e o exterior do espaço cartusiano e, sobretudo, sobre este domínio intermédio que configura o momento de entrada. Considerando as distintas soluções expostas neste primeiro volume, revelou-se inevitável a definição dos contornos de uma possibilidade de consolidação desta transição na cartuxa de Santa Maria Scala Coeli.

VOLUME II

A ARQUITECTURA DO MOSTEIRO CARTUSIANO DE SANTA MARIA SCALA COELI

IMPLANTAR O SILÊNCIO

Na planície alentejana, facilmente se encontraram as características de um lugar ermo. Entre pequenas colinas, implantou-se o *deserto*. Santa Maria Scala Coeli emergiu protegido, de um lado, pelo cabeço granítico que compõe o Alto de São Bento de Cástris, e de outro, pela colina onde se formou a malha urbana eborense. Erigido a cerca de dois quilómetros a poente do centro histórico da cidade de Évora, integrado numa paisagem verde protegida⁵², este conjunto monástico, extra-muros, esconde-se da urbe e, no silêncio, os seus monges oram por ela.

A escolha do local de implantação do espaço monástico foi, desde o início, controversa, uma vez que inicialmente se conjecturava a sua localização na Herdade do Azinhal ou na proximidade da Serra do Portel⁵³. A escolha, no entanto, viria a incidir sobre uma propriedade perto da cidade de Évora – não respeitando na totalidade os cânones da ordem por se situar próximo de uma população. O responsável por esta escolha foi D. Teotónio de Bragança⁵⁴, Arcebispo de Évora e fundador da cartuxa, que vivia em Évora. Este alegou que, por um lado, o mosteiro devia estar o mais próximo possível da sua residência, para que o acesso lhe fosse facilitado e que, por outro lado, esta localização

⁵² Esta área localizada a poente da cidade intramuros (demarcada a linha tracejada amarela na planta 00), denominada pela Câmara Municipal de Évora de *Verde Monumental*, exhibe características peculiares: a presença de construções de valor patrimonial, a ausência de ocupação edificada e o uso predominantemente agro-florestal. Esta zona é composta por um conjunto de valores arquitectónicos, com diversos antecedentes históricos e arqueológicos: o Aqueduto da Água de Prata; o Mosteiro e a Igreja da Cartuxa de Évora; o Convento de São Bento de Cástris; a Quinta da Fonte do Arcediago; o Forte de S.^{to} António e os Moinhos de São Bento. Nesta área há também grande diversidade de usos do solo: vinha; bolsas de terrenos incultos; áreas de policultura; áreas de montado de sobre e azinho. Esta zona destaca-se ainda pela presença de uma cumeada bem marcada que passa pelo Alto de São Bento e que permite uma vista panorâmica sobre o pequeno vale onde se localiza a cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, bem como sobre o centro histórico da cidade e toda a área envolvente. Por sua vez, a zona a nascente e a norte do centro da cidade destaca-se pela presença da cumeada principal que separa as bacias hidrográficas do Sado (Rio Xarrama) e do Guadiana (Rio Degebe). Ver mais sobre este assunto no projecto de investigação: **Cidade Alargada de Évora: delimitação e caracterização física**. [Em linha]. Disponível em: www.ua.pt/ii/ocupacao_dispersa

⁵³ CAEIRO, Elsa – **Convento da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, Construção, Reconstrução e Manutenção do espaço monástico**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2009-2010. Trabalho realizado com o apoio da Bolsa de Investigação da Fundação Eugénio de Almeida sobre a Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli. p. 12.

⁵⁴ Trata-se de uma figura ilustre do ramo brigantino: primo do rei Filipe II de Espanha e descendente dos monarcas D. João I e D. Manuel I, estudou em Paris, ingressou na Companhia de Jesus e viveu alguns anos em Paris e Salamanca, visitando vários países e alguns mosteiros cartusianos. A 7 de Dezembro de 1578, D. Teotónio de Bragança tomou posse da arquidiocese eborense, tendo exercido o cargo até à sua morte, aos setenta e dois anos de idade. A sua influência na cidade de Évora destaca-se tanto pela criação das Ordens Cartusiana e Carmelita, bem como pela fundação de um dos primeiros colégios de ensino de clérigos e leigos e também pela publicação e difusão das obras de Santa Teresa em Portugal. Ao longo dos anos, constituiu também um importante espólio bibliográfico no qual se encontravam obras raras; manuscritos gregos dos santos padres; manuscritos portugueses valiosos (como por exemplo as obras do rei D. Duarte), sendo que, à época do seu falecimento, passou a fazer parte do acervo da biblioteca da cartuxa de Évora. O PORTAL DA HISTÓRIA. **Bragança (D. Teotónio de), n. 2 de Agosto de 1530; f. 24 de Julho de 1602**. [Em linha]. Disponível em: http://www.arqnet.pt/dicionario/braganca_teotonio.html; **PORTUGAL – DICIONÁRIO HISTÓRICO, COROGRÁFICO, HERÁLDICO, BIOGRÁFICO, BIBLIOGRÁFICO, NUMISMÁTICO E ARTÍSTICO**. Lisboa: ed. João Romano Torres, 1904-1915. Volume II. p. 463.

permitia a possibilidade de abastecimento de água, a partir do aqueduto da Água de Prata⁵⁵, que cruzava a propriedade.

A FUNDAÇÃO DA CASA ALENTEJANA

Os primeiros monges, vindos da cartuxa de Scala Dei, de Tarragona, na Catalunha, chegaram à cidade de Évora a 8 de Dezembro de 1587⁵⁶ pela mão do Arcebispo de Évora, D. Teotónio de Bragança. Este havia conhecido a ordem de São Bruno durante a sua passagem pelos principais núcleos católicos na Europa. A sua admiração pela ordem levou-o a escrever uma carta⁵⁷, a 1 de Janeiro de 1583, ao Papa Gregório XIII, confessando a intenção de construir um mosteiro para os monges cartuxos e mostrando, de forma explícita, o desejo de o implantar no seu país de origem. A vontade do Arcebispo revelou-se difícil de alcançar, sendo que a reunião com o Capítulo Geral da ordem⁵⁸, onde a proposta de D. Teotónio de Bragança foi finalmente aduzida e autorizada, só se celebrou

⁵⁵ O aqueduto da Água de Prata começou a ser construído em 1531 e foi inaugurado em 1537.

⁵⁶ No entanto, em 1535, antes da instalação definitiva da ordem cartusiana em Portugal, D. Martinho de Portugal (Évora, 1485 - Lisboa, 1547) havia já pedido a autorização para a construção de um mosteiro cartusiano em Portugal, através de uma carta dirigida ao rei D. João III. Esta carta demonstra a importância da presença de uma casa desta ordem no reino: «Mude Vossa Alteza esta Ordem a outra. Em Portugal naom há mosteiro de cartuxa; soi se a dizer que naom he reino perfeito onde naom há cartuxa: alem de ser a mais perfeita ordem de todas, traz consigo muitos proveitos: homens fidalgos velhos, e frades de bern, nas outras partes se mudaom pera elles; as si fará nesses reynos. Vossa Alteza naom despenderá nada em Lysboa: no mesmo mosteiro da Trindade com a renda que tem, e com se lhe anexar a renda de sancto Antaom, se fará hua muito honrada casa; e sancto Antaom daria aos frades da piedade de saom Francisco, pera que os aja em Lysboa: naom hão mester renda, e faraom que os reformados o sejaom mais com sua emulaçaom. Em Santarem outro no Mosteiro da Trindade com as rendas das egrejas que tem, e as egrejas se seruireom por capellães. As casas dos cartuxos haom mester pouca fábrica: ajudaom se huas a outras. Aqui veio este anno hum visitador da Cartuxa de Nápoles que el Rey, que Deos haja, mandou, já antes que falecesse, chamar, por emformaçaom que era homem virtuoso, pera fazer la hua casa ou duas. Dixemo e mostrou me a carta del Rey. Assi me Deos salve que Vossa Alteza o devia de fazer: fará grande serviço a Deus, e tirará estes frades desconcertados do reyno. Se Vossa Alteza quer, mande mo, e screva ao papa: logo será feito, e muito mais facilmente que darem reformaçaom a estes. Eu receberia de Deos muita merce e de Vossa Alteza, por se fazer taom santa obra e taom virtuosa em meu tempo: e de a solicitar eu, teria sempre contentamento. Querendo Vossa Alteza, este padre irá logo a fazello». Mas D. João III não acedeu ao seu pedido e só quarenta e oito anos mais tarde, D. Teotónio de Bragança, solicitou novamente a autorização para implantar a ordem de São Bruno em Portugal. PORTUGAL, D. Martinho de, Cit. por GOMES, Josué Pinharanda – **A Ordem da Cartuxa em Portugal: ensaio de monografia histórica**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2004. Col. Analecta Cartusiana, nº 221. A carta de D. Martinho de Portugal ao rei D. João III, está disponível, em português actual, em: ESCUDERO, Juan Mayo – **As Cartuxas de Portugal através dos séculos: Crónicas das Cartuxas Portuguesas**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2011. Col. Analecta Cartusiana, nº 268. p. 13. D. Martinho de Portugal era filho de D. Afonso de Portugal (bispo de Évora) e de Filipa de Macedo e irmão do 1º Conde do Vimioso. Governou a diocese de Viseu em 1522, e em 10 de Fevereiro de 1533 foi nomeado Arcebispo do Funchal, tendo exercido este último cargo até à sua morte, aos 62 anos. O PORTAL DA HISTÓRIA. **Portugal (D. Martinho de), n. [c. 1485]; f. [15 de Novembro de] 1547**. [Em linha]. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/dicionario/portugalmartinho.html>; **PORTUGAL – DICIONÁRIO HISTÓRICO, COROGRÁFICO, HERÁLDICO, BIOGRÁFICO, BIBLIOGRÁFICO, NUMISMÁTICO E ARTÍSTICO**. Lisboa: ed. João Romano Torres, 1904-1915. Volume V, p. 1013.

⁵⁷ SOUSA, D. António Caetano de – **Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa**. Évora: Minerva Eborensis, 1888. Tomo V, Livro VI, Cap. XI – Do Venerável D. Theotonio Arcebispo de Évora. pp. 666-670. A carta de D. Teotónio de Bragança ao Papa Gregório XIII está disponível em português actual em: ESCUDERO, Juan Mayo – **As Cartuxas de Portugal através dos séculos: Crónicas das Cartuxas Portuguesas**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2011. Col. Analecta Cartusiana, nº 268. pp. 14-15.

⁵⁸ Na reunião do Capítulo Geral juntam-se o prior da Grande Chartreuse com os priores das outras casas, com os padres vigários que dirigem os mosteiros femininos e com alguns religiosos professores da Grande Chartreuse que possuem autoridade apostólica para definir e ordenar o que julgam ser o mais conveniente para o serviço de Deus e para o melhor governo da Ordem, garantindo a mais perfeita observância da sua regra. Estes reúnem-se para discussão dos assuntos da Ordem e tomada de decisões importantes. UM CARTUXO – **A Cartuxa de Portugal Santa Maria Scala Coeli, Um livro para curiosos**. Évora: Gráfica Eborensis, 1966. p. 32.

quatro anos mais tarde. A fundação oficial da casa cartusiana do Alentejo concretizou-se no dia 7 de Novembro de 1587, através da redacção do *Contractus Primus Huius Cartusis Scalae Celi foundationis factus 1587*⁵⁹. Uma vez que o mosteiro ainda não estava construído, os eremitas ficaram temporariamente alojados nas dependências do Paço Real do Convento de São Francisco, acabando por exercer as suas actividades religiosas na Igreja de São Francisco. Foi nela, de resto, que celebraram a primeira missa, assinalando assim o dia da sua chegada.

O PROCESSO DE ENTRADA NA CARTUXA DE ÉVORA

Sete altos ciprestes recebem quem chega às portas da Cartuxa de Évora, parecendo evocar aos céus os sete primeiros monges brancos que vieram abraçar a primeira casa cartusiana em Portugal, e também os outros sete que chegaram, anos mais tarde, para restaurar a ordem de São Bruno.

Curiosamente, a ambição de um desenho arquitectónico que evidenciasse tais memórias traduz-se neste percurso de aproximação ao mosteiro: seguindo pela alameda que nos convida a entrar na Quinta da Cartuxa, olhando através do aqueduto, destaca-se ao fundo a mancha verde, alta e esguia. Não avistamos os sete, mas sim um cipreste. Um desencontro subtil no percurso de entrada na propriedade monástica, desvia o eixo que estrutura todo o mosteiro da rota da alameda, e faz com que não se aviste nem as sete árvores de uma só vez, nem o acesso à portaria. Apenas um cipreste se mostra ao longe, tal como o prior/procurador⁶⁰ da cartuxa – o único monge que em sacrifício se entrega à vida exterior para gerir a casa.

Percorrer o caminho murado, sob um tecto de velhos plátanos e trespassar o alto arco do aqueduto é aceitar afastar-se da cidade. Este afastamento, estimulado por um desejo de aproximação ao reservado conjunto, permite descobrir o edifício devagar, compreender a sua estrutura e o seu silêncio.

O espaço exterior que antecede a portaria é o término desta progressiva sequência de experiências. A partir dele, a entrada no mosteiro e o posterior acesso à zona cenobítica são feitos de forma franca, reduzindo a riqueza do percurso preliminar. Alcançada a zona do cenóbio, o percurso até à zona eremítica torna-se novamente um trajecto pausado, dividido numa série de espaços de diferentes dimensões e usos, que culmina no grande claustro – expoente máximo do conjunto monástico. Assim, o percurso, desde o começo da alameda até ao claustro maior, constitui um perfeito sistema de comunicação, de curso

⁵⁹ Biblioteca Pública de Évora. Biblioteca Pública de Évora, Livro primeiro do Mosteiro da Cartuxa, *Contractus Primus Huius Cartusis Scalae Celi foundationis factus 1587*. Disponível, em português actual, em: D. Teotónio de Bragança Documento fundacional de Santa Maria Scala Coeli 7 Novembro 1587. In ESCUDERO, Juan Mayo – **As Cartuxas de Portugal através dos séculos: Crónicas das Cartuxas Portuguesas**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2011. Col. Analecta Cartusiana, nº 268. pp. 16-23.

⁶⁰ De acordo com a regra cartusiana cada mosteiro tem um prior – monge que detém a responsabilidade de gerir a vida espiritual cartusiana, «en quien reside toda autoridad (...) es quien provee todos las cargas y oficios (...)» – e um procurador – monge que detém a responsabilidade de gerir os encargos práticos da casa e que se ocupa da relação (estritamente necessária) do mosteiro com o exterior. UN CARTUJO DE AULA DEI – **La Cartuja, San Bruno y sus Hijos**. Bilbao: La Editorial Vizcaína S.A., 1961. pp. 37-39. No caso da cartuxa de Évora, o monge Pe. Antão López foi nomeado procurador, contudo, devido ao falecimento do anterior prior da cartuxa de Évora e ao reduzido número de monges da comunidade, passou a acumular também as funções de prior.

lento e prolongado, entre o exterior e o interior do mosteiro, sendo que o espaço entre a portaria e a zona do cenóbio apresenta, actualmente, uma aparente falha. Para este hiato há que encontrar uma solução.

AS PROPOSTAS DE ARQUITECTURA

Qual arqueólogo que revolve o terreno na procura de objectos que revelem a história de um lugar, procuraram-se indícios que ajudassem a redescobrir o mosteiro e a descortinar a origem deste hiato. Procurou-se, em primeira instância, conhecer as propostas realizadas para a cartuxa de Santa Maria Scala Coeli e, em particular, a proposta final aprovada, focando especificamente as intenções que sustentaram o desenho do processo de entrada.

No término do século XVI, o anseio da construção da nova casa cartusiana era partilhado por todos e em pouco tempo foram desenvolvidas as propostas de arquitectura. Especula-se que, logo em 1588, o Arcebispo D. Teotónio de Bragança encomendou um projecto para o conjunto cartusiano ao engenheiro militar italiano Tiburcio Spannochì, cujo plano terá sido, contudo, rejeitado⁶¹. Embora não seja conhecida a data da sua apresentação ao Arcebispo, sabe-se que o engenheiro italiano Filipe Terzi também realizou uma proposta para a cartuxa de Évora, igualmente recusada. Esta proposta de Filipe Terzi foi representada através de três elementos: uma planta da cidade com a implantação do mosteiro, uma planta do conjunto monástico e uma planta de uma das celas⁶². São ainda conhecidos quatro desenhos: uma planta; uma planta de coberturas; um corte; uma planta e um corte de uma cela⁶³, referentes à proposta da autoria do arquitecto espanhol Francisco de Mora⁶⁴, também não aprovada por razões desconhecidas⁶⁵. Apesar de esta não ter sido aceite, os desenhos da proposta de Francisco de Mora revelavam já a intenção de projectar uma entrada prolongada e indirecta. De acordo com a planta (desenho 00), a portaria fazia a transição para a clausura e, a partir daí, o percurso dividia-se em duas direcções desiguais – ambas caracterizadas pela presença de elementos que alongavam o processo de entrada. Defronte da portaria, um pórtico sombreava os dois acessos que levavam aos espaços da procura, através dos quais se fazia a entrada na zona cenobítica. Discreta, a passagem que ligava os dois pátios – o da entrada e o da igreja – dava acesso ao nártex exterior. A partir daí, a entrada na igreja e o posterior acesso

⁶¹ PEREIRA, Fernando Antonio Baptista – Proyecto para el Convento de Scala Coeli en Évora: Felipe II, Un Monarca y su Época – Las Tierras y los Hombres del Rey. Valladolid: [s.n.], 1998.

⁶² PEREIRA, Fernando Antonio Baptista – **Proyecto para el Convento de Scala Coeli en Évora: Felipe II, Un Monarca y su Época – Las Tierras y los Hombres del Rey**. Valladolid: [s.n.], 1998. Estes desenhos foram reunidos num álbum por Vincenzo Casale, intitulado de ALBUM DE G. V. CASALE, f. 49-50. Contudo, actualmente encontram-se desaparecidos. ESPANCA, Túlio – Os Arquitectos do Convento da Cartuxa de Évora. In *Antiquilhas Eborenses, A Cidade de Évora*. Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora, nºs. 69-70, Anos XLIII-XLIV. Évora: 1986-1987.

⁶³ Os desenhos podem ser consultados na Biblioteca Nacional de Madrid. Cota: Dibujos, 16/49 ALBUM DE G. V. CASALE, f. 51-54. Estão igualmente disponíveis para visualização na Biblioteca Digital Hispânica.

⁶⁴ Este arquitecto espanhol, nascido em Cuenca em 1552, fez parte da corte de Filipe II, tendo feito inúmeras visitas a Portugal nessa categoria. O seu projecto para o mosteiro de Santa Maria Scala Coeli foi um dos seus primeiros trabalhos a título pessoal e individual. D. Teotónio de Bragança havia feito anteriormente outra encomenda a Francisco de Mora: uma proposta para o Convento Carmelita de Nossa Senhora dos Remédios.

⁶⁵ Ver estudo acerca desta proposta no livro PEREIRA, Fernando Antonio Baptista – Proyecto para el Convento de Scala Coeli en Évora: Felipe II, Un Monarca y su Época – Las Tierras y los Hombres del Rey. Valladolid: [s.n.], 1998.

à zona cenobítica eram ainda prolongados através de um espaço que antecedia os coros dos monges leigos e dos monges brancos, destinado à comparência de padres seculares durante determinadas missas.

O projecto finalmente aceite, foi realizado por outro engenheiro e arquitecto militar italiano, Giovanni Vicenzo Casale⁶⁶. Através dos seus desenhos, é possível demonstrar as características que, aliadas à rigidez dos princípios arquitectónicos cartusianos, tornam este exemplar particular. Factores como a adaptação dos espaços e programa específicos ao lugar, tendo em conta a geografia, as condições hidrográficas e o modo de construir próprio do sítio, criam a individualidade deste mosteiro. Do seu processo de trabalho, destaca-se a reunião dos desenhos de Tiburcio Spannochì, de Filipe Terzi e de Francisco de Mora – propostas encomendadas e apresentadas anteriormente à sua – no álbum intitulado de *ALBUM DE G. V. CASALE*⁶⁷, actualmente conservado na Biblioteca Nacional de Madrid, ao qual Vicenzo Casale adicionou posteriormente os seus desenhos. Este conjunto foi originalmente constituído por 16 desenhos aguarelados sobre papel. Actualmente encontram-se apenas 11, tendo desaparecido os registos das propostas de Tiburcio Spannochì e de Filipe Terzi⁶⁸.

Entre os desenhos de Vicenzo Casale, encontra-se a planta que representa a primeira proposta apresentada para aprovação (desenho 00), através da qual o projecto foi aceite. Contudo, segundo o artigo «Francisco de Mora y la arquitectura portuguesa» da autoria de Agustin Bustamante e Fernando Mariás⁶⁹, o prior da comunidade cartusiana eborense, Joan Bellot⁷⁰, e o arcebispo que havia encomendado a dita proposta, D. Teotónio de Bragança, reclamaram a alteração de alguns aspectos importantes, exigindo que Vicenzo Casale produzisse novos elementos e testasse diferentes hipóteses para que

⁶⁶ Este frade servita, nascido em Florença em 1539, instalou-se em Portugal em 1586, a convite de Felipe II de Espanha – que o encarregou de dirigir os trabalhos de engenharia militar, no âmbito de um estudo para melhorar as condições do sistema defensivo da barra do Tejo, do qual surgiram o projecto para o Forte de São Lourenço do Bugio, o projecto para o Forte de Santo António do Estoril e, tal como descreve George Kubler no livro *A Arquitectura Portuguesa Chã, entre as especiarias e os diamantes (1521-1706)*, o projecto para a remodelação, nunca executada, da Torre de Belém. Além da «modernização geral da defesa do estuário», o arquitecto ficou também responsável pelo novo Mosteiro da Cartuxa em Portugal, mas acabou por falecer em Lisboa, em 1593, nove antes de ver terminadas as obras em Santa Maria Scala Coeli. KUBLER, George – **A Arquitectura Portuguesa Chã, entre as especiarias e os diamantes (1521-1706)**. Lisboa: Vega, 1988.

⁶⁷ Este álbum contém não só desenhos do projecto de Santa Maria Scala Coeli mas também planos para outras casas religiosas, como por exemplo o mosteiro e igreja cartusianos de S.^{ta} Cruz de Jerusalém, em Roma, da autoria de Casale. Os desenhos podem ser consultados na Biblioteca Nacional de Madrid. Cota: Dibujos, 16/49 ALBUM DE G. V. CASALE. Segundo o índice: desenhos perdidos de Spannochì, f. 46-47; desenhos perdidos de Terzi, f. 49-50; desenhos de Mora, f. 51-54 e desenhos de Casale, f. 55-61. Estão igualmente disponíveis para visualização na Biblioteca Digital Hispânica.

⁶⁸ Túlio Espanca escreve sobre este álbum no artigo *Os Arquitectos do Convento da Cartuxa de Évora*, publicado em 1986 e refere que «estes preciosos documentos estiveram patentes em Lisboa na XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura, no ano de 1983 – realizada no Museu Nacional de Arte Antiga, incluindo as plantas da casa da Ordem da Chartreuse de Champmol (Dijon), pedidas para servirem de modelo, e delas se publicou um interessante catálogo ilustrado, com introdução de Rafael Moreira.» ESPANCA, Túlio – Antiquilhas Eborenses: Os Arquitectos do Convento da Cartuxa de Évora. In **Revista A Cidade de Évora**. Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1986-1987. N.ºs 69-70. p. 78

⁶⁹ BUSTAMANTE, Agustin; MARIÁS, Fernando – Francisco de Mora y la arquitectura portuguesa. In *As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos*. Coimbra: Livraria Minerva, 1987, pp. 284-285.

⁷⁰ Trata-se de um monge cartuxo espanhol que integrava a comunidade cartusiana que viria a ocupar o mosteiro eborense aquando da sua fundação. Foi nomeado, em 1592, prior da comunidade da cartuxa de Évora pelo Capítulo Geral e, por isso, possuía uma opinião determinante junto do Arcebispo na aprovação do projecto da cartuxa de Évora.

a proposta fosse definitivamente aprovada. O primeiro aspecto a ser reprovado foi a presença de torres no limite do conjunto edificado, conferindo ao mosteiro a aparência indesejada de fortaleza militar, tendo sido, por isso, retiradas de imediato. O outro problema – e o mais importante no contexto desta investigação – foi a *decantação*⁷¹ da zona da entrada e do cenóbio. De acordo com a planta (desenho 00), o acesso ao conjunto era feito através de uma simples porta, e a portaria, disposta segundo o mesmo eixo da igreja, estava separada desta apenas pelo pátio de entrada, tornando a transição entre o universo secular e o universo cartusiano demasiado directa. Perante a exigência de filtrar a zona da entrada no mosteiro pode supor-se que o prior Joan Bellot e o arcebispo D. Teotónio de Bragança terão tomado consciência de que a transição do universo secular para a clausura deveria tornar-se mais indirecta. Esta atitude corrobora a pertinência desta investigação uma vez que o processo de entrada actual detém o mesmo problema supostamente detectado pelos dois clérigos.

Por conseguinte, há que entender de que forma é que Vincenzo Casale abordou o momento da entrada. Não se pense que a alteração do processo de entrada foi alcançada apenas com um único desenho. Os desenhos de estudo de Vincenzo Casale (desenhos 00, 00)⁷², revelam um método de trabalho baseado em explorações, testando, a partir do desenho, diferentes modos de entrada no recinto e de ascensão à igreja e ao cenóbio – tentativas que reflectem a procura de um modo de entrar indirecto, lento e prolongado. Parte dessa experimentação é visível na planta de estudo (desenho 00), cujo processo de entrada se tornou mais prolongado pela elevação da zona da portaria através de três degraus e de um pórtico. Na planta de estudo (desenho 00), além dos elementos adicionados na planta descrita anteriormente (desenho 00), Vincenzo Casale acrescentou ainda uma escadaria, elevando o acesso à igreja.

No *ALBUM DE G. V. CASALE*⁷³ também constam os desenhos onde figuram as opções da proposta final: o corte e a planta final da cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, assinada pelo Arcebispo D. Teotónio de Bragança e posteriormente subscrita também pelo prior Joan Bellot. As assinaturas revelam que o plano terá sido aceite e aprovado por ambos e, tal como indica o índice, terão sido «as plantas segundo as quais se iniciou a construção sob as ordens do Arcebispo de Évora»⁷⁴. Tendo em consideração a planta final (desenho 00), pode afirmar-se que a casa cartusiana de Vincenzo Casale concentrava características próprias da região e o percurso de entrada manifestava-o, respeitando a suave inclinação do terreno e desenhando a transição para o interior do conjunto através

⁷¹ «[...] Este esquema [desenho 00] se aceptó en sus líneas generales pero todavía se presentaban vacilaciones que acarrearían algunos cambios, lo que obligó Casale a nuevos borradores y trazas para concluir en la definitivamente aprobada. Un aspecto fue rechazado de inmediato: las torres de las esquinas. Otro problema era la decantación de la zona de ingreso y la comunitaria. De este sector conservamos un borrón lleno de acotaciones y tanteos, una traza en limpio del conjunto de esta delantera y dos trazas parciales de los patios que flanqueaban el templo, más como es lógico la traza general definitiva.» BUSTAMANTE, Agustín; MARIAS, Fernando – **Francisco de Mora y la arquitectura portuguesa. In As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos.** Coimbra: Livraria Minerva, 1987, p. 285.

⁷² Os desenhos podem ser consultados na Biblioteca Nacional de Madrid. Cota: Dibujos, 16/49 ALBUM DE G. V. CASALE.

⁷³ Os desenhos podem ser consultados na Biblioteca Nacional de Madrid. Cota: Dibujos, 16/49 ALBUM DE G. V. CASALE. Estão igualmente disponíveis para visualização na Biblioteca Digital Hispânica.

⁷⁴ A referida citação encontra-se descrita no índice do Álbum de desenhos de Vincenzo Casale. Pode ser consultado na Biblioteca Nacional de Madrid. Cota: Dibujos, 16/49 ALBUM DE G. V. CASALE.

dos dois lances de escadas. Após o atravessamento do aqueduto, surgia o primeiro lance ainda no espaço exterior – dando acesso à portaria – e, no pátio de entrada, surgia o segundo lance de escadas – no limite contíguo ao nártex exterior que dava acesso à igreja e à zona cenobítica. Na proposta que convenceu o arquitecto, mas também os superiores – e contrariamente à distribuição patente na planta de estudo (desenho 00), onde figuram um maior número de degraus no lance de escadas localizado defronte da igreja do que no nártex exterior da zona da portaria – Vincenzo Casale optou por colocar o mesmo número de degraus nos dois lances. No lance de escadas que se encontra na zona da portaria desenhou o cobertor de cada degrau mais largo do que no lance de escadas seguinte, evidenciando assim o desejo de prolongar o trajecto antes da entrada oficial no conjunto. Pode ainda supor-se que a decisão de distribuir equitativamente os dois lances de escadas, levando ao aumento do número de degraus na zona da portaria (quando comparado com o número de degraus representados no desenho 00), possa ter contribuído para a remoção do nártex proposto nas plantas de estudo. No fundo, estes dados, aparentemente irrelevantes, mostram que o percurso de entrada neste pátio foi, originalmente, projectado mais lento e prolongado pela subida de cota em dois momentos distintos do processo de entrada: o da entrada oficial no conjunto, junto à portaria, e o da entrada na igreja e no cenóbio.

Graças aos documentos do projecto do mosteiro, que nos foram deixados por Vincenzo Casale, foi possível analisar com precisão o processo de entrada original e verificar que a quebra identificada actualmente no processo de entrada (exposta no subcapítulo: O PROCESSO DE ENTRADA NA CARTUXA DE ÉVORA) nem sempre existiu. Pôde comprovar-se que o percurso entre a portaria e o cenóbio já fez parte do sistema contínuo indirecto, de curso lento e prolongado, que caracteriza as restantes transições do mosteiro. Verificou-se ainda que a preocupação manifestada pelo prior e pelo arcebispo há cinco séculos atrás é a mesma que agora desencadeia a proposta de consolidação do mosteiro de Santa Maria Scala Coeli (exposta nos últimos subcapítulos deste trabalho).

A REDESCOBERTA DO PROJECTO DO MOSTEIRO

Confrontando a proposta final de Vincenzo Casale com a planta actual do mosteiro baseada no levantamento realizado pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais pode constatar-se que a cota que hoje se encontra estabelecida no pátio de entrada do mosteiro não se equipara à cota antiga e que o processo de entrada em muito agora se diferencia (como comprovam os desenhos 00, 00, 00). Assumindo que a cota da igreja se conservou e que a cota do recinto que recebe quem chega à cartuxa não sofreu alterações significativas, verifica-se que a cota actual do pátio de entrada está abaixo cerca de 60cm relativamente ao nível antigo. A ascensão (projectada por Vincenzo Casale em dois lances) é agora feita de uma só vez, junto ao nártex exterior que dá acesso à zona cenobítica e à igreja, fazendo com que a passagem para a zona de clausura se faça de forma directa, sem espaço nem tempo para desfrutar desta transição. Admitindo ainda que a proposta final de Vincenzo Casale foi construída e, posteriormente, alterada, a igreja tomou novas proporções e a escadaria que a antecedia deu lugar a um nártex exterior, possivelmente para exercer uma das funções que o espaço que antecedia os coros da

igreja primitiva desempenhava – retardar o acesso ao interior do templo e ao cenóbio. Do mesmo modo, a escadaria que antecedia a portaria deu lugar ao novo espaço de recepção, provavelmente com a intenção de conservar a dimensão do pátio da entrada que teria ficado mais reduzido caso a portaria se tivesse mantido no mesmo lugar.

Estas discrepâncias entre a proposta final de Vincenzo Casale, aprovada para construção, e o plano actual⁷⁵ do mosteiro têm provocado dúvidas sobre o que terá sido efectivamente erguido na época da sua fundação e sobre quais terão sido as alterações efectuadas posteriormente⁷⁶. Nesse sentido, expõe-se de seguida a evolução morfológica do conjunto edificado de Santa Maria Scala Coeli que permitiu conhecer as diversas alterações que o conjunto edificado sofreu, bem como desvendar as possíveis razões dessas transformações, nomeadamente as que ocorreram no pátio de entrada e nos espaços que o envolvem.

A ENTRADA DOS MONGES

No seguimento da aprovação da proposta final de Vincenzo Casale, realizou-se a 25 de Abril de 1593⁷⁷, nos terrenos da Quinta da Cartuxa, a cerimónia de bênção da primeira pedra do novo mosteiro dirigida pelo Arcebispo D. Teotónio de Bragança⁷⁸.

Entre 1593 e 1596, vários nomes surgem citados em documentos referentes às obras na Cartuxa, nomeadamente Nicolau de Frias, o mestre de obras Jerónimo de Torres e o arquitecto Pedro Vaz Pereira⁷⁹. O nome Nicolau de Frias surge referenciado em diversas ocasiões, em documentação sobre as despesas de envio de material para o mosteiro⁸⁰. O historiador Vítor Serrão afirma que seria até diminuto julgar Nicolau de Frias apenas como um intermediário dos frades no despacho de tais materiais, uma vez que a sua figura gozava de uma posição institucional que atestava decisões de outro peso. De facto assim deve ter ocorrido. Vincenzo Casale vem a falecer ainda em 1593, numa fase em que os trabalhos no novo mosteiro apresentavam grandes avanços e numa altura em que

⁷⁵ Traçado desenhado com base no plano efectuado pela Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Sul, em 1996.

⁷⁶ Alguns anos após o começo da vida cartusiana no mosteiro de Santa Maria Scala Coeli, o mosteiro passou por diversas intempéries que o levaram a modificações significativas, como a ocupação pelo Regimento de Cavalaria de Dom Diego Caballero, aquando o cerco de Évora; um incêndio; a ocupação pelo exército de D. João da Áustria; a extinção das ordens religiosas masculinas em Portugal; a ocupação pelo Hospício das Donzelas Pobres; a ocupação pela Escola Agrícola Regional; a criação de uma fábrica de rolhas de cortiça; a transformação de uma parte em residência da família Eugénio de Almeida; as obras de restauro e reconstrução do Conde de Vill'Alva seguidas da reposição da ordem religiosa e as várias obras feitas pela DGEMN. Todas estas transformações estão contextualizadas e expostas com o devido detalhe nos subcapítulos seguintes, respeitando a ordem cronológica dos acontecimentos.

⁷⁷ Neste mesmo ano, é fundada a Cartuxa de Laveiras, nos arredores de Lisboa, em Caxias. Estes dois mosteiros foram as únicas casas da Ordem de São Bruno em Portugal e faziam parte da *Província da Catalunha* até 1640. A partir daí passaram a depender directamente da Grande Chartreuse. Em 1785, o Capítulo Geral criou a *Província Lusitana* para denominar a área das cartuxas portuguesas. Pelo facto desta província englobar apenas duas casas, o Capítulo Geral autorizou, excepcionalmente, o governo mútuo.

⁷⁸ FERRO, Luís – **O Espaço do Eremitério de Santa Maria Scala Coeli: A Casa Cartusiana do Alentejo**. Évora: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada na Escola de Artes da Universidade de Évora. p. 50.

⁷⁹ Ver mais sobre estas intervenções no artigo: SERRÃO, Vítor – Um desenho de Fernão Gomes para o Mosteiro de Scala Coeli de Évora. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. p. 33.

⁸⁰ Inventário de tudo o que o Arcebispo tem dado aos padres cartuxos do Mosteiro de escala caeli desta cidade de evora, asi dinheiro, pam, como movel, e outras cousas. Évora: Biblioteca Pública de Évora, MDLXXXVIII. Cód. CVII/1-28

grande parte do edifício já estava provavelmente erigido, não lhe sendo, no entanto, possível assistir ao término da obra. A morte de Vincenzo Casale terá sido, então, determinante no desenvolvimento subsequente do processo de construção, uma vez que a sua ausência terá originado alterações relevantes ao projecto original, bem patentes no actual mosteiro. Vítor Serrão afirma, inclusivamente, que Nicolau de Frias «deva ter tido um decisivo papel no acabamento da construção cartuxa, seguindo, ou adaptando mesmo às circunstâncias no terreno, as plantas de Casale»⁸¹.

Os monges, vindos da Catalunha para os aposentos provisórios no Paço Real da cidade de Évora, aguardavam pacientemente pelo momento em que habitariam o edifício que viam crescer e onde reimplantariam a essência do ideal cartuxo de reclusão silenciosa e vocação contemplativa. Onze anos passaram desde o dia em que chegaram. E embora a construção ainda estivesse por terminar, o mosteiro garantia já as condições necessárias à habitabilidade e às práticas regulares do dia-a-dia cartusiano. Assim, a comunidade mudava-se definitivamente para a nova casa no dia 15 de Dezembro de 1598⁸². Desde essa data, acompanharam de perto a conclusão do conjunto, nomeadamente a construção da igreja e do claustro maior, participando activamente nas obras – como é habitual no universo cartusiano. De acordo com Maria Antónia Hespanhol, existem provas do desenvolvimento das obras realizadas após a transferência dos monges para o mosteiro: cadernos avulsos de remuneração de jornas aos oficiais, datados entre os anos de 1598 e 1602⁸³.

Destacam-se ainda os registos relativos às obras, concernentes tanto aos habitantes da cidade de Évora como aos intelectuais que até ali se deslocavam. Exemplo disso é o registo do cosmógrafo-mor João Baptista Lavanha que, em 1622, numa breve passagem por Évora, refere que a construção da casa cartusiana não estava ainda completa, sublinhando no entanto que estes espaços, «quando terminados se situariam entre os melhores edifícios da ordem»⁸⁴. O claustro maior, rodeado de celas individuais, é um exemplo desses espaços inacabados, sendo construído entre 1613 e 1621 mediante a iniciativa de Dom Baltazar de Faria⁸⁵. Embora estivessem ainda a decorrer várias empreitadas de acabamento, o edifício constava como oficialmente concluído em 1625⁸⁶.

⁸¹ Vítor Serrão descreve-o em: SERRÃO, Vítor – Um desenho de Fernão Gomes para o Mosteiro de Scala Coeli de Évora. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. p. 33.

⁸² FERRO, Luís – **O Espaço do Eremitério de Santa Maria Scala Coeli: A Casa Cartusiana do Alentejo**. Évora: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada na Escola de Artes da Universidade de Évora. p. 50.

⁸³ HESPANHOL, Maria Antónia Sequeira – **Dom Theotónio de Bragança – O primeiro arcebispo de Évora no Domínio Filipino**. Évora: Universidade de Évora, 1993. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de Évora. p. 249.

⁸⁴ LAVANHA, João Baptista cit. in BARATA, António F. – **Évora Antiga: Notícias colhidas com afanosa diligencia Em favor dos asylos de Infância Desvalida e Ramalho-Barahona**. Évora: Minerva Commercial, 1909, pp. 102-103.

⁸⁵ CAEIRO, Elsa – **Convento da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, Construção, Reconstrução e Manutenção do espaço monástico**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2009-2010. Trabalho realizado com o apoio da Bolsa de Investigação da Fundação Eugénio de Almeida sobre a Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli. p. 13.

⁸⁶ CAEIRO, Elsa – **Convento da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, Construção, Reconstrução e Manutenção do espaço monástico**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2009-2010. Trabalho realizado com o apoio da Bolsa de Investigação da Fundação Eugénio de Almeida sobre a Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli. p. 13.

AS INTERRUPTÕES

Os monges, intensamente dedicados à vida em oração, permaneceram em clausura plena, até ao mês de Maio de 1663 – aquando do cerco a Évora pelas tropas espanholas, comandadas por D. João da Áustria. O exército espanhol instalou-se a norte da cidade, ocupando a cartuxa de Santa Maria Scala Coeli⁸⁷.

A Guerra da Restauração desencadeou um período de sucessivos danos, o que suscitou dúvidas, ao longo do tempo, quanto ao que efectivamente sucumbiu e ao que foi posteriormente recuperado. Para melhor compreender o que terá sido a Guerra da Restauração no território alentejano há que analisar a obra de D. Luís de Meneses, *História de Portugal Restaurado*⁸⁸, que se constitui como uma fonte indispensável relativamente ao período subsequente às campanhas da Restauração. De acordo com este documento, as tropas castelhanas cercaram a cidade, em demandas ofensivas e defensivas pela conquista da praça-forte de Évora. A maioria do exército ficou instalada no convento de Nossa Senhora do Espinheiro – denominado de *quartel de corte* – e a restante parte ficou aquartelada no mosteiro da cartuxa – ocupando também o Forte de Santo António, de onde se abriu fogo em direcção à muralha eborense. Em resposta aos confrontos espanhóis, no dia 22 de Junho, o exército português decidiu assaltar o Forte de Santo António, tendo ordens para que «á meya noite ao sinal de duas peças de artilharia investissem o Forte pela parte da Cartuxa»⁸⁹. Sublinha-se ainda o facto das restantes investidas, até ao final das campanhas, terem sido feitas a partir do mosteiro. Perante tal cenário, e apesar de não existir menção à destruição efectiva do mosteiro nos relatos de D. Luís de Meneses, não será difícil imaginar que, após as investidas, os edifícios possuísem marcas de tais lides.

Tal fatalidade foi também descrita por D. Bruno da Silva, cujo testemunho confirmou que após a entrada dos castelhanos no mosteiro «não o arrasaram como ao primeiro do Carmo, que perto lhe ficava, próximo da porta da Alagoa, mas deixaram-no grandemente damnificado»⁹⁰.

A propósito da Guerra da Restauração em Évora, existem ainda os manuscritos da autoria do padre Manuel Fialho, redigidos no final do século XVII e início do século XVIII, intitulados de *Évora Ilustrada* – fonte da obra abreviada do padre António Franco e do

⁸⁷ «Na tarde do dia 14 a cavalaria espanhola tomava todas as estradas da cidade, o cerco era completo [...] O general D. Diogo Caballero aquartelou-se na Cartuxa.» PEREIRA, Gabriel – **Estudos Eborenses**. Évora: Edições Nazareth, 1947. Volume II, p. 108. «Estamos em 14 de Maio de 1663. [...] Os quartéis espanhóis ocupavam o Moinho de Vento, a Cartuxa, a quinta do Alcaide e a cerca dos Remédios.» PEREIRA, Gabriel – **Estudos Eborenses**. Évora: Edições Nazareth, 1947. Volume II, p. 149. Esta obra pode ser consultada na Biblioteca Digital do Alentejo: 77, BDA - 04-94GP03_S1 94(469.52)EVO PER. Em *Estudos Eborenses*, Gabriel Victor do Monte Pereira narra os mais importantes acontecimentos de história da cidade de Évora. Esta obra é constituída por três volumes, sendo o segundo volume o que contém as narrações de Gabriel Pereira acerca dos assédios a Évora em 1663 pelo exército espanhol, com base na obra de D. Luís de Menezes, *História de Portugal Restaurado* e na obra de Padre Manuel Fialho, *Évora Ilustrada*.

⁸⁸ MENEZES, D. Luís de – **História de Portugal Restaurado**. Lisboa: Officina de Domingos Rodrigues, 1759. Parte II, Livro VIII, Volume IV, p. 109.

⁸⁹ MENEZES, D. Luís de – **História de Portugal Restaurado**. Lisboa: Officina de Domingos Rodrigues, 1759. Parte II, Livro VIII, Volume IV, pp. 159-163.

⁹⁰ SILVA, D. Bruno da – **Existência até ao presente da Cartuxa de Évora**. Évora: Minerva Eborense, 1888. p. 11.

registo do padre Francisco da Fonseca⁹¹. No que diz respeito aos terrenos da Cartuxa de Évora, os registos do padre Franco destacavam a alusão às obras que decorreram no último trimestre do século XVII, nomeadamente a conclusão da igreja e do retábulo, bem como a referência aos «oito mil cruzados que lhe deu el-Rei D. Pedro em recompensa dos danos que recebeu o convento quando a cidade foi conquistada por D. João da Áustria no ano de 1663»⁹² e às doações de aproximadamente, dezoito mil cruzados – em parte cedidos pelo próprio rei. O testemunho do padre Francisco da Fonseca completava o anterior, acrescentando que se construíram mais duas celas, além da consumação da igreja e do retábulo – reforçando que a ideia de que o mosteiro sofreu alterações significativas não é apenas impressiva.

Graças a D. Pedro II, mas também a D. João V⁹³, o edifício foi reconstruído como corrobora o documento identificado pelo historiador Vítor Serrão na Biblioteca Pública de Évora – um contrato com o mestre pedreiro Manoel João Penalvo, que descreve avultados gastos em obras de restauro⁹⁴. Pode assim provar-se que a destruição abrangeu uma área significativa do mosteiro.

Não obstante, não se obtém unanimidade junto dos que se debruçaram sobre este tema. Por um lado, George Kubler assegura que a reconstrução foi realmente expressiva, abrangendo nomeadamente o templo:

«[...] cuja nave recebeu uma nova cobertura em abóbada de berço, semelhante à Igreja do Espírito Santo, e a fachada foi inteiramente remodelada, tendo-se utilizado pedras recuperadas das ruínas do nártex dórico e do pórtico do átrio exterior que Casale traçara.»⁹⁵

Salienta ainda, este autor, que os elementos da zona superior da fachada «são, certamente, inovações do fim do século XVII» e que «as meias colunas dóricas e o entablamento que hoje constituem o «alpendre» ou pórtico foram retirados do nártex de Casale»⁹⁶. A opinião de Vítor Serrão também é afirmativa relativamente ao facto do

⁹¹ FIALHO, Pe. Manuel – **Évora Ilustrada, com notícias antigas e modernas sagradas e profanas**. Évora: [s.n.], [17--?]. Esta obra pode ser consultada na Biblioteca Pública de Évora: Cód. CXXX/1-9 e também na Biblioteca Digital do Alentejo: 01(2)MF02_COD. CXXX/1-9. Os escritos de Padre António Franco pode ser consultada na obra *Évora Ilustrada: Extraída da obra do Mesmo Nome do Padre Manuel Fialho* e, numa versão moderna, na obra *Évora Ilustrada*, publicada em fascículos como separata denominada de *A Cidade de Évora*. FRANCO, António – **Évora Ilustrada: Extraída da obra do Mesmo Nome do Padre Manuel Fialho**. Évora: Ed. Papelaria Nazareth, 1945. FRANCO, Pe. António – *Évora Ilustrada*. In **Revista A Cidade de Évora**. Évora: Comissão Municipal do Turismo de Évora, 1943. O registo do Padre Francisco da Fonseca pode ser analisada numa outra publicação, exposta como epílogo, com o nome de *Évora Gloriosa*. FONSECA, Pe. Francisco da – **Évora Gloriosa: Epílogo dos quatro tomos da «Évora Ilustrada», que compôs o R.P.M. Manuel Fialho da Companhia de Jesus: escrita, acrescentada e amplificada / por Pe. Francisco da Fonseca**. Roma: imp. Officina Komarekiana, 1728.

⁹² FRANCO, Pe. António – **Évora Ilustrada: extraída da obra do mesmo nome do Padre Manuel Fialho**. Évora: ed. Papelaria Nazareth, 1945, p. 358.

⁹³ Ambos convergiram para tornar a *Casa Real* uma das entidades padroeiras deste complexo monástico.

⁹⁴ Para além do contrato, no mesmo documento, também se descreve detalhadamente as despesas de restauro efectuadas na época, como por exemplo mais de 3 mil cruzados gastos em 1695, 575 275 réis em 1696 e 688 000 réis, em 1697, no reinado de D. Pedro II. Este documento pode ser consultado na Biblioteca Pública de Évora: Cód. CLXVII/2-10, fl. 259.

⁹⁵ KUBLER, George – **A Arquitectura Portuguesa Chã, Entre as Especiarias e os Diamantes (1521-1706)**. Lisboa: Vega, 1988, p.92.

⁹⁶ KUBLER, George – **A Arquitectura Portuguesa Chã, Entre as Especiarias e os Diamantes (1521-1706)**. Lisboa: Vega, 1988, p.92.

mosteiro ter sido destruído após a incursão das tropas espanholas e do consequente incêndio, referindo, não obstante, que «a fachada clássica, de inspiração serliana, segundo um desenho miguelangelesco *reformado*» ainda testemunha o plano original de Vicenzo Casale, «apesar das alterações sofridas pelo imóvel»⁹⁷. Para comprovar este episódio há ainda o parecer de Túlio Espanca, expresso no *Inventário Artístico de Portugal*, descrevendo o convento como estando, ao tempo, muito calamitoso, uma vez que se refere ao mosteiro como «hospital de sangue», e dado que relata que a igreja «foi incendiada depois de todo o edifício ter sido ocupado pelo corpo de três mil cavalos de D. Diogo Caballero e que, dos elementos originais da sua arquitectura, somente se aproveitou o nobre pórtico de mármore, do estilo clássico»⁹⁸. Por outro lado, e contrariamente ao que dizem os autores anteriores, Miguel Soromenho afirma que o mosteiro não terá sofrido tantas alterações após a Guerra da Restauração quanto revelam os testemunhos expostos anteriormente, pelo menos, no que diz respeito à igreja e à sua fachada. A possibilidade da fachada actual manter a estrutura do prospecto original traçado por Casale e a especulação das hipóteses autorais da mesma, é explicada por Miguel Soromenho através das influências que actuaram sobre Vicenzo Casale, em dois artigos da revista *Monumentos*, um deles publicado em Março de 1999⁹⁹ e o outro publicado em Abril de 2007¹⁰⁰. Miguel Soromenho procura revelar as possíveis/ prováveis fontes tipológicas da fachada da cartuxa de Évora e demonstrar que a destruição de 1663 não abrangeu uma área significativa do mosteiro:

«[...] apontando então as similaridades da composição com as frontarias precedentes das igrejas, também eborenses, de São Francisco e do Espírito Santo. A organização estrutural dos alçados, com o seu pórtico avançado de cinco tramos, e alguma analogia na definição dos pisos superiores, [...] indicam o evidente conhecimento destes protótipos locais, mas a formação italiana do autor do projecto, o padre servita Giovanni Vicenzo Casale, apontaria para outras vias de inspiração. Uma delas seria, evidentemente, a das gravuras de Sebastião Serlio, insertas nos seus III e IV livros [...]. Outra fonte, grandemente inesperada, [...] [era] a dos desenhos do concurso realizado para a finalização da fachada de São Lourenço de Florença, entre 1515 e 1516 [...] Celebrados arquitectos como [...] Miguel Ângelo apresentaram as suas propostas, as quais [...] incluíam a ideia de um pórtico avançado [...] A possibilidade de uma vaga lembrança dos desenhos *fiorentinos*, que parece, à primeira vista, algo forçada, explicava-se perfeitamente pela passagem de Casale, como discípulo, no estúdio do escultor Giovanni Agnolo Montorsoli, cuja formação tinha sido feita, por seu turno, com Miguel Ângelo, justamente durante o período em que aquele apresentava os seus projectos para

⁹⁷ Vítor Serrão apresenta novos factos num artigo denominado «Um desenho de Fernão Gomes para o Mosteiro de Scala Coeli de Évora». SERRÃO, Vítor – Um desenho de Fernão Gomes para o Mosteiro de Scala Coeli em Évora. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. p. 33.

⁹⁸ ESPANCA, Túlio – Convento da Cartuxa. In **Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora**. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966. Volume I, Tomo VII. p.308.

⁹⁹ SOROMENHO, Miguel – As possíveis fontes tipológicas da fachada da Igreja. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. pp. 9-13.

¹⁰⁰ SOROMENHO, Miguel – A Cartuxa de Évora: novos dados e o mito da destruição em 1663. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Abril 2007. Nº 26. pp. 100-105.

Florença. [...] [No contexto da destruição da cartuxa causada pelos confrontos de 1663] Não se descobre, no relato de D. Luís de Menezes, a menor alusão a quaisquer danos sofridos pelos edifícios [...] padre Manuel Fialho e os seus continuadores, padres António Franco e Francisco da Fonseca, também não referem, de modo algum, uma destruição tão brutal como aquela que perpassa nas páginas de Kubler ou de Túlio Espanca [...] uma consulta do Conselho de Guerra, datada de 10 de Setembro de 1671, motivada por uma petição dos frades cartuxos, dá uma ideia do que foram os prejuízos causados no espaço monástico pelas operações militares durante a reconquista de Évora. [...] Afinal, os estragos provocados no mosteiro não tinham ido além de alguns danos em dependências exteriores – o muro da cerca e algumas celas – e outros numas das paredes da igreja. [...]»¹⁰¹

Perante este testemunho pode concordar-se que não há fundamentações conclusivas de que a igreja tenha sido destruída durante os conflitos de 1663 e, de seguida, tenha sido integralmente reconstruída. Todavia, os argumentos de Miguel Soromenho também não comprovam que não possa ter havido alterações nos restantes espaços concernentes à zona da entrada, nomeadamente no que se refere à cota do pátio de entrada e aos espaços de recepção do mosteiro.

Se subsistissem ainda incertezas quanto às putativas alterações que o mosteiro possa ter sofrido, a compilação dos testemunhos acima citados, podem, ainda assim, auxiliar, uma vez que, no contexto deste trabalho, resta compreender se as transformações foram para além do perímetro da igreja, e se afectaram a entrada do mosteiro, ou o terreiro de entrada. Dessa forma poder-se-á perceber se as intenções para os espaços da entrada, constantes no projecto de Casale, terão passado de facto do papel à construção. Do mesmo modo se compreenderá se, eventualmente por vicissitudes da guerra, estes espaços acabaram destruídos, entre reconstruções/ recuperações menos informadas, até aos dias de hoje.

Torna-se então fundamental destacar o testemunho daqueles que viviam no edifício e que, após as operações militares, tentaram recuperar aqueles espaços. Mediante uma petição¹⁰², redigida pelos religiosos cartuxos e enviada para Lisboa endereçada ao Conselho de Guerra, os monges pediram licença para fazer obras de recuperação e ajuda para os seus custos. De acordo com os registos subsequentes ao cerco à cidade, por duas vezes tentaram assaltar o mosteiro «com armas / de fogo»¹⁰³. É plausível que,

¹⁰¹ SOROMENHO, Miguel – A Cartuxa de Évora: novos dados e o mito da destruição em 1663. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Abril 2007. Nº 26. pp. 100-104.

¹⁰² «As obras da Igreja nova começou o Rdo Prior D. Bernardo de St Joseph; com 8V cruzados, que o Sr Rey D. Pedro lhe mandou dar em satisfação das perdas e danos que o Convento recebo com as guerras, e ainda de D. Joam de Austria, a esta cidade no celebre anno de 1663. Gastados esses, ficou O mais per faser do que então se fez. Lembraramse então os de o fundador D. Theotonio deixara como herança o padroado do Convento à Serenissinia Caza de Bragança; havia quem se offerecia a acabar a Igreja, se essa real caza largasse e cedesse do padroado; fizeram petição à Magestade do Sr D. P 2o no anno de 1694.» Excerto de uma crónica de Santa Maria Scala Coeli, especialmente interessante por ter sido redigida, em 1725, por um carmelita do Convento N^a S^a dos Remédios de Évora. Cap. 3: Descrevese o Convento da cartuxa de Evora: claustras, hortas e pomares; dormitórios e cellas; outra claustra pequena, a Igreja que serve, Igreja nova que se esta fazendo, quem paga os custos? In ESCUDERO, Juan Mayo – **As Cartuxas de Portugal através dos séculos: Crónicas das Cartuxas Portuguesas**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2011. Col. Analecta Cartusiana, nº 268, pp. 81-98.

¹⁰³ IAN/TT, **Conselho de Guerra**, Consultas, maço 31, Consulta de 10 de Setembro de 1671.

perante a destruição de «algumas cellas, e oficinas, e parede da Igreja que se hião / fabricando, e estão já quasi acabadas»¹⁰⁴, se colocasse a hipótese da destruição se ter prolongado até ao caminho de entrada na propriedade e aos espaços de entrada no mosteiro, ou até ter começado por aí. É provável que o espaço que antes recebia os monges para a vida em oração se tivesse adaptado à chegada dos militares acirrados e de toda a cavalaria que os acompanhava, uma vez que estes provavelmente necessitavam de uma entrada bastante mais franca na propriedade. Contudo, os espaços da zona da entrada não terão sido os únicos em todo o conjunto monástico a receber a atenção dos monges. O pedido da comunidade para que aceitasse o padroado da nova igreja, chegou a D. Pedro II¹⁰⁵. A resposta foi positiva, uma vez que, segundo Túlio Espanca, «a coroa subsidiou largamente o levantamento do novo templo, e na primeira fase do restauro, no priorado de D. Bernardo de São José, o rei concedeu a verba de 26 000 cruzados, acrescidos posteriormente, já no governo de D. João V, com 5000 cruzados para douramento do imponente retábulo»¹⁰⁶.

Outro testemunho útil para o conhecimento do estado do mosteiro naquela época é o inquérito que está na origem das *Memórias Paroquiais de 1758*¹⁰⁷. Este inquérito está dividido em três partes: a primeira, sobre as terras (com 27 perguntas); a segunda, sobre as serras (com 13 perguntas) e a terceira, sobre os rios (com 20 perguntas). Para esta investigação interessa essencialmente a parte inicial, que diz respeito às povoações, mais especificamente o inquérito referente à paróquia da Sé e de São Pedro, da diocese de Évora, na qual se inseria a Cartuxa. Entre as perguntas enviadas aos párocos é possível saber: onde ficava situada a paróquia; a quem pertencia a jurisdição da localidade e qual a sua população; qual o título do pároco; quantos eclesiásticos e rendas possuía a igreja; se havia conventos, hospitais, casas de misericórdias, ermidas e romarias; se existia alguma feira, serviços de correio, privilégios e antiguidades; se tinha fontes ou lagoas, ou muralhas e castelo; se existiam na paróquia personagens ilustres; se haviam produções na terra; e, por fim, quais os danos causados pelo sismo que atingiu Lisboa e arredores em 1755. O

¹⁰⁴ IAN/TT, **Conselho de Guerra**, Consultas, maço 31, Consulta de 10 de Setembro de 1671.

¹⁰⁵ «Nos cercos do verão de 1663 a Évora, o convento sofreu os incómodos da Guerra e serviu de hospital de sangue, tendo a primitiva igreja sido incendiada depois de a Cartuxa ter sido ocupada pelos 3000 cavalos do corpo de cavalaria de D. Diogo Cabalero, o que levou D. Pedro II, a instâncias da comunidade, a aceitar ser padroeiro da Igreja, e cuja a anuência veio a ser aceite pelo príncipe D. João, depois Rei, que subsidiou largamente a Cartuxa para levantamento do novo templo» GOMES, Josué Pinharanda – Génese e percurso da Cartuxa de Évora. In **Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora**. Évora: Instituto Superior de Teologia de Évora, 2002. Separata de Eborensia, nº 29, Ano XV. p. 85.

¹⁰⁶ ESPANCA, Túlio – Convento da Cartuxa. In **Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora**. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966. Volume I, Tomo VII. p.308.

¹⁰⁷ Este registo escrito foi realizado em Portugal, a mando de Marquês de Pombal, três anos após o terramoto que atingiu o país a 1 de Novembro de 1755. O propósito deste interrogatório era a angariação de informação geográfica, demográfica, histórica, económica e administrativa das paróquias – abrangendo na íntegra o território continental português –, em particular sobre os estragos provocados pelo sismo. Todos os bispos das dioceses do reino receberam um conjunto de perguntas que, por sua vez, enviaram aos párocos, sendo o remetente final a Secretaria de Estado dos Negócios do Reino. As respostas ao questionário foram então recebidas e organizadas pelo Padre Luís Cardoso. O processo ficou concluído apenas em 1832, já depois do responsável ter falecido. Antes de falecer, o Padre Luís Cardoso já teria publicado dois volumes do seu Dicionário Geográfico, e julga-se que teria já completado o índice de todas as respostas aos inquéritos recebidos, o que terá facilitado a sua conclusão. IAN/TT, Ministério do Reino, **Informações dos párocos sobre o terramoto em Lisboa**, maço 638. Disponível para consulta em: <http://ttonline.iantt.pt>; <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4238720> ou <http://www.fcsh.unl.pt/atlas2005/index1.html>

nível de exaustividade e qualidade das respostas que compõem esta colecção não é constante, dependendo do empenho e da aptidão de cada um dos eclesiásticos.

Quanto às informações acerca da casa cartusiana de Évora, existem apenas breves referências na memória paroquial da Sé com data de 21 de Junho de 1758¹⁰⁸. Na questão n.º 10, intitulada de «Se tem Conventos de que religiosos ou religiosas e quem são os seus Padroeiros?», é referido que dos conventos religiosos extramuros da cidade faz parte «O Convento da Cartuxa de Monges Brunos, [do qual] foi o seu fundador o Senhor D. Theotónio de Bragança Arcebispo de Évora; não tem Padroeiro»; na pergunta n.º 22, denominada de «Se tem alguns privilégios antiguidades ou outra cousa digna de memória?», entre os diversos edifícios que o Arcebispo D. Teotónio de Bragança decidiu destacar encontram-se «templos magníficos e fabricas sumptuosas, tais são na freguesia da Sé as da Universidade e Collegio da Purificação, a Cartuxa, os dois hospitais real e da Universidade, o grande aqueducto de Agoa da Prata; (...)». Ao interrogatório n.º 26, que visa demonstrar «Se padeceu alguma ruína no terremoto de 1755; e em quê, e se está já reparada?», pouco foi respondido e o pouco que há foi explanado com escasso rigor: «Ainda que se sentio vehementissimo e cauzou algumas ruínas, forão estas de pouca conqideração, e todas se acharão reparadas».

Nada mais se encontra escrito sobre a estrutura eclesiástica – danificada ou não – ou acerca da vivência religiosa dos monges. Tal falta de pormenor compromete a dedução de eventuais alterações no mosteiro. No entanto, não significa que não tivessem ocorrido, uma vez que o próprio pároco que responde a este inquérito – Reverendo Francisco Garcia da Roza – ultima tal escritura com a seguinte nota: «Isto he o que eu respondo a estes Interrogatórios pelos termos mais breves que pode ser, na consideração de que desta cidade falão muitos Autores aonde se pode ver o que mais della se quiser averiguar». Ao abrigo desta pequena advertência instala-se a dúvida sobre o verdadeiro estado do conjunto ou acerca das conjecturáveis obras de reparo, e naturalmente se sublinha esta omissão se pensarmos que se trata de uma ordem de clausura, de recolhimento, afastada da vida em sociedade pela sua vocação contemplativa.

A 29 de Julho de 1808, a paz no mosteiro foi de novo interrompida, desta vez pela ocupação francesa. A passagem dos exércitos napoleónicos pela cidade, segundo as ordens do General Louis Henri Loison, acarretou uma grande destruição que afectou, em particular, os edifícios de carácter religioso e as casas reais¹⁰⁹. Os invasores apoderam-se da Cartuxa, saqueando o mosteiro, obrigando os monges a abandonar o edifício e matando os dois irmãos que se recusaram a cumprir as suas ordens¹¹⁰. Após a retirada do exército, foi então incendiado – o que implicou a destruição do interior de muitas celas e de outras divisões da área cenobítica (nomeadamente a biblioteca, cujos livros sofreram grandes estragos; desapareceram então alguns exemplares raríssimos, impressos e

¹⁰⁸ IAN/TT, **Memórias Paroquiais**, volume 14, n.º111, pp. 807-824.

¹⁰⁹ Ver testemunho do Frei Manuel do Cenáculo intitulado «Memória descritiva do assalto entrada e saque da cidade de Évora pelos franceses em 1808». Arcebispo de Évora, Frei Manuel do Cenáculo – **Memória descritiva do assalto entrada e saque da cidade de Évora pelos franceses em 1808**. Évora: Minerva Eborense, 1887. Ver mais sobre este assunto em: ESPANCA, Túlio – Évora na Invasão Francesa. In *A Cidade de Évora*, n.º 39-40. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1957-1958, pp. 83-96.

¹¹⁰ ESPANCA, Túlio – Évora na Invasão Francesa. In **Revista A Cidade de Évora**. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1957-1958. N.ºs 39-40, p.92.

manuscritos). Ainda assim, após todos estes incidentes a vida religiosa não abandonou Santa Maria Scala Coeli. Segundo Pinharanda Gomes, em 1821, sobreviviam no mosteiro vinte e um habitantes: doze padres, um corista, seis leigos e dois donatos, juntamente com sete criados¹¹¹.

A SUPRESSÃO

No mês de Maio do ano de 1834 foi decretada a expulsão da comunidade cartusiana do mosteiro de Santa Maria Scala Coeli, na sequência da extinção das ordens religiosas em Portugal ordenada pela Lei de 30 de Maio de 1834 – que declarava extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer outras casas religiosas¹¹². O conjunto edificado foi incorporado na Fazenda Nacional, após grande parte do património dos monges cartuxos ter sido delapidado e os seus bens secularizados. A 13 de Junho de 1834 foi realizado um inventário que permitiu perceber o estado do conjunto edificado e, em particular, das propriedades agrícolas pertencentes à Quinta da Cartuxa:

«Na entrada do pátio à direita deste edifício do convento da Cartuxa fica uma casa que serve de hospedaria, uma atafona, um lagar de varas e um engenho [...] uma horta que se compõe de pomares, árvores de fruta, tem nora e laranjal que fica junto ao corredor de passagem. A esquerda deste edifício fica a casa grande [...].¹¹³

¹¹¹ GOMES, Josué Pinharanda – Génese e percurso da Cartuxa de Évora. In **Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora**. Évora: Instituto Superior de Teologia de Évora, 2002. Separata de *Eborensia*, nº 29, Ano XV. pp. 96-97.

¹¹² Esta acção teve origem no reinado de D. José I de Portugal, cuja governação estava a cargo de Marquês de Pombal. Este decretou, ao abrigo do Alvará de 3 de Setembro de 1759, a expulsão dos Jesuítas do país e confiscou todos os seus bens, incorporando-os na Fazenda Nacional. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO. Sites DGLAB. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Exposições Virtuais. **Expulsão dos Jesuítas** [Em linha]. Disponível em: <http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/expulsao-dos-jesuítas/>; IAN/TT, **Armário Jesuítico e Cartório dos Jesuítas**, PT/TT/AJCJ. Com o fim da Guerra Civil Portuguesa e a consolidação do Liberalismo no país, confirmou-se a expulsão da Companhia de Jesus e decretou-se a extinção das ordens religiosas. OLIVEIRA, Miguel de (Pe.) – **História Eclesiástica de Portugal**. Ed. revista e actualizada. Actualização do Pe. Artur Roque de Almeida. Pref. António Costa Marques. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994. No âmbito da Convenção de Évora-Monte, foi publicado, a 30 de Maio de 1834, o texto do Decreto da extinção das Orden Religiosas em Portugal, redigido pelo Ministro da Justiça, Joaquim António de Aguiar, e assinado por D. Pedro IV de Portugal que dizia: «Tomando em consideração o relatório do Ministro e Secretario de Estado dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça, tendo ouvido o Conselho de Estado, hei por bem, em nome da Rainha, decretar o seguinte: [...] Ficam desde já extintos em Portugal, Algarve, Ilhas Adjacentes e Domínios Portugueses todos os Conventos, Mosteiros, Colégios, Hospícios e quaisquer Casas de Religiosos de todas as Ordens Regulares seja qual for a sua denominação, instituto ou regra [...] os bens dos Conventos, Mosteiros, Colégios, Hospícios e quaisquer Casas de Religiosos das Ordens Regulares, ficam incorporados na Fazenda Nacional. [...] Paço das Necessidades, em 30 de Maio de 1834. D. Pedro, Duque de Bragança. Joaquim António de Aguiar, 1834.» **Documento: 1834 – Abolição das Ordens Religiosas (Decreto)**. [Em linha]. Disponível em: http://www.ribatejo.com/hp/base/cgi-bin/ficha_documento.asp?cod_documento=199; o documento original pode ser visualizado em: http://www.ribatejo.com/hp/base/cgi-bin/ficha_imagem.asp?cod_imagem=514. Segundo o artigo 1.º desse documento eram declarados extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer outras casas das ordens religiosas regulares (sendo os seus bens secularizados e incorporados na Fazenda Nacional como dita o artigo 2.º, à excepção dos vasos sagrados e paramentos que deveriam ser entregues aos ordinários das dioceses tal como atenta o artigo 3.º). Esta reforma visava aniquilar o que se identificava como excessivo poder económico e social do clero, limitando deste modo o acesso aos seus meios de riqueza e a capacidade de influência desta classe no domínio político. OLIVEIRA, Miguel de (Pe.) – **História Eclesiástica de Portugal**. Ed. revista e actualizada. Actualização do Pe. Artur Roque de Almeida. Pref. António Costa Marques. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994. MATOSO, José [dir.] – **História de Portugal**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. SILVA, António Martins da – Extinção das Ordens Religiosas. In AZEVEDO, Carlos Moreira [coord.] – **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. Tomo 2.

¹¹³ IAN/TT, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, **Convento de Scala Coeli (Cartuxa)**, caixa 2213, capilha 8.

EM VÁRIAS MÃOS

Na pertença da Fazenda Nacional, as propriedades cartusianas¹¹⁴ foram classificadas pelo Estado como conjuntos para venda ou arrendamento, com o objectivo de fundar nesse conjunto edificado uma escola agrícola¹¹⁵. Na sequência desta acção, a Casa Pia interpôs o processo e fez valer, junto do governo, os direitos que D. Teotónio de Bragança lhes havia concedido e que ditava que «se acabasse a comunidade reverteria o mosteiro e as suas terras para o Collegio das donzelas pobres, que fundára na rua da Alagoa e na casa que fôra do capitão Manoel de Sousa Sepúlveda»¹¹⁶, exigindo que lhe fosse cedida a propriedade. O mosteiro, juntamente com a cerca, foram então explorados pela Casa Pia até ao ano de 1857. Nesta data, a propriedade foi alugada a um grupo de lavradores para a criação de um centro experimental de agricultura, administrado por António Joaquim Potes de Campos. O estado do mosteiro nessa época foi descrito num artigo de Filipe Simões, publicado em 1868 no jornal *Archivo Pittoresco*, cujo percurso de entrada no mosteiro foi relatado com detalhe:

«A um quilometro da cidade de Évora, para a parte de noroeste, está a quinta da Cartuxa, antiga residência de monges de S. Bruno, e hoje principio de uma *Eschola Regional*. Passa-lhes ao lado a estrada de Montemor, guarnecida de choupos e acácias. À direita apuram-se altos e elegantes os arcos do aqueduto. À esquerda prolongam-se até grande distância vastos ferregiaes planos e uniformes. Em frente empola-se o terreno, arqueia-se em numerosos outeiros povoados de azinhos e oliveiras por entre as quintas e casas com seus viçosos pomares. Nos altos os moinhos de vento rodam com inalterável monotonia as grandes velas triangulares.

É um passeio deleitoso pelo fim de tarde, quando os últimos raios do sol doiram as eminências, e enchem os valles, os arbóreos e as casas de mysteriosas sombras. A essa hora, própria para a meditação e recolhimento, encaminhem-nos à Cartuxa. Os portaes estão patentes, os muros derruidos, os pateos cheios de herva; tudo nos indica um grande edificio ha muitos annos deshabitado.

Entremos no convento. Eis aqui novas paredes derrocadas, abobadas abertas ou abatidas, e claustros sombrios, celas que, na crescente ruína, conservam ainda os vestígios da solidão e penitencias de seus antigos moradores. Essas poucas reliquias, que o tempo não acabou de destruir, desaparecerão em breve, quando as necessidades da civilização moderna fizerem consumir este novo sacrificio das memórias saudosas do passado [...].»¹¹⁷

Mais tarde, o Estado Português retomou o seu património e criou a Escola Agrícola da Cartuxa de Évora, proposta anteriormente pelo deputado eborense Joaquim Filipe de

¹¹⁴ Destas propriedades faziam parte o mosteiro da cartuxa de Évora, bem como a Quinta de Valbom, que havia sido adquirida pela comunidade cartusiana aquando da expulsão da Companhia de Jesus de Évora. CAEIRO, Elsa – **Convento da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, Construção, Reconstrução e Manutenção do espaço monástico**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2009-2010, p. 14. Trabalho realizado com o apoio da Bolsa de Investigação da Fundação Eugénio de Almeida sobre a Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli.

¹¹⁵ «Mediante a lei de 1834, a Cartuxa fora ter às mãos do Governo, que propunha vender as instalações, mas ocorreu a intervenção de um deputado nas Côrtes, Joaquim Filipe de Soure, que propôs a manutenção dos bens na posse do Governo, com vista a criar-se neles uma Escola Agrícola, e que viu a sua proposta aprovada, ainda que ao assunto não fosse dado qualquer seguimento.» GOMES, Josué Pinharanda – **A Ordem da Cartuxa em Portugal: ensaio de monografia histórica**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2004. Col. *Analecta Cartusiana*, nº 221, p. 108.

¹¹⁶ SILVA, D. Bruno da – **Existência até ao presente da Cartuxa de Évora**. Évora: Minerva Eborense, Dezembro de 1888, p. 25.

¹¹⁷ SIMÕES, A. Filipe – Cartuxa de Évora. In **Archivo Pittoresco**. Lisboa: Editores Proprietários, Castro, Irmão e C^ª., 1868. Volume 11, pp. 225-226.

Soure¹¹⁸. A cartuxa manteve-se na posse do governo até Abril de 1869, ano da extinção das escolas regionais de agricultura. Entre muitas ocupações e usos, o tempo foi corroendo a estrutura do mosteiro, acabando por levá-lo definitivamente à ruína.

A GERAÇÃO EUGÉNIO DE ALMEIDA

O mosteiro permaneceu em ruína até ser comprado por José Maria Eugénio de Almeida – Conde de Vill’Alva – como indica a *Pública Forma da carta de venda, outorgada pelo Rei D. Luís, relativamente à aquisição por José Maria Eugénio de Almeida da Quinta da Cartuxa, por arrematação no Ministério da Fazenda, no dia 13 de Fevereiro de 1871, por 23.100\$000 réis*¹¹⁹. Em 1874, o seu descendente, Carlos Maria Eugénio de Almeida, tomou o comando do património e instaurou no edifício a sede da sua *Casa Agrícola* no Alentejo¹²⁰. Uma vez que teria de deslocar-se várias vezes ao Alentejo para gerir os seus negócios, Carlos Maria Eugénio de Almeida decidiu construir uma residência na Quinta da Cartuxa.¹²¹ Para tal pediu ao engenheiro Raymundo Valladas que, numa das visitas de avaliação feitas às propriedades do Alentejo, reflectisse acerca do sítio onde se poderia construir a casa da família. Este apontamento pode encontrar-se no *Relatório respectivo à visita feita às propriedades do Alentejo pertencentes ao Exmo. Senhor Carlos Maria Eugénio d’ Almeida apresentado pelo engenheiro Manuel Raymundo Valladas* datado de 1879:

«Visita às prop^{des} do Ex^{mo} Senhor Carlos Maria Eugénio d’ Almeida (no Alentejo), feita pelo engenheiro Manuel Raymundo Valladas.

Cheguei a Evora no dia 5 de maio de 1879 e neste dia fui à Cartuxa, examinei o terraplano da eira, e vi que sem ser necessario mexer no aqueducto, o Chalet pode edificar-se ficando sobranceiro a todo o aqueducto. Se necessario apenas apear o mirante. O terraplano da eira oferece um diametro de 32^m, e p^a colocar bem a edificação será necessario, quando m^{to} fazer um pequeno atterro do lado sul. Quando porem se trate desta obra, convém apear o arco da antiga portaria e dois quartos contíguos que de nada servem, para desafrontar a magnifica e elegante fachada da igreja, toda de marmore

¹¹⁸ «Entretanto, um Decreto de 16 de Dezembro de 1852, retomando a proposta do deputado Filipe de Soure, determinou a criação da Escola Agrícola na Cartuxa de Évora, pois se dera o caso de a ter adquirido, por compra e por treze contos de réis, à Casa Pia. A Escola abriu em 1853, dirigida pelo mencionado Dr. Potes, que dissolveu a sociedade agrícola que pouco progresso efectuara na herdade, salvo algumas experiências com maquinaria e alguns ensaios de novas culturas.» GOMES, Josué Pinharanda – **A Ordem da Cartuxa em Portugal: ensaio de monografia histórica**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2004. Col. Analecta Cartusiana, nº 221, p. 108.

¹¹⁹ Este documento, pertencente ao arquivo referente ao Convento da Cartuxa de Évora, pode ser consultado no Centro de Documentação do Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida. CDFEA, Documentos Convento da Cartuxa, base de dados do arquivo digital: ABEA, SL:1/CX-069/PT-02/CP-05.02. Também pode ser consultado o *Anúncio da Direcção Geral dos Próprios Nacionais, relativo à Lista nº 169-B dos bens nacionais a vender em hasta pública no Ministério da Fazenda, no dia 13 de Fevereiro de 1871* na base de dados do mesmo arquivo digital: ABEA, SL:1/CX-069/PT-02/CP-05.01.

¹²⁰ «[...] que chegou a instalar ali, em 1874, uma fábrica de rolhas de cortiça, a qual teve curta duração, talvez por dificuldades económicas, ou por falta de mercado para o produto.» GOMES, Josué Pinharanda – **A Ordem da Cartuxa em Portugal: ensaio de monografia histórica**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2004. Col. Analecta Cartusiana, nº 221, p. 108. Esta fábrica é referida também num artigo de António Barata dedicado ao conjunto. O testemunho de António Barata reflecte um grande conhecimento do edifício, uma vez que o escritor viveu neste espaço até 1888. BARATA, António F. – **Breve Memória Histórica sobre a Fundação e Existência até ao presente da Cartuxa de Évora**. Évora: Minerva Eborense, 1888.

¹²¹ CAEIRO, Elsa – **Convento da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, Construção, Reconstrução e Manutenção do espaço monástico**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2009-2010. Trabalho realizado com o apoio da Bolsa de Investigação da Fundação Eugénio de Almeida sobre a Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli.

sacaróide branco, dando assim à entrada p^a a quinta e p^a o Chalet um aspecto m^{to} grandioso.

No grupo das edificações ruraes foi pena inutilizar as posilgas, porque juntas aos estabulos contribuía a formar um todo methodico, harmonioso, e aproveitavel quer para uma criação m^s apurada, q^r para enfermaria do gado suíno doente ou mais fraco.

Toda a madeira dos estabulos carece uma pintura nas portas e janellas p^a evitar a sua ruína. Estão construídos desde o principio do anno de 1864, e d'então p^a cá (15 annos) ainda não levaram uma demão de tinta. Com este serviço poderá ainda durar m^{tos} annos; e no seu genero; he ainda do melhor que a provincia apresenta. 20\$000 satisfarão esta necessidade urgente. Carecem torneiras as pias d'agua, e m^{to} mais os tanques p^a siga dos laranjais, porque estão tapados com tacos de pau. A descarga p^a este sistema allui tudo com as pancadas para metel-os e tiral-os, dando em resultado arruinar-se o que poderia durar m^{tos} annos. As torneiras de ferro fundido são baratíssimas e duram m^{tos} annos em se servindo dellas com cuidado.

[...]

Q^{ta} feira 8 — Cartuxa. A colocação desta herd^{de} torna-a mais importante do que a sua extensão. Conhece-a V. Ex^a. bem, e pena he que os grandes commodos que tem não estejam no Esbarrondadouro, nas Murteiras ou na Negrita. O olival está tratado regularm^{te}, e as terras de sementeira cultivadas a cereaes. Os pomares de laranja estão em mau estado. Procede-se ao retancham^{to} das arvores com outras tiradas dos viveiros. As secas dos annos anteriores tem-lhe feito grandes estragos: o laranjal do quadrado que dantes era uma bonita peça, está hoje cheio de seccos, carecendo limpeza, cava, e armação q^r seja a fim d'evitar a sua progressiva deterioração.

Estavam nos estabulos os carneiros hespanhois, e alg^s bacorinhos m^s fracos p^a estarem m^s à mão de serem tratados. Os carneiros são bons, e a deliberação d'adquiril-os concorrerá m^{to} p^a melhorar o rebanho lanar.

[...]

Eu entendo as casas assim. Quis V. Ex^a. que eu lhe apresentasse as minhas ideias a tal respeito; faço-o com a franqueza que me he propria, e com a leal^{de} que preside aos meus sentim^{tos} q^r com V. Ex^a.

V. Ex^a. porem como dono dellas que he, e entendido nestas questões, tomará as deliberações que entender; fazendo-me porem a justiça de crer, que o meu maior desejo seria proporcionar-lhe conselho e occasião. P^a augmentar poderosam^{te} os seus haveres.

Lisboa 31 de Maio de 1879

Manuel Raymundo Valladas
Cap^{ao} Eng^o.»¹²²

Apesar do local proposto pelo engenheiro Valladas no Relatório de 31 de Maio de 1879, para implantar a residência, ter sido junto à caixa de água do aqueduto existente a norte da quinta da Cartuxa, o novo edifício acabou por ser adossado à frontaria do mosteiro, junto à igreja (ver desenho 00). A residência da família dividia-se assim entre os espaços do novo edifício e alguns espaços da antiga hospedaria da cartuxa, circunscrevendo um pequeno pátio no interior do antigo pátio de entrada. Estas intervenções podem ser observadas num esboço¹²³ cuja a autoria também se atribui a Raymundo Valladas e que, apesar de não datado, se acredita ter sido apresentado a Carlos Maria Eugénio de Almeida, em 1879, juntamente com o relatório mencionado

¹²² Relatório apresentado pelo engenheiro Manuel Raymundo Valladas respectivo à visita feita às propriedades do Alentejo pertencentes ao Exmo. Senhor Carlos Maria Eugénio d' Almeida, a 31 de Maio de 1879. Disponível no Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida, fl.1, verso fl.3 e fl.11. Cota: AR:2/PORT:1/2/PRAT:5/CP:0

¹²³ Peças desenhadas da Quinta da Cartuxa. Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, Cota: SL:1/CX:069/PT:02/CP:05.04-05. O documento, pertencente ao arquivo referente ao Convento da Cartuxa de Évora, pode ser consultado no Centro de Documentação do Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida. CDFEA, Documentos Convento da Cartuxa, base de dados do arquivo digital: ABEA_SL01CX69PT02CP05.jpg

anteriormente¹²⁴; bem como nas plantas da propriedade da Quinta da Cartuxa, produzidas à escala 1/2000, onde figuram as divisões dos espaços agrícolas por cultivos, realizadas em 1896 por César de Goullard e em 1907 (esta última não tendo sido assinada).

Vasco Maria Eugénio de Almeida, descendente directo e legítimo proprietário da quinta, tomou posse da propriedade em 1940 – herança da sua avó, Maria do Patrocínio, falecida a 28 de Outubro do mesmo ano – e decidiu recuperar os espaços degradados e promover, novamente, a religiosidade cartusiana em Santa Maria Scala Coeli¹²⁵. A primeira referência ao conjunto monástico realizada por parte de Vasco Maria Eugénio de Almeida, datada de 23 de Janeiro de 1940 (ainda antes da morte da avó), encontra-se nos seus registos escritos pessoais – *Diário de Vasco Vill'Alva*: «Acendi pela primeira vez o fogão da sala grande na Cartuxa»¹²⁶.

Com o objectivo de devolver o mosteiro à ordem de São Bruno, Vasco Maria Eugénio de Almeida decidiu, além de efectuar um estudo das ruínas que povoavam o terreno da Quinta, recolher a maior quantidade possível de informação acerca do que teria sido o edifício nos seus tempos áureos. Uma das menções mais proeminentes do conjunto monástico em funcionamento foi a descrição presente em *Évora Ilustrada* do Padre Manuel Fialho¹²⁷, transcrita e publicada posteriormente pelo Padre António Franco numa obra com o mesmo nome (obras já referidas anteriormente):

«[...] Traçou a obra com tanta largueza e formosura, que apenas haverá outra em Portugal que se lhe anteponha. Feita alguma parte se mudaram para ela os Monges, aos 15 de Dezembro de 1598. Foi-se trabalhando no edifício, com calor, até o ano de 1602, em que morreu o fundador. Dizem que tinha gastado no que deixou feito, até cento e cinquenta mil cruzados. Outros dizem que duzentos mil e outros que duzentos e cinquenta mil cruzados. Tudo persuade a grandeza da obra.

O edifício está disposto em quadra, a qual tem de vão trinta e quatro braças, com uma fonte de mármore no meio, mui abundante de água da prata, porque além da que lhe alcançou de El-Rei o fundador, meteram no cano real muitas fontes, de que se lhe deu a porção, que conforme o regimento do aqueduto, se costuma dar aos que nele metem fontes. E assim na cidade ninguém tem mais água e com o cómodo de lhe passar o aqueduto por dentro da sua cerca, de que tem grandes cómodos o convento, e as celas dos Monges, que constam de vários departamentos. e com largueza para vários usos, e todas têm seu jardim, com água para divertimento no tempo que acabam as horas do coro, no qual é sua maior assistência.

Além do claustro grande tem outro menor, rodeado de capelinhas, em que os monges dizem Missa e onde têm a livraria comum, porque todas as celas têm sua casa de livraria. Nas capelinhas há pinturas excelentes. A igreja nova principiou o Prior D. Basílio, a quem lançou um formoso frontispício de pedra mármore. O Prior D. Bernardo começou o corpo da igreja em nossos dias com oito mil cruzados, que lhe deu El-Rei D. Pedro em recompensa dos danos que recebeu o convento quando a cidade foi ganhada por D. João da Áustria no ano de 1663. Depois representaram os Monges a El-Rei D. Pedro, que a casa de Bragança era padroeira do seu convento, por deixa do fundador,

¹²⁴ Informação cedida pelo responsável pelo Arquivo da Fundação Eugénio de Almeida, Dr. Rui Carreteiro.

¹²⁵ MARQUES, Maria Elvira Vieira – **Vasco Vill'Alva, Uma Presença no Alentejo 1913-1975**. Évora: Instituto de Cultura Vasco Vill'Alva, 1998, p.13.

¹²⁶ O documento, pertencente ao arquivo referente ao Convento da Cartuxa de Évora, pode ser consultado no Centro de Documentação do Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida. CDFEA, Documentos Convento da Cartuxa, entrada n.º 399, base de dados do arquivo digital.

¹²⁷ FIALHO, Manuel – **Évora Ilustrada, com notícias antigas e modernas sagradas e profanas**. [Évora]: [s.n.], [17--?]. Esta obra pode ser consultada na Biblioteca Pública de Évora: Cód. CXXX/1-9 e também na Biblioteca Digital do Alentejo: 01(2)MF02_COD. CXXX/1-9. FRANCO, Pe. António – **Évora Ilustrada: extraída da obra do mesmo nome do Padre Manuel Fialho**. Évora: ed. Papelaria Nazareth, 1945.

que era da mesma casa; deu-lhe doze mil cruzados e ao depois a estes acrescentou seis mil. Acabou-se a igreja e se lhe fez o retábulo. [...] Não tem ainda o claustro feitas as celas todas que a obra pede. El-Rei D. Pedro lhe mandou fazer mais duas celas. Seu fundador lhe deu peças mui preciosas e boas rendas.»

A informação que consta nesta descrição tornou-se uma referência no decorrer da reconstrução do mosteiro, tal como descreveu Vasco Maria Eugénio de Almeida no seu diário pessoal:

«Pela transcrição de “Évora Ilustrada” do Pe. António Franco cuja cópia me foi fornecida pelo Dr. Florentino Cardoso obtive uma descrição precisa do Convento da Cartuxa de Évora e que me forneceu elementos para continuar na obra de restauro em que me tenho empenhado com toda a dedicação que professo e confesso pela Ordem de São Bruno.»

Vasco Maria Eugénio de Almeida solicitou também a ajuda técnica da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais através da Direcção de Serviços Regional de Monumentos do Sul¹²⁸, que passaram a acompanhar todas as intervenções do Conde de Vill’Alva no conjunto edificado e a realizar as respectivas fiscalizações. A 24 de Janeiro do ano de 1944, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais informou Vasco Maria Eugénio de Almeida que havia sido concluído uma série de elementos gráficos do conjunto edificado da Quinta da Cartuxa: uma planta do piso 1; uma planta do piso 2; uma planta da cave; um alçado lateral e um corte; um alçado da igreja; uma planta e um corte de uma das celas.¹²⁹ Estes elementos terão passado a auxiliar o Conde nas futuras intervenções. Nas plantas citadas encontra-se representada a residência da família através do contorno do limite edificado (sem o desenho dos espaços interiores). Denota-se ainda a ausência do espaço da portaria e do corpo a norte desta e, do lado oposto, a presença de uma galeria porticada contígua à fachada.

O engenheiro Vasco Maria Eugénio de Almeida, receoso de que a recuperação daqueles espaços, baseada nas descrições de outros autores e nos planos de um edifício cuja origem não dominava, não correspondesse ao ideal da ordem, decidiu estudar a arquitectura cartusiana, viajando pela Europa, a partir de 1945, de modo a conhecer outros mosteiros da ordem de São Bruno, na busca de exemplos que o pudessem orientar.

Numa das suas viagens decidiu conhecer a casa-mãe, em Grenoble:

«Aí permaneceram dois dias solitários e silenciosos. O silêncio só era interrompido pelo barulho da água corrente de uma montanha, cerca da hospedaria deste convento. Visitou em profundidade todo o mosteiro e ali obteve os pormenores necessários à compreensão do funcionamento de uma comunidade tão invulgar. Chegou mesmo a trazer para a Cartuxa de Évora o modelo das chaves das celas, iguais em todas as cartuxas.»¹³⁰

¹²⁸ É de sublinhar que, no dia 16 de Junho de 1910, a igreja do Convento da Cartuxa havia sido classificada como Monumento Nacional, tendo ficado a partir desse momento sob a atenção das entidades competentes. SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO. Forte de Sacavém. **Mosteiro da Cartuxa de Scala Coeli / Igreja da Cartuxa / Igreja de Santa Maria Scala Coeli** [Em linha]. Disponível em: www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6503

¹²⁹ Arquivo DGEM/DREMS, n.º IPA PT0705210020, Desenho n.º 051738 Planta piso 1, Desenho n.º 051740 Planta do piso 2, Desenho n.º 051736 Planta da Cave, Desenho n.º 051744 Alçado Lateral e corte direito, Desenho n.º 051745 Alçado da Igreja com os laterais, Desenho n.º 051746 Cella Tipo.

¹³⁰ MARQUES, Maria Emília Vieira – **Vasco Vill’Alva, Uma Presença no Alentejo 1913-1975**. Évora: Instituto de Cultura Vasco Vill’Alva, 1998, pp. 14-15.

Nessa visita, Vasco Maria Eugénio de Almeida foi acompanhado da sua mulher, Maria Teresa Ortigão Burnay de Almeida Bello, com quem casara em 1948, tal como acontecera em muitas outras. O seu relato demonstra a dedicação e o empenho do seu marido:

«Fomos de carro à Grande Chartreuse, em França. Depois aos vários mosteiros de Espanha. Eu ficava sempre na zona residencial anexa, porque não me deixavam entrar. Mas o Vasco ia ver as cozinhas, os refeitórios, as celas dos monges, a disposição dos objectos nas capelas, para depois construir tudo semelhante. Era fanático nisso. Até as cadeiras, os puxadores das portas, as chaves, mandou fazer exactamente iguais. Ele tinha a mania das obras. Adorava construir, era quase um vício.»¹³¹

Vasco Maria Eugénio de Almeida visitou outras cartuxas onde os monges lhe mostraram toda a vivência cartusiana, tais como a cartuxa de Miraflores; a cartuxa de Santa Maria de Pualar; a cartuxa de Jerez; a cartuxa de Aula Dei e a cartuxa de Porta Coeli¹³². A sua mulher acompanhou-o também nessas visitas e foi até visitar uma casa nos Estados Unidos sem a companhia do Conde de Vill'Alva. A senhora Condessa Maria Teresa Ortigão Burnay de Almeida Bello sublinhou que a intenção do seu marido sempre foi a de entregar a casa aos monges:

«Nessa altura, a intenção já era clara, de trazer a Cartuxa, ainda que ambos falássemos disso como uma ideia louca [...] Era uma loucura... Mandar vir uma ordem religiosa inteira para a sua própria casa? Nunca ninguém fez uma loucura assim, penso eu [...]»¹³³

O interesse de Vasco Maria Eugénio de Almeida atraiu também muitos estudiosos e amigos do Conde que o tentaram ajudar e incentivar nesta demanda, como foi o caso de

¹³¹ Estas considerações de Maria Teresa Ortigão Burnay de Almeida Bello acerca da influência do seu marido, Vasco Maria Eugénio de Almeida, na Cartuxa de Évora fazem parte de uma (áudio) entrevista que pode ser ouvida no Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida. Um excerto desta entrevista pode ser lido em: DOCE, Nacho; MOURA, Paulo, co-autor – **O Segredo da Cartuxa**. 1ª ed. Barcelos: Pedra da Lua, Artes e Ofícios S.A., 2007. ISBN 978-989-95197-9-4. p. 48.

¹³² Ver mais sobre o processo da vinda de monges para a Cartuxa de Évora no trabalho de Elsa Caeiro: CAEIRO, Elsa – **Convento da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, Construção, Reconstrução e Manutenção do espaço monástico**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2009-2010. Trabalho realizado com o apoio da Bolsa de Investigação da Fundação Eugénio de Almeida sobre a Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli.

¹³³ Estas considerações de Maria Teresa Ortigão Burnay de Almeida Bello acerca da influência do seu marido, Vasco Maria Eugénio de Almeida, na Cartuxa de Évora fazem parte de uma (áudio) entrevista que pode ser ouvida no Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida. Um excerto desta entrevista pode ser lido em: DOCE, Nacho; MOURA, Paulo, co-autor – **O Segredo da Cartuxa**. 1ª ed. Barcelos: Pedra da Lua, Artes e Ofícios S.A., 2007. ISBN 978-989-95197-9-4, pp. 47-48.

Florentino dos Santos Cardoso¹³⁴, que enviou, em 1948, uma cópia do relatório de uma ida de *Visitadores*¹³⁵ ao mosteiro de Santa Maria Scala Coeli:

«Há muitos anos não aparecia o Convento da Cartuxa da Cidade de Évora, uma visitação e já o facto começava a causar estranheza entre os monges, porque era costume e estava escrito na Regra, que se deviam realizar com uma certa frequência [...] Mal a liteira parou, logo se apearam dois frades que, sem repararem nas deferências e costumellas do guarda-portão, contemplaram a fachada da igreja, estilo renascença, ornada com imagens dos santos da Ordem de São Bruno, rematando com a Nossa Senhora de Scala Coeli [...] O Irmão Visitador manifestou ao Sr. Prior o desejo de percorrer a casa pois nessa época o Convento dedicado a Nossa Senhora de Santa Coeli, de Évora, tinha fama, não só pelo traçado da obra, feiro com largueza e formosura não igual no país, e sua fazenda, mas também pela virtude e sentido dos monges que aí habitavam [...] Passando pelo claustro pequeno admirou a fonte de mármore, ao centro, e as capelas onde os monges celebravam a santa missa quotidiana, demorando-se a contemplar os riquíssimos painéis, especialmente os de São Jorge, o Anjo e a Senhora, e o Salvador aparecendo a Madalena.

Levaram-no depois à Livraria do Convento que foi a primeira da ordem e a que presidia uma curiosa imagem de Nossa Senhora, com o título de apresentação. O Visitador, com espírito dado à leitura, demorou-se a ver não só os manuscritos de extraordinária importância para a história das letras em Portugal, tais como os conselhos aos tradutores e muitas obras raríssimas, alguns escritos até pelo próprio punho de D. Duarte acerca da expedição a Tânger.

Percorreu depois o claustro grande, seu magnífico laranjal e enorme varanda ladrilhada, com sete celas de cada lado, onde habitavam outros tantos monges, tendo cada um vários compartimentos e um pequeno jardim com fonte de mármore. Ficou o Visitador muito impressionado com a grandeza deste claustro, pela simplicidade das linhas com que fora traçado, assim como pela alvura e asseio dominantes em todas as dependências da casa.

Entretanto, o D. Prior chamou a atenção do Visitador para as dezenas de painéis existentes [...] Contou-lhe também que o Arcebispo (D. Teotónio), tinha sido muito generoso com os monges pois lhe havia dado 1500 cabeças de gado, entrando vacas, bezerros, bois, ovelhas, carneiros, cabras e até nove rafeiros. Concedeu-lhes ainda seis escravos negros, prataria, alcatifas, e muitas rendas de casas, herdades e hortas com as quais enriquecer o mosteiro. [...]».¹³⁶

Ainda no ano de 1948, Vasco Maria Eugénio de Almeida mencionou no seu diário pessoal a existência do cemitério de monges no claustro maior da cartuxa de Évora.

«[...] A sumária descrição do cemitério dos frades levou-me imediatamente a procurar a sua localização e a pensar imediatamente no seu restauro. Nas pesquisas apareceu um muro que foi seguido e que, parcialmente encontrado nos seus alicerces, nos deu plenamente os seus limites. As laranjeiras, plantadas dentro dos alicerces, foram imediatamente arrancadas, aquelas que pelo seu tamanho permitam a transplantação, ficando as grandes que são cinco e que pelo seu grande porte e só para o ano se poderão transplantar.

¹³⁴ Esta figura eborense, amigo da família Eugénio de Almeida, dedicava-se ao ramo da História e da Filosofia, tendo apresentado no ano de 1953 a sua tese de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas sobre as duas cartuxas portuguesas. CARDOSO, Florentino dos Santos – **As Cartuxas Portuguesas: estudo artístico e arqueológico**. Lisboa: [s.n.], 1953. Tese de Licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 1957, Florentino dos Santos Cardoso tornou-se amanuense na Biblioteca Pública de Évora, passando posteriormente a conservador-ajudante do Museu Regional de Évora. BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA. **Historial. Cronologia**. [Em linha] Disponível em: www.evora.net/bpe/cronologia.htm

¹³⁵ *Visitação*: ocasião de uma visita de Padres Visitadores ordenados pelos superiores da Ordem Cartusiana com o intuito de perceber se o mosteiro cumprem as regras estipuladas, neste caso, com o intuito de verificar o desenvolvimento das obras de recuperação do mosteiro de Santa Maria Scala Coeli, a cargo de Vasco Maria Eugénio de Almeida.

¹³⁶ Ver a documentação intitulada «Uma Visitação ao Convento da Cartuxa», no Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida. CDFEA, Documentos Convento da Cartuxa, entrada n.º331 da base de dados digital.

É de lamentar que nem o cemitério escapasse à fúria destruidora do tempo e dos homens. Dele nada restava em memória inteiramente justa a uma das mais formidáveis virtudes humanas, a humildade. Assinalava o cemitério e no seu centro um cruzeiro de pedra mármore, pois nem esse escapou. O laranjal estendeu-se por todo o claustro.»¹³⁷

As informações que foram sendo reunidas conduziram o recobro das zonas afectadas do edifício. As alterações incidiram nos espaços fundamentais à prática religiosa quotidiana dos monges e nos espaços dedicados ao acolhimento de visitantes do mosteiro. No contexto desta investigação, destacam-se as remodelações efectuadas na zona cenobítica – nomeadamente nos espaços a norte da igreja, junto ao claustro menor a norte e, sobretudo, na zona da hospedaria, que havia sido convertida no chalé da família Eugénio de Almeida juntamente com o edifício adossado à frontaria da igreja. Quando Vasco Maria Eugénio de Almeida decidiu retirar-se definitivamente do mosteiro, os espaços da residência familiar voltaram a receber o programa original – a hospedaria e os espaços reservados à *procura* – que, apesar de não terem sofrido alterações construtivas, foram equipados com o mobiliário adequado às necessidades dos monges.

Em 1950, com a intenção de devolver os espaços ocupados às suas funções primitivas, foi extinta definitivamente a residência familiar. E de modo a recuperar a área total do pátio de entrada e desafogar a fachada principal da igreja, foi demolido o edifício de habitação contíguo à fachada da igreja. Vasco Maria Eugénio de Almeida fez referência aos trabalhos de demolição nos seus registos pessoais – *Diário de Vasco Vill'Alva*:

«7 de Outubro de 1950

Começou a demolição da casa edificada do lado direito da fachada da igreja grande e perpendicular a esta.

9 de Outubro de 1950

Mandei abrir o alicerce para o muro de suporte do aterro, para ampliação do pátio da igreja, lado sul, que depois fechará o referido pátio.

O lado sul do grande claustro comportava 8 celas das quais só foram construídas pelos frades 5.»¹³⁸

O mosteiro foi sendo alvo de modificações menores: umas vezes por necessidade dos monges, outras por vontade do Conde de Vill'Alva. As intervenções dirigidas por Vasco Maria Eugénio de Almeida foram quase sempre conduzidas pela intuição ou baseadas nas suas pesquisas pessoais, uma vez que se acredita que os planos originais de Vincenzo Casale nunca chegaram às suas mãos.¹³⁹ Contudo, quando a sua atenção se deteve no templo, o engenheiro Vill'Alva, possuidor de uma enorme sensibilidade e cultura invulgar, reconheceu que tal reforma nunca deveria ser exequível à luz do sentimento. Então, no que diz respeito à igreja, foi pedido novamente o apoio das instituições competentes. Acerca desta solicitação encontram-se actualmente registos escritos que

¹³⁷ CDFEA, Documentos Convento da Cartuxa, entrada n.º407, base de dados digital do Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida.

¹³⁸ CDFEA, Documentos Convento da Cartuxa, entrada n.º408, base de dados digital do Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida.

¹³⁹ INGLÊS, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena – **As Duas Scala Coeli. A cartuxa de Santa Maria Scala Coeli: Uma história a dois tempos. Um mesmo carisma em duas épocas de reforma.** Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2012-2013. Trabalho realizado com o apoio da Bolsa de Investigação da Fundação Eugénio de Almeida sobre a Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli.

fornece pistas quanto ao estado da zona cenobítica naquela época, especialmente junto da zona de entrada no mosteiro e de acesso à igreja. Exemplo disso é uma carta¹⁴⁰, redigida pelo próprio Vasco Maria Eugénio de Almeida, onde se revelam os motivos pelos quais nunca terá efectuado obras de recuperação ou conservação na igreja: os elevados custos que tal operação expenderia, bem como a carência de meios técnicos indispensáveis que assegurassem a segurança e o rigor técnico que tais trabalhos mereceriam.

Em 1951, Vasco Maria Eugénio de Almeida conseguiu reunir mais dois elementos gráficos que representavam a propriedade naquela época: uma planta da propriedade intitulada *Quinta da Cartuxa Évora*, representada à escala 1/5000 e datada de 1951, apresentando a área total da quinta (78,1250 ha)¹⁴¹ e uma planta do conjunto edificado da Quinta da Cartuxa que representava o levantamento solicitado ao engenheiro Manoel Raymundo Valladas¹⁴² e intitulado *Planta da Quinta da Cartuxa (parte do convento)*, produzido à escala 1/500, datado de Março de 1951 e assinada por Manoel Raymundo Valladas Engenheiro e pelo desenhador Olaivo Conde¹⁴³. No que diz respeito à zona da entrada, comparando a planta *Quinta da Cartuxa Évora (78,1250 ha)* com o levantamento realizado, em 1944, pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, verifica-se a restituição do espaço da portaria e dos espaços do corpo contíguo a norte (desenho 00). Por sua vez, se compararmos as duas plantas anteriores com a *Planta da Quinta da Cartuxa (parte do convento)* verifica-se, não só a reposição dos espaços descritos anteriormente, mas também a presença de um espaço contíguo à portaria, análogo à mesma nas suas dimensões e funções – um vestíbulo que prepara a entrada no espaço de recepção do mosteiro e que, por sua vez, retarda a chegada ao pátio (desenho 00). À semelhança da identidade programática de pequenos espaços agregados de forma distinta ao corpo de recepção de outras cartuxas, pode supor-se que este espaço estava dedicado às mulheres, cuja presença no interior do mosteiro era indesejada. Porém, não se encontraram fotografias ou descrições que confirmem a construção desta peça.

Embora não datadas, mas reproduzindo integralmente o conjunto edificado conforme o levantamento realizado por Raymundo Valladas em 1951 foram ainda compiladas duas plantas da propriedade por Vasco Maria num dossier da sua autoria, intitulado *Dossier – Duas Plantas da Cartuxa*¹⁴⁴.

¹⁴⁰ CDFFA, Documentos Convento da Cartuxa, base de dados digital do Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida.

¹⁴¹ Base de dados digital do Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida, cota: ABEA_ArmP02Gavt01-04 / ABEA_AI01.jpg

¹⁴² Trata-se de um oficial do Exército Português, da armada da Engenharia, nomeado coronel em 1888. Representou a Repartição de Agricultura do Ministério das Obras Públicas como engenheiro, tendo sido nomeado Inspector de Agricultura em 1866. Esteve envolvido em obras de grande importância no panorama cultural português, tais como o restauro do Mosteiro dos Jerónimos, em 1882, e as obras no Mosteiro da Cartuxa de Évora na época das intervenções da família Eugénio de Almeida. Exposição «Factos e Personalidades do Pinhal do Rei». Galeria Municipal da Marinha Grande: 10-27 de Março de 2011. [Em linha] Disponível em: <http://opinhaldorei.blogspot.pt/search/label/Manuel%20Raimundo%20Valadas>; <http://www.afn.min-agricultura.pt>

¹⁴³ Base de dados digital do Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida, cota: ABEA_ArmP02Gv01-16

¹⁴⁴ Base de dados digital do Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida, cota: ABEA_AmP:02/Gavt:02/Pt:01

Também o claustro menor a sul, onde se localiza a cisterna, foi inteiramente reconstruído, juntamente com a nova biblioteca que ocupou o lugar do antigo refeitório dos monges. Destaca-se ainda a reconstrução quase integral da maioria das celas que rodeiam o grande claustro, refundando o *deserto individual* contíguo ao *grande deserto*, condição que ditaria a real possibilidade do regresso dos monges brancos à cartuxa portuguesa.

No início deste processo Vasco Maria Eugénio de Almeida deparou-se com a dificuldade em reunir elementos que documentassem o estado do mosteiro original e que o auxiliassem na recuperação da identidade cartusiana. Assim sendo, com o objectivo de não deixar por documentar as intervenções por si realizadas efectuou um registo fotográfico das operações em curso.

O desenho que provavelmente terá servido de referência para estas intervenções, ou talvez realizado no decorrer do processo ou mesmo na fase final das obras, é uma planta do mosteiro, não datada nem assinada, denominada de *Borrão da planta do r/chão actualizado*¹⁴⁵. Tratava-se de uma cópia do levantamento da DGEMN (apresentado anteriormente) actualizada através do desenho, a lápis, das intervenções realizadas (ou a realizar) nos espaços em branco – como é o caso da construção do corpo de serviços localizado a norte da portaria; do claustro de serviços a norte; do claustro menor no lado sul; da biblioteca; do corpo de serviços, da sacristia e de algumas celas ao redor do claustro maior. Nesta planta destacava-se ainda a colocação de tinta branca sobre o desenho com o intuito de remover alguns elementos e espaços que haviam sido ou deviam ser demolidos posteriormente. Apesar deste desenho não conter data ou assinatura do autor, deduz-se que terá sido dos últimos levantamentos a serem feitos, por ser a planta que mais se assemelha ao mosteiro actual.

No Arquivo da Fundação Eugénio de Almeida e no Arquivo da cartuxa de Évora não se encontraram mais elementos que registassem em desenho as alterações ocorridas posteriormente; contudo sabe-se que as obras continuaram através das anotações pessoais de Vasco Maria no seu *Diário*¹⁴⁶:

«Ano de 1955
[...]
20 de Junho.
Começou o restauro do corredor contíguo à cozinha dos frades do lado da cela.
23 de Junho.
Começou a colocar-se o rodapé na biblioteca
25 de Junho.
Foi iniciado no terreno o novo veleiro do Monte dos Pinheiros.
12 de Novembro.
Começou o arranjo da cela do Procurador com a destruição do que está feito para parecerça do que era.»

No ano seguinte, em 1956, Vasco Maria Eugénio de Almeida solicitou a ajuda de outras casas cartusianas na construção (o mais fiel possível à casa-mãe) do mobiliário necessário às práticas religiosas e quotidianas dos monges. A ajuda chegou por parte da

¹⁴⁵ A planta pode encontrar-se no Arquivo da Cartuxa de Évora, sendo possível a sua visualização através do prior Pe. Antão López.

¹⁴⁶ CDFEA, Documentos Convento da Cartuxa, entrada n.º403, base de dados digital do Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida.

Grande Chartreuse e da cartuxa de Jerez através do envio de fotografias e desenhos de diversos móveis em conjunto com correspondência escrita, tal como havia sido solicitado por Vasco Maria Eugénio de Almeida¹⁴⁷.

Mas o propósito de Vasco Maria Eugénio de Almeida não se limitou ao edificado. Antes mesmo de começar as obras no edifício, fomentou a exploração agrícola na planície que confina o conjunto monástico, com base nos conhecimentos adquiridos na sua formação em Engenharia Agrónoma. Mais tarde, na tentativa de melhor isolar o mosteiro em relação à cidade de Évora, plantou, a sul do conjunto edificado, um pequeno bosque de pinheiros e eucaliptos, oferecendo aos eremitas uma forte barreira física entre os dois universos e um espaço de carácter singular, que se reinventa a cada exercício laboral ou meditativo. Como descreve Aurora Carapinha, este espaço «é o deserto-mata que produz, protege, isola, cerca e defende este mundo espiritual do mundo profano que lhe está tão próximo»¹⁴⁸.

Estando a maior parte das obras no mosteiro concluídas, foi enviado um álbum com plantas e fotografias do edifício recuperado às cartuxas espanholas, que por sua vez o enviaram para a Grande Chartreuse¹⁴⁹. Acordado o espírito cartusiano no Alentejo e sendo aceite pela casa-mãe, estava aquele *deserto* pronto para receber os religiosos. A 13 de Setembro de 1960, a comunidade da ordem de São Bruno instalava-se no edifício, vindos pela segunda vez de território espanhol, da cartuxa de Burgos via Fátima¹⁵⁰, com o consentimento arquiépiscopal do arcebispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro¹⁵¹. E o silêncio voltou a inundar Santa Maria Scala Coeli. O sacerdote eborense José Alves Gomes – redactor do semanário eborense *A Defesa* – narra o momento da chegada da comunidade numa das suas crónicas:

«Nessa tarde de Setembro – 13 – o sol encoberto por negras nuvens, que lembravam toldo rasgado deixando ver aqui e além o céu azul, escaldava como nas mais quentes tardes alentejanas. Da serra de Aire à planura do Alentejo, o mesmo calor.

Sobre Évora o céu estava riscado a cores e o sol escondia-se já no horizonte no momento em que ao seu convento chegavam os monges cartuxos exilados desde 1834. Voltaram 7 (3 sacerdotes e 4

¹⁴⁷ CAEIRO, Elsa – **Convento da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, Construção, Reconstrução e Manutenção do espaço monástico**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2009-2010. Trabalho realizado com o apoio da Bolsa de Investigação da Fundação Eugénio de Almeida sobre a Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli. pp. 112-123. Estas fotografias e desenhos, pertencentes ao arquivo referente ao Convento da Cartuxa de Évora, podem ser consultados na base de dados do arquivo digital (CDFEA, Documentos Convento da Cartuxa) do Centro de Documentação do Arquivo e Biblioteca da Fundação Eugénio de Almeida.

¹⁴⁸ Ver mais sobre este assunto em: CARAPINHA, Aurora – *Desertum, Clastrum e Hortus: os horizontes do jardim cartusiano*. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. pp. 21-23.

¹⁴⁹ CAEIRO, Elsa – **Convento da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, Construção, Reconstrução e Manutenção do espaço monástico**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2009-2010. Trabalho realizado com o apoio da Bolsa de Investigação da Fundação Eugénio de Almeida sobre a Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli. pp. 71-72.

¹⁵⁰ GOMES, Josué Pinharanda – *Génese e percurso da Cartuxa de Évora*. In **Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora**. Évora: Instituto Superior de Teologia de Évora, 2002. Separata de *Eborensia*, nº 29, Ano XV, p. 110.

¹⁵¹ Trata-se de uma figura do panorama religioso português. Foi ordenado sacerdote em 1921, tendo sido nomeado bispo-auxiliar do patriarcado de Lisboa em 1940 e posteriormente, ordenado arcebispo de Mitilene. Após alguns anos em Lisboa, foi destacado para a sede arquiépiscopal de Évora em Maio de 1955. D. Manuel Trindade Salgueiro (Ílhavo, 1898 - Évora, 1965) ocupou a função de arcebispo de Évora, durante uma década (1955-1965), até ao seu falecimento. CÂMARA MUNICIPAL DE ÍLHAVO. Áreas de Intervenção. Cultura. Gentes e Costumes. A nossa gente. **Dr. Manuel Trindade Salgueiro**. [Em linha] Disponível em: <http://www.cm-ilhavo.pt/pages/1013>

irmãos) como as 7 estrelas do seu emblema, como 7 foram em 1084 os fundadores, em «Chartreuse», da primeira cartuxa da história.

De Fátima, onde os religiosos chegaram no dia 12 e onde foram abençoados pelo Venerando Prelado de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro – sucessor de D. Teotónio de Bragança que há 378 anos os abençoou pela vez primeira –, vieram os monges acompanhados pelo venerando Bispo Auxiliar.

Chegados ao limite dos concelhos Almeirim-Coruche, e limite da Arquidiocese eborense, a comitiva parou e rezou-se por Portugal.

[...]

Galgados os quilómetros que restavam, em Évora no mais puro espírito cartusiano esperava-nos – a porta estava escancarada – o Senhor Conde de Vialva e sua Ex.^{ma} Esposa e os parentes de Frei Miguel.

Depois, entraram os frades para o Convento.

Aquelas paredes, que o Arcebispo de Évora D. Teotónio de Bragança erguera no século XVI e que um verdadeiro nobre reconstruiu na segunda metade do século XX, conheciam bem os filhos de S. Bruno. Eles estavam na sua casa.

Entraram.

E ao acompanhá-los, comovido eu compreendi no eco monótono dos primeiros passos dados com aqueles sapatos duros no lajedo do corredor, eu compreendi o soluçar de minha mãe abraçando-me, chorosa e alegre, depois de longa ausência.

A «Scalæ Coelli», a Cartuxa de Évora retomava a sua vida. Tinham regressado os filhos. Estava encerrado um capítulo da história.

[...]

Os edifícios monumentais não se restauram somente colocando as pedras sobre as pedras frias dos seus muros mas insuflando nas mesmas pedras o espírito que as cinzelou. Um claustro reconstruído é um muro de pé, não é um convento restaurado. E se a reconstrução se faz com dinheiro, a restauração só se faz com fé. A Cartuxa de Évora esta restaurada.

[...]

A árvore reverdescera. A vida voltara ao Convento e com esta vida um farol de esperança – baseada no valor da oração e do sacrifício – se acendeu em terras do Alentejo.»¹⁵²

Desde essa data, foi constante a preocupação de Vasco Maria Eugénio de Almeida em fazer com que os monges se sentissem felizes por terem vindo para Évora, proporcionando-lhes as melhores condições possíveis e o mínimo de perturbações. Tal esforço e dedicação fortaleceu o forte vínculo entre Eugénio de Almeida e os eremitas.

AS INTERVENÇÕES MAIS RECENTES

As obras realizadas nos anos seguintes, apoiadas pela Fundação Eugénio de Almeida, foram sobretudo de conservação. A 15 de Setembro de 1989, a fundação estabeleceu um acordo com a comunidade de Santa Maria Scala Coeli e com a ordem cartusiana, comprometendo-se a prestar apoio financeiro e técnico sempre que o mosteiro e os monges necessitassem:

«[...] que se concretiza tanto num subsídio ordinário anual, como no apoio permanente à conservação do Mosteiro e da propriedade circundante como, ainda, na salvaguarda jurídica do uso do nome Cartuxa e na conservação integral do ambiente monástico.»¹⁵³

Em 1987, o arquitecto Ruy Ângelo de Couto¹⁵⁴ assegurou também apoio técnico necessário à recuperação e conservação do conjunto edificado. Em 1989, a Direcção Geral

¹⁵² GOMES, José Alves – A Vida voltou à Cartuxa de Évora. In **A Defesa**. Évora: [s.n.], 17 Novembro 1960. Nº 1942, p. 8.

¹⁵³ PEREIRA, Sara Marques – **Deus, Labor et Constantia**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2003, p. 59.

¹⁵⁴ Este arquitecto era Director dos Serviços Regionais da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais nessa época. Colaborou em diversas obras em Évora fomentadas por Vasco Maria Eugénio de Almeida, nomeadamente no Palácio da Inquisição e no Palácio dos Condes de Basto.

dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Fundação Eugénio de Almeida voltaram a promover obras de recuperação no mosteiro, em particular nas coberturas.¹⁵⁵ Em 1995, a Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Sul candidatou o imóvel ao Projecto-Piloto Conservação de Património Arquitectónico Europeu 1995, tendo sido aceite e iniciado as obras no ano seguinte. Esta intervenção, realizada entre 1996 e 2000, foi a última operação significativa a que o mosteiro foi submetido, tendo como objectivo a conservação do conjunto edificado e, em particular, das fontes do claustro menor a norte e do claustro maior.¹⁵⁶ Os contornos deste processo podem ser consultados na explanação detalhada feita pelo arquitecto José Sousa Macedo¹⁵⁷, pertencente a um conjunto de artigos intitulado de «A intervenção da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais», publicado na revista *Monumentos*¹⁵⁸, em 1999. O artigo de José Sousa Macedo, denominado de «O Convento e a Intervenção da DGEMN», contém uma descrição do estado da cartuxa antes da intervenção, da qual é possível retirar informações acerca do pátio de entrada do mosteiro e dos espaços que o envolvem:

«[...] Assim, o que se nos deparou quando se iniciou esta campanha de obras, foi a igreja tal qual estava quando da extinção da Escola Agrícola em finais do século XIX. [...] No exterior, ressaltava a sujidade e presença de vegetação na fachada de mármore da igreja, o abatimento das três escadarias de acesso ao nártex, o terreiro em terra batida, rebocos e caiações degradados sobretudo nas zonas menos acessíveis da igreja e claustro grande. Os pavimentos de xisto do nártex, e misto de xisto e tijoleira do claustro norte degradados e com lacunas.»¹⁵⁹

Segundo esta descrição pode constatar-se que a igreja havia permanecido em mau estado, desde o final do século XIX, até à época da intervenção da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no final século XX. Por sua vez, o relato do estado dos espaços exteriores entre a igreja e a zona da entrada presente neste testemunho atesta que o acesso à igreja estava destruído, devido ao abatimento das três escadarias, e que a cota do pátio de entrada não estava bem definida uma vez que se encontrava em *terra batida*. Apesar de não existir documentação rigorosa que determine a cota do pátio de entrada antes e depois desta intervenção, é possível inferir que, durante esta época, se terá alterado a cota deste espaço.

A partir do ano 2000, foram realizadas obras de pequena dimensão, tais como pequenas intervenções no interior das celas, obras de conservação de paredes e vãos,

¹⁵⁵ SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO. Forte de Sacavém. **Mosteiro da Cartuxa de Scala Coeli / Igreja da Cartuxa / Igreja de Santa Maria Scala Coeli** [Em linha]. Disponível em: www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6503

¹⁵⁶ Em virtude do carácter distinto dos espaços a intervir, tornou-se fundamental para a execução das empreitadas, que se desejavam rigorosas e simultaneamente breves, agregar diferentes especialidades. Deste modo, o conjunto edificado de Santa Maria Scala Coeli foi alvo de um estudo realizado por uma equipa da DGEMN, em conjunto com a empresa Mural da História, com base numa metodologia rigorosa elaborado por diversos técnicos.

¹⁵⁷ Como arquitecto e mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, fez parte da equipa da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais que participou na campanha de obras realizadas na cartuxa de Évora, entre 1996 e 2000. Actualmente desempenha o cargo de Técnico Superior na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo.

¹⁵⁸ **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. pp. 43-65.

¹⁵⁹ **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10.

remodelação das instalações eléctricas, obras de intervenção em algumas coberturas, caiações, limpezas no interior e exterior da igreja, bem como noutras divisões.

CONCLUSÕES

Do processo contínuo de modificações construtivas e funcionais da cartuxa de Évora, sistematizado no conjunto de desenhos de síntese evolutiva, destaca-se o desenvolvimento do percurso de entrada. Embora se conclua que a zona cenobítica e a zona eremítica de Santa Maria Scala Coeli tenha perpetuado, ao longo das diversas intervenções, uma morfologia de matriz regular – que desde o início lhe serviu de base –, o mesmo não aconteceu com a zona que lhe dá entrada. A análise do decurso evolutivo do mosteiro não permite comprovar indubitavelmente que o projecto proposto por Vincenzo Casale tenha sido construído na sua integridade, apesar dos testemunhos de D. Luís de Menezes, D. Bruno da Silva, Manuel Fialho, António Franco, Francisco da Fonseca, Vítor Serrão, George Kubler e Túlio Espanca permitirem que se deduza que o plano terá sido erguido e que o processo de entrada terá sido modificado ao longo dos tempos. Ainda assim, nos registos da época do domínio da família Eugénio de Almeida é possível encontrar algumas tentativas de consolidação desta zona, nomeadamente a reconstrução do corpo de recepção do mosteiro que se encontrava destruído e a construção de um elemento que antecedia o espaço da portaria. De qualquer modo, bastaria o reconhecimento da importância das intenções que sustentam a proposta de Vincenzo Casale (expostas nos subcapítulos AS PROPOSTAS DE ARQUITECTURA e REDESCOBERTA DO PROJECTO DO MOSTEIRO) e das intenções que caracterizam a entrada de outras cartuxas (expostas no primeiro volume desta investigação) para se considerar fundamental o tratamento do processo de entrada, no sentido de o aproximar dos princípios da identidade espacial cartusiana. No seguimento desta reflexão, pretende-se que a intervenção proposta, apresentada nesta investigação, induza no processo de entrada a atenção e importância que lhe são devidas.

A ESTRATÉGIA PROPOSTA PARA A PROBLEMÁTICA DO PROCESSO DE ENTRADA

A descoberta de novos dados (expostos nos subcapítulos AS PROPOSTAS DE ARQUITECTURA e REDESCOBERTA DO PROJECTO DO MOSTEIRO), através do (re)conhecimento do traçado original do mosteiro e da análise da sua evolução morfológica, fomentou um olhar renovado sobre a entrada de Santa Maria Scala Coeli e permitiu formular uma hipótese arquitectónica fundamentada para colmatar a falha identificada no actual processo de entrada. O novo processo de entrada, submetido aos princípios estruturantes do mosteiro, pretende-se *novamente* indirecto e prolongado, estimulando pausadamente quem o percorre, na descoberta do silêncio e da vida em clausura. Mediante o reconhecimento dos benefícios sorvidos da proposta de Vincenzo Casale, particularmente da elevação do pátio da entrada relativamente ao espaço da portaria, propõe-se como estratégia actual o redesenho do acesso ao interior do mosteiro, dilatado através de um percurso de ascensão – fiel à intenção de Vincenzo Casale, ainda que naturalmente distinto na sua configuração.

Terminado o percurso pela alameda, a passagem sob o aqueduto assinala a chegada ao recinto exterior que antecede a portaria. Do mesmo modo, a passagem do

arco do aqueduto assinala também a entrada, não num espaço interior, mas no espaço interno que é o conjunto edificado cartusiano. A portaria é o espaço de paragem que convida à espera, pela presença dos bancos em pedra e do cordel através do qual se pede permissão. Ao toque do sino aparece o prior, e o percurso, para o homem, continua. A igreja impõe-se constantemente na paisagem desde o início do percurso e, pelo crescente alcance da fachada à medida que o entrante se aproxima, reclama a proximidade do espaço sagrado cartusiano. Desde logo se percebeu que a entrada dispunha de pouca profundidade, sendo por isso essencial a reposição da devida distância.

Torna-se então necessário, e de acordo com as intenções que caracterizam a entrada de uma cartuxa, evitar a vista integral da igreja e, se possível, o seu acesso tão repentino. A hipótese aqui veiculada tem como base a recuperação da cota antiga do pátio de entrada, tal como constante no projecto de Vincenzo Casale. Não obstante, ao invés da proposta de uma escadaria para vencer esta diferença de cota (como se pode ver na proposta de Casale), propõe-se que a elevação impeça o acesso directo ao pátio de entrada e, por sua vez, à escadaria que dá acesso ao nártex exterior e à igreja. Este óbice, além de significar a obrigação de paragem, é também representativo da relação que os monges cartuxos têm com quem deles se acerca. Do espaço da portaria nasce um vestíbulo que abriga este momento de pausa, duplicando a função da portaria, tal como fazem as diversas antecâmaras cartusianas ao longo de todo o edifício, e como sugeriu, outrora, o pequeno espaço que antecedeu a portaria na época de Eugénio de Almeida. Propõe-se ainda uma abertura neste vestíbulo, próxima da escala do homem, que faculta o contacto visual, ainda que controlado, com o nártex exterior da igreja – e não com a totalidade da sua fachada. Vê-se mas não se vê tudo, está aberto mas não se passa. Surge uma clara tensão no encontro do mundo secular com o cartusiano.

Do vestíbulo, a transição até ao espaço da *procura* faz-se tangente ao pátio da entrada, ao longo de um extenso corredor, desfazendo-se numa suave rampa. A opção pelo percurso perpendicular em relação à aproximação axial ao edifício sublinha a inutilização do eixo central – em virtude das passagens laterais, que tornam misteriosos, introvertidos e intensos, os percursos no interior da cartuxa. Antes do espaço de conversa com o procurador, propõe-se ainda um vão que se lança em direcção ao recinto exterior que antecede a portaria, permitindo voltar atrás através do olhar, repensar a entrada e confirmar a decisão. A confirmação do desejo de entrar no ambiente cartusiano diz respeito ao visitante, que deve ponderar se o que o leva até ali é tão forte quanto o que ali se vive – confirmando dessa forma que o motivo que ali o leva vale a pena interromper a clausura – mas diz respeito, sobretudo, aos noviços, que ali chegaram com vontade de se isolar para sempre com Deus e aos quais é sugerido que repensem as suas intenções. Deste modo, o espaço da *procura* surge com grande ímpeto no processo de entrada e, por isso, devem as suas dimensões acompanhar o seu carácter. É por isso que, no espaço em que o procurador recebe quem visita a cartuxa se abre um grande vão para abraçar o perfil da cidade de Évora, visto para lá da cortina de folhas dos plátanos centenários. Primeiro recorda-se a entrada, depois a cidade, e por fim, é autorizado o acesso ao pátio da lavoura. A transição do espaço da *procura* para o pátio de entrada faz-se através de uma passagem em sifão, terminando num espaço coberto que devolve o entrante ao exterior e

revela, na íntegra, a fachada da igreja. A aproximação oblíqua relativamente ao plano da fachada engrandece a perspectiva do edifício.

Em suma, a estratégia proposta para a problemática do processo de entrada no mosteiro de Santa Maria Scala Coeli consiste no desenho de um percurso em ziguezague, que confere à transição uma sensação contraditória de profundidade, tornando-a assim indirecta, lenta e prolongada – características essenciais na configuração do acesso a uma casa cartusiana.

Conforme a composição dos processos de entrada identificados noutras casas, procurou-se não só a continuidade desta transição, mas também a complementaridade. Garantiu-se, por isso, a ligação com o pátio da entrada entrosada com espaços distintos – momentos de paragem, com diferentes dimensões e usos, que devolvessem à *entrada* da Cartuxa o ritmo vagaroso e pausado, o mesmo que pauta as transições entre os restantes espaços de Santa Maria Scala Coeli e que caracteriza a entrada de uma quantidade significativa de cartuxas.

Transições e espaços de carácter e função tão distintos desenharam a passagem do universo secular para a clausura, construindo um percurso particular – identitário do universo espacial cartusiano. Acredita-se que se o visitante não soubesse que se tratava de um mosteiro cartusiano, este processo de entrada revelá-lo-ia.

O QUE FALTA AOS CARTUXOS E À CARTUXA DE ÉVORA?

O cruzamento das informações obtidas no estudo sistemático da morfologia de um conjunto relevante de cartuxas (exposto no primeiro volume desta investigação) e da cartuxa de Santa Maria Scala Coeli (exposto nos subcapítulos anteriores) assume-se como uma prática essencial – não só para o entendimento do estado do edifício comparativamente a outros exemplares cartusianos, mas também para a averiguação dos espaços que necessitam verdadeiramente de intervenção e daqueles cujos monges acusam privação. Reconhecendo o modelo programático que foi sendo estatuído pelas diversas casas ao longo do crescimento da ordem cartusiana, actualmente denota-se a ausência, em Santa Maria Scala Coeli, do espaço do colóquio e do capítulo dos monges leigos. Tendo em conta que o colóquio e o capítulo dos monges leigos são parte integrante da zona cenobítica de qualquer mosteiro cartusiano, em Santa Maria Scala Coeli propõe-se a implantação destes espaços na ala sul da dita zona, fomentando a consolidação dessa parte do mosteiro, que se encontra actualmente incompleta e degradada.

Além do programa já referido anteriormente, os monges de Santa Maria Scala Coeli acusaram a necessidade de reaver o espaço do antigo laranjal e da antiga horta, localizados a sul do pátio de entrada, cuja contiguidade lhe atribui o nome de pátio da lavoura. Uma vez que os monges passaram a cultivar o terreno mais a sul, situado fora do perímetro edificado, o programa deverá então sofrer algumas alterações. A escolha do local da horta actual deveu-se ao facto da linha de plátanos que demarcava o limite edificado ter atingido elevadas proporções e, conseqüentemente, ter provocado grande sombra no terreno de cultivo, não permitindo por isso o salubre desenvolvimento do plantio. Não obstante, a dissolução integral do registo agrícola não faz sentido, tanto pelo bom estado da maiorias das laranjeiras, como também pelo facto de concorrer para a

perda da memória do lugar, essencial para o seu reconhecimento empírico. Deste modo, pretende-se reactivar o antigo laranjal e compreender a sombra que dele advém como o limite que circunscreve o perímetro do espaço sagrado, onde a comunidade poderia celebrar a missa campal. O terreno de onde brota o laranjal estende-se por debaixo das arcadas onde assenta o corpo da recepção, da *procura* e do arquivo. Além de permitir o resguardo do sol fustigante do Alentejo, este espaço da arcada comporta outras importantes funções: participar na configuração da entrada para os espaços verdes que envolvem o mosteiro e, da saída, que ocorre todas as segundas-feiras, da missa campal para o passeio de recreio. Do mesmo modo, propõe-se que, no limite oposto do edifício, a norte, se abra um dos seus braços, para receber os monges no final desta caminhada, configurando um outro espaço de entrada a partir do terreno da cartuxa. Considera-se que a reinterpretação dos elementos arquitectónicos existentes, e a adaptação dos mesmos a novos contextos, fortalecem a unidade do conjunto e criam margem para a formação de novos espaços fundamentais à vida cartusiana.

Relativamente à entrada do conjunto, também se verifica a ausência de espaços que caracterizam esta zona noutros mosteiros cartusianos, como por exemplo um espaço dedicado às mulheres, cuja presença no restante mosteiro não é permitida. Em Santa Maria Scala Coeli, apenas na capela exterior se permite a comparência de mulheres no decorrer das missas nela celebradas. Caso a presença feminina se deva a uma das raras visitas realizadas pelos familiares dos monges à cartuxa, o único espaço que lhe serve de abrigo é a portaria, no primeiro contacto com o procurador, sendo depois sugerida a sombra dos plátanos do recinto exterior. De acordo com o testemunho do actual procurador, Pe. Antão López, tal como a mulher deve respeitar o modo de vida dos monges cartuxos e a renúncia da presença feminina na sua casa, deve a ordem cartusiana respeitar a sua comparência, assegurando, na medida no possível, o seu refúgio. Como testemunho da existência dessa consideração desde a fundação da ordem cartusiana subsiste no território cartusiano da casa-mãe, em Grenoble, a hospedaria das mulheres e o respectivo refeitório – situados num edifício isolado –, e o locutório feminino e a capela – contíguos ao corpo de recepção do mosteiro. Pretende-se, portanto, a criação de uma série de espaços que reúnam as condições acima referidas na zona norte da cartuxa de Évora. A implantação do programa dedicado ao público feminino na zona norte tem como propósito estabelecer proximidade com a capela exterior existente e, simultaneamente, fortalecer o isolamento da frente do conjunto edificado nesta zona.

O momento de entrada no âmbito feminino coincide com o do espaço que dá acesso à capela e concorre com o portal de entrada na portaria do mosteiro, ainda que tratados de forma distinta. O portal detém a centralidade do recinto exterior que recebe quem chega à cartuxa, enquanto a entrada no âmbito feminino se mostra mais discreta. Neste caso, é o pavimento que se destaca no recinto exterior e se prolonga no acolhimento ao entrante. Este pátio configura um espaço verde rectangular e uma galeria, sendo que nos seus extremos de maior dimensão se concentra a hospedaria feminina, o refeitório e o locutório. O lado sudoeste do dito pátio permite uma relação muito próxima com a paisagem, com o aqueduto e com os animais da quinta, conferindo a este espaço de espera um ambiente bucólico. Contudo, as relações do exterior com o interior do pátio

das mulheres estabelecem-se também de forma controlada. A conexão lacónica com o exterior é determinante não só para uma leitura sólida do conjunto edificado como também para a previsão do seu carácter a partir do exterior.

Por fim, identificou-se ainda a carência de espaços que adequassem a estrutura programática existente às necessidades da época em que nos encontramos. Actualmente, o estudo do tema cartusiano é transversal a várias disciplinas, o que levou ao aumento da afluência aos mosteiros cartusianos, por parte de diversos investigadores. Na tentativa de controlar e auxiliar estas visitas foram construídos, em diversas cartuxas, espaços de apoio à investigação e arquivos de documentação com acesso autorizado. Dispor esta informação de forma organizada evita as interrupções indesejadas à clausura da comunidade. Considerando esta necessidade, propõe-se para a cartuxa de Évora, um conjunto de espaços dedicados à investigação, implantados também na ala sul do mosteiro, que prima pela proximidade com a zona de recepção do mosteiro, não interferindo em demasia na clausura e funcionando assim como mais um filtro no acesso à zona cenobítica.

CRONOLOGIA

SANTA MARIA SCALA COELI

- 1328** Início da construção do mosteiro de S. Bento de Cástris no Alto de S. Bento.
- 1514** Beatificação de S. Bruno.
- 1531** Início da construção do aqueduto da Água de Prata (concluído em 1537).
- 1572** Camões escreve sobre a cidade de Évora e o seu aqueduto em «Os Lusíadas».
- 1 JAN 1583** D. Teotónio de Bragança, arcebispo de Évora, manifesta a intenção de construir o primeiro convento da Ordem Cartusiana em Portugal, numa carta enviada ao Papa Gregório XIII.
- 1586** Giovanni Vincenzo Casale chega à corte portuguesa.
- 8 DEZ 1587** Chegam a Évora os primeiros 7 frades cartuxos, oriundos da Cartuxa de Scala Dei, em Tarragona, na Catalunha e ficam provisoriamente alojados no Paço Real, contíguo à Igreja de São Francisco, enquanto decorrem as obras do novo mosteiro.
- 1588** É feita a encomenda do projecto de arquitectura para o mosteiro da Cartuxa de Évora a Tiburcio Spannochchi, cujos planos não tiveram aprovação. Filippo Terzi e Francisco de Mora apresentaram as propostas alternativas mas estas também não foram aceites. O projecto escolhido foi o de Vincenzo Casale.
- 1592** Construção da arca de água e do troço de aqueduto que liga o convento e o Aqueduto da Água de Prata. O mestre-de-obras responsável é Jerónimo de Torres.
- 25 ABR 1593** D. Teotónio de Bragança deu a bênção à primeira pedra do novo convento. Morre Giovanni Vincenzo Casale.
- 1595** Contrata-se a construção de uma capela no convento ao mestre pedreiro Vicente Ferreira. Filipe II manda em alvará ao corregedor da Comarca e ao Juiz-de-fora de Évora que sejam adstritos ao estaleiro cartuxo os oficiais e materiais necessários para o bom andamento dos trabalhos.
- 1596** Na documentação do convento refere-se a participação do arquitecto Pedro Vaz Pereira («a traça quadrangular do chamado Claustro das Capelas, na banda de ocidente, em planta estruturada com três tramos de arcadas e pilastras intermédias, poderá assacar-se, quiçá, à intervenção de Vaz Pereira») Serrão, 1999.
- 15 DEZ 1598** Os cartuxos mudam-se definitivamente para a nova edificação, juntamente com D. Teotónio. Realiza-se a cerimónia de inauguração da igreja.
- Séc. XVII** Construção do poço e da nora.
- 1621** Início da construção do claustro e do pórtico principal, construído em pedra mármore, até 1625.
- 1622** João Baptista Lavanha refere, numa passagem por Évora, que o convento ainda não estava terminado.
- 1625** Apesar de ainda estar a decorrer várias empreitadas, as obras no edifício declaram-se oficialmente concluídas.
- 1663** O exército de D. João da Áustria ocupou o convento e transformou-o num hospital de sangue, durante o assédio à cidade de Évora. (Um cartuxo, ob. cit., p.9)
Destruição de grande parte da igreja primitiva.

D. Pedro II fez obras de reconstrução na cartuxa, destruída pela ocupação castelhana e pelo grande incêndio subsequente aquando da retirada das tropas. Apesar de Miguel Soromenho contestar o «mito» da destruição total do convento, chamando a atenção para a qualidade da fachada da igreja, é referido a destruição da primitiva igreja, aquando o cerco de Évora. Nos meses de Maio e Junho, o edifício foi ocupado pelos Regimento de Cavalaria de Dom Diego Caballero.

1686 É feito um novo retábulo para a igreja.

1697 O pedreiro Manuel João Penalvo é o mestre da reconstrução do convento.

1701 reedificação a expensas da coroa.

1716 Execução provável do cadeiral da igreja.

1729 Douramento do retábulo-mor.

1732 Aquisição de duas imagens de santos para a igreja.

1755 Sismo de Lisboa.

1758 Registos das Memórias Paroquiais de Portugal.

1782 Visita de D. Francisco Pérez Bayer, natural de Valência, no âmbito de uma viagem ao sul de Portugal. O académico espanhol visita a cidade e descreve os principais templos assinalando diversos registos epigráfico pelas ruas. No dia 9 de Novembro, visita o Convento da Cartuxa, com o intuito de estudar manuscritos valiosos, presentes na importante Biblioteca do mosteiro, muitos deles doados pelo seu fundador, outros vendidos aos monges por D. Fernando del Cano, Bispo do Algarve.

Séc. XIX Provável construção do depósito de água e da cisterna anexa.

30 MAI 1834 São extintas as ordens religiosas masculinas em Portugal. (Túlio Espanca, ob. cit., p.308)

O convento é ocupado pelo Hospício de Donzelas Pobres de Évora. O imóvel torna-se património da Fazenda Nacional.

1852 Venda do edifício ao Estado.

Instalação da Escola Agrícola Regional no edifício, servindo a igreja de armazém para palha.

1863 Avaliação da cerca e do edifício do convento da cartuxa. MOP-TT.

1869 Extinção da Escola Agrícola Regional.

13 FEV 1871 Segundo a pública-forma dessa data, o Estado vende a Quinta da Cartuxa a José Maria Eugénio de Almeida em hasta pública que a utilizou para produção agrícola, tal como fez o seu herdeiro Carlos Maria Eugénio de Almeida.

1874 É criada, por Carlos Maria Eugénio de Almeida, uma fábrica de rolhas de cortiça, cuja produção durou pouco tempo. (D. Bruno da Silva, Breve memória histórica sobre a fundação e existência até ao presente da Cartuxa de Évora, p.26)

Séc. XX Vasco Maria Eugénio de Almeida, herdeiro do convento, reside no edifício e promove o restauro e reconstrução das partes degradadas.

O conde de Vill'Alva percebe a importância do conjunto arquitectónico e decide restaura-lo de acordo com o traçado original e recuperar as suas funções religiosas.

1942 Começaram oficialmente as obras de reconstrução do convento.

7 JAN 1950 Vasco Maria relata as obras que acontecem no convento num testemunho pessoal.

14 SET 1960 Chegam a Évora os 7 monges brancos chamados por Eugénio de Almeida para restaurar em Portugal a Ordem Cartusiana. São feitas obras de reconstrução integrais das partes que se encontravam em ruína, em particular do lado Sul: obras de reconstrução do claustro Sul e das dependências que o rodeavam; reconstrução de algumas celas do claustro grande e de dependências que envolvem o claustro Norte; obras de conservação gerais.

- 1987** O director dos serviços regionais da DGEMN, o arquitecto Ruy Ângelo do Couto, dá o apoio técnico necessário à recuperação e conservação do imóvel.
- 1989** Reparação das coberturas da igreja pela DGEMN realizadas pela DGEMN e pela Fundação Eugénio de Almeida.
- JAN 1995** A DGEMN em conjunto com a Fundação Eugénio de Almeida candidatou o imóvel ao Programa de Apoio a Projectos-piloto de Conservação do Património Arquitectónico Europeu.
- 1996** Obras de conservação e restauro comparticipadas pela CE através do programa de apoio à Conservação do Património Arquitectónico Europeu e PIDDAC: revisão geral das coberturas, incluindo a reconstrução integral e parcial de telhados; revisão geral de rebocos, caixilharias, vãos exteriores e pavimentos; revisão das redes de águas, esgotos e electricidade; limpeza de cantarias; revisão geral de elementos decorativos; recuperação das fontes; conservação e restauro de azulejos, pinturas murais, talhas, pinturas em madeira e tela, estatuária e cadeirais.
- 2000** Obras de conservação e restauro realizadas pela DREMS: conservação e recuperação de coberturas; revisão de rebocos; obras de conservação no cemitério; obras de conservação numa das fontes; pavimentação da galeria Este e substituição dos muretes de alvenaria existentes entre as colunas da galeria Oeste por painéis de vidro.
- 2002** Obras de adaptação de uma cela inacabada para uma enfermaria: construção de divisórias e tectos em gesso cartonado, criando espaços reversíveis; reconstrução do alpendre idêntico ao das outras celas; obras de conservação em paredes e cobertura exteriores; recuperação e reconstrução de portas e janelas.
- JUL 2004** Foi prevista a abertura de um concurso para a construção de uma adega da Fundação Eugénio de Almeida pela DGEMN-DREMS. Não aprovado.

CRÉDITOS DE IMAGENS E DESENHOS

V. I

SEPARADOR GC

GC01. «**Grande Chartreuse**» p.00

© Steynard

GC02. «**Route de la Grande Chartreuse, L'Entrée du Desert, Isère**»

Fonte: Arquivo da fundação Eugénio de Almeida (Postais adquiridos em viagens por Vasco Maria Eugénio de Almeida)

GC03. «**Route de la Grande Chartreuse, L'Entrée du Désert, Le guiers**»

Fonte: Arquivo da fundação Eugénio de Almeida (Postais adquiridos em viagens por Vasco Maria Eugénio de Almeida)

GC04. «**Route de la Grande Chartreuse, L'Entrée du Desert**»

Fonte: Arquivo da fundação Eugénio de Almeida (Postais adquiridos em viagens por Vasco Maria Eugénio de Almeida)

GC05. «**Route du Dèsert de la Grande Chartreuse**»

© Bruno Locatelli

GC06. **Planta de implantação da casa-alta e da casa-baixa da Grande Chartreuse**

© Ana Isabel Loureiro

07. **Planta da Grande Chartreuse**

© Ana Isabel Loureiro

08. **Percurso da casa-baixa até à casa-alta da Grande Chartreuse**

Fonte: sectionrando.canalblog.com

00. **Percurso da casa-baixa até à casa alta da Grande Chartreuse (Inverno)**

Fonte: sectionrando.canalblog.com

00. **Entrada da casa-alta da Grande Chartreuse**

Fonte: <http://sectionrando.canalblog.com>

00. **Entrada da casa-baixa e início do percurso até à casa alta da Grande Chartreuse**

© Alessandro Collet

00. **Planta da zona da entrada da Grande Chartreuse**

© Ana Isabel Loureiro

00. «**Entrada da Grande Chartreuse**»

Fonte: «Planches 2/609-610 VI – Programmes Exceptionnels, R. Auzelle et I. Jankovic, 1953, in <http://www.summitpost.org>

© M. H.

00. «**Claustro maior da Grande Chartreuse**»

Fonte: «Planches 2/609-610 VI – Programmes Exceptionnels, R. Auzelle et I. Jankovic, 1953, in <http://www.summitpost.org>

© T. C. F.

00. «**Pátio da Avé-Maria da Grande Chartreuse**»

Fonte: «Planches 2/609-610 VI – Programmes Exceptionnels, R. Auzelle et I. Jankovic, 1953, in <http://www.summitpost.org>

© C. A. P.

00. «**Claustro maior da Grande Chartreuse**»

Fonte: «Planches 2/609-610 VI – Programmes Exceptionnels, R. Auzelle et I. Jankovic, 1953, in <http://www.summitpost.org>

© C. A. P.

00. «**Pátio e jardim individual da cela do monge da Grande Chartreuse**»

Fonte: «Planches 2/609-610 VI – Programmes Exceptionnels, R. Auzelle et I. Jankovic, 1953, in <http://www.summitpost.org>

© T. C. F.

SEPARADOR SD

00. «**Conreria**» p.00

Fonte: www.cellersdescaladei.es

00. «**Recinto Exterior**» p.00

© Marc Audi

00. «**Arco de entrada a la cartuja. Porteria.**» p.00

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. **Entrada da casa-alta** p.00

© Francisco C.

00. «**Fachada da Mãe de Deus**» p.00

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. **«Pequeno claustro da zona da entrada»** p.00

© Carlos Soria

00. **«Pequeno claustro da entrada»** p.00

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. **«Pátio da entrada»** p.00

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. **Entrada** p.00

© Arnim Schulz

00. **Planta de implantação da casa-alta e da casa-baixa da cartuxa de Santa Maria Scala Dei** p.00

Fonte: <https://www.google.pt/maps/@41.2527101,0.8118275,15z/data=!5m1!1e4?hl=pt-PT>

© Ana Isabel Loureiro

00. **Planta da cartuxa de Santa Maria Scala Dei** p.00

Fonte: www.monestirs.cat; BARRAQUER, Gaietà, ROVIRALTA, Gaietà (1906). *Las casas de religiosos en Cataluña durante el primer tercio del siglo XIX*. Barcelona: Imp. Francisco J. Altés y Alabart;

http://www.mhcat.cat/monuments_i_territori/monuments/cartoxa_d_escaladei

© Ana Isabel Loureiro

00. **«Zona de estar da cela do monge»**

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. **«Espaço de refeição da cela do monge»**

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. **«Cela do monge»**

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. **«Galeria do pátio da cela com tanque de água»**

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. **«Capítulo »**

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. «Refeitório»

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. «Claustro Menor»

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. «Fonte do Claustro Menor»

Fonte: www.monestirs.cat

© Baldiri Barat

00. **Planta da zona da entrada da cartuxa de Santa Maria Scala Dei**

Fonte: www.monestirs.cat; BARRAQUER, Gaietà, ROVIRALTA, Gaietà (1906). *Las casas de religiosos en Cataluña durante el primer tercio del siglo XIX*. Barcelona: Imp. Francisco J. Altés y Alabart;

http://www.mhcat.cat/monuments_i_territori/monuments/cartoixa_d_escaladei

© Ana Isabel Loureiro

V. I

01. **Fotografia aérea «Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli»**

© José Manuel Rodrigues

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

02. **A Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, o aqueduto da Água de Prata e a vista do centro histórico da cidade de Évora**

© Marcolino Silva, década de 60

fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora

03. **Ortofotomapa da cidade de Évora com demarcação da Quinta da Cartuxa**

© Ana Isabel Loureiro, 2014

fonte: <https://www.google.pt/maps/@38.5752892,-7.9127257,2619m/data=!3m1!1e3?hl=pt-PT>

04. **Planta do Sistema Geomorfológico da cidade de Évora**

© Ana Isabel Loureiro, 2014

fontes: Direcção de Serviços de Ordenamento do Território; Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo

05. **Quinta da Cartuxa**

© João Pedro Cruz, 2013

06. **Aqueduto da Água de Prata**

© João Pedro Cruz, 2013

07. Planta do Sistema Verde e da ocupação religiosa na cidade de Évora

© Ana Isabel Loureiro, 2014

fontes: Direcção de Serviços de Ordenamento do Território; Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo; Departamento de Arquitectura Paisagista da Universidade de Évora; CAEIRO, Elsa – Os Conventos no termo de Évora, Tese de Doutoramento, Universidade de Sevilha, 2006

08. Ortofotomapa da cerca da Quinta da Cartuxa

© Ana Isabel Loureiro, 2015

fonte: <https://www.google.pt/maps/@38.5820746,-7.9193776,655m/data=!3m1!1e3?hl=pt-PT>

09. Planta da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli e da sua cerca monástica

© Ana Isabel Loureiro, 2015

10. Sistema de vistas da Cartuxa de Évora

© Ana Isabel Loureiro, 2015

11. Planta da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli e dos seus percursos

© Ana Isabel Loureiro, 2015

12. Nora de Valbom localizada nos terrenos da Quinta da Cartuxa . 026

© João Pedro Cruz, 2010

13. Vista da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli

© Ana Isabel Loureiro, 2010

14. Antigo Campo das Amendoeiras e actual Vinha da Cartuxa de Évora

© João Pedro Cruz, 2010

15. Troço do percurso realizado pelos monges no passeio de Domingo

© João Pedro Cruz, 2010

16. Troço do percurso atravessando o Olival do Bastio

© Ana Isabel Loureiro, 2010

17. Vista do mosteiro a partir do Campo do Telhal onde os monges terminam o passeio

© Ana Isabel Loureiro, 2010

18. Vista do mosteiro a partir do sítio onde se localizava a Nora da Maia

© Ana Isabel Loureiro, 2010

19. Vista da Albufeira da Quinta da Cartuxa

© Ana Isabel Loureiro, 2010

20. Ponto de paragem e lugar de reflexão dos monges cartuxos no passeio de Domingo

© Ana Isabel Loureiro, 2010

21. Portaria de Santa Maria Scala Coeli

© Ana Isabel Loureiro, 2014

22. Percurso de entrada no mosteiro cartusiano de Santa Maria Scala Coeli I

© Jerónimo Heitor Coelho, 2013

23. Percurso de entrada no mosteiro cartusiano de Santa Maria Scala Coeli II

© Jerónimo Heitor Coelho, 2013

24. Percurso de entrada no mosteiro cartusiano de Santa Maria Scala Coeli III

© Jerónimo Heitor Coelho, 2013

25. Percurso de entrada no mosteiro cartusiano de Santa Maria Scala Coeli IV

© Jerónimo Heitor Coelho, 2013

26. Fachada e nártex da igreja de Santa Maria Scala Coeli

© Jerónimo Heitor Coelho, 2013

27. Acesso lateral esquerdo do nártex da igreja

© Ana Isabel Loureiro, 2014

28. Planta de tejados de la Cartuja de Evora: 1 dibujo sobre papel verjurado amarillento pluma, tinta marrón y aguadas marrón, ocre y rosa

© Francisco de Mora, [1590]

fonte: Álbum de Fra. Giovanni Vincenzo Casale: Dibujos de arquitectura y ornamentación de la BN. S. XVI-XVII. 1991, C. 44, Biblioteca Digital Hispánica da Biblioteca Nacional de Espanha

29. Planta de la Cartuja de Evora: 1 dibujo sobre papel verjurado amarillento pluma, tinta marrón y aguadas marrón y ocre

© Francisco de Mora, [1590]

fonte: Álbum de Fra. Giovanni Vincenzo Casale: Dibujos de arquitectura y ornamentación de la BN. S. XVI-XVII. 1991, C. 42, Biblioteca Digital Hispánica da Biblioteca Nacional de Espanha

30. Planta de la Cartuja de Evora: 1 dibujo sobre papel verjurado amarillento pluma, tinta y aguada ocre

© Giovanni Vincenzo Casale, [1590]

fonte: Álbum de Fra. Giovanni Vincenzo Casale: Dibujos de arquitectura y ornamentación de la BN. S. XVI-XVII. 1991, C. 42, Biblioteca Digital Hispánica da Biblioteca Nacional de Espanha

31. Planta de la Cartuja de Evora: 1 dibujo sobre papel verjurado amarillento pluma y tinta ocre 4 fragmentos de papel

© Giovanni Vincenzo Casale, [1590]

fonte: Álbum de Fra. Giovanni Vincenzo Casale: Dibujos de arquitectura y ornamentación de la BN. S. XVI-XVII. 1991, C. 42, Biblioteca Digital Hispánica da Biblioteca Nacional de Espanha

32. Planta de la Cartuja de Evora: 1 dibujo sobre papel verjurado amarillento pluma, tinta marrón y aguadas azul y ocre

© Giovanni Vincenzo Casale, [1590]

fonte: Álbum de Fra. Giovanni Vincenzo Casale: Dibujos de arquitectura y ornamentación de la BN. S. XVI-XVII. 1991, C. 42, Biblioteca Digital Hispânica da Biblioteca Nacional de Espanha

33. Planta de la Cartuja de Evora: 1 dibujo sobre papel verjurado amarillento pluma, tinta ocre y aguadas ocre y azul

© Giovanni Vincenzo Casale, [1590]

fonte: Álbum de Fra. Giovanni Vincenzo Casale: Dibujos de arquitectura y ornamentación de la BN. S. XVI-XVII. 1991, C. 42, Biblioteca Digital Hispânica da Biblioteca Nacional de Espanha

34. Sección longitudinal de la Cartuja de Évora: 1 dibujo sobre papel verjurado amarillento pluma, tinta marrón y aguadas azules, rojas y ocre

© Giovanni Vincenzo Casale, [1590]

fonte: Álbum de Fra. Giovanni Vincenzo Casale: Dibujos de arquitectura y ornamentación de la BN. S. XVI-XVII. 1991, C. 42, Biblioteca Digital Hispânica da Biblioteca Nacional de Espanha

35. Corte da época de Vincenzo Casale; Corte da época actual; Sobreposição da época de Vincenzo Casale (amarelo) com a época actual (preto)

© Ana Isabel Loureiro, 2015

fonte: Álbum de Fra. Giovanni Vincenzo Casale: Dibujos de arquitectura y ornamentación de la BN. S. XVI-XVII. 1991, C. 42, Biblioteca Digital Hispânica da Biblioteca Nacional de Espanha; Desenhos actuais do mosteiro produzidos com base no Levantamento

36. Plataforma contígua ao alçado frontal

© Ana Isabel Loureiro, 2015

37. Alçado frontal e plataforma de acesso à cota interior

© Ana Isabel Loureiro, 2015

38. Planta da época de Vincenzo Casale; Planta da época actual; Sobreposição da época de Vincenzo Casale (amarelo) com a época actual (preto)

© Ana Isabel Loureiro, 2015

fonte: Álbum de Fra. Giovanni Vincenzo Casale: Dibujos de arquitectura y ornamentación de la BN. S. XVI-XVII. 1991, C. 42, Biblioteca Digital Hispânica da Biblioteca Nacional de Espanha; Desenhos actuais do mosteiro produzidos com base no Levantamento

39. Sobreposição a tracejado da (suposta) cota do pátio de entrada na época de Vincenzo Casale (amarelo) com o alçado frontal actual do mosteiro (preto)

© Ana Isabel Loureiro, 2015

fonte: Álbum de Fra. Giovanni Vincenzo Casale: Dibujos de arquitectura y ornamentación de la BN. S. XVI-XVII. 1991, C. 42, Biblioteca Digital Hispânica da Biblioteca Nacional de Espanha; Desenhos actuais do mosteiro produzidos com base no Levantamento

40. Entrada em Santa Maria Scala Coeli

© David Freitas, década de 60

fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora

41. Entrada em Santa Maria Scala Coeli

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

42. Conjunto de celas em ruína

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

43. Interior de uma das celas em elevado grau de degradação

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

44. Condes de Vill'Alva no claustro menor da Cartuxa de Évora

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

45. «Planta da cartuxa (continuação), Esboço Raymundo Valladas – Carlos Maria»

© Eng. Raymundo Valladas, [1879]

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

46. «Planta da Quinta da Cartuxa. Escala 1/2000»

© César de Goullard, Lisboa 22 de Março de 1896

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

47. «Planta da Quinta da Cartuxa. Escala 1/2000»

Lisboa 1 de Setembro de 1907

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

48. Residência dos Condes de Vill'Alva contígua ao mosteiro

© Vasco Maria Eugénio de Almeida

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

49. Espaço da portaria em ruína

© Vasco Maria Eugénio de Almeida, [1948]

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

50. Planta da Cartuxa de Évora – Levantamento da DGEMN de 1944

fonte: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais; Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

51. Anotações pessoais de Vasco Maria num dos livros adquiridos no decorrer de uma das suas viagens

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

52. Desenho da tranca da porta

© Vasco Maria Eugénio de Almeida

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

53. Desenho das fechaduras

© Vasco Maria Eugénio de Almeida

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

54. Frei Miguel, Padre visitador e Vasco Maria Eugénio de Almeida

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

55. Igreja e nártex de Santa Maria Scala Coeli

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

56. Demolição da residência da família Eugénio de Almeida

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

57. Demolição do corpo contíguo à igreja

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

58. Vasco Maria observando a demolição

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

59. Recuperação da fachada após a demolição

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

60. «Quinta da Cartuxa de Évora, 78,1250ha. Escala 1/5000.»

© Eng. Manoel Raymundo Valladas [1951]

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

61. Reconstrução de alguns espaços da zona da entrada

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

62. Espaços da entrada de Santa Maria Scala Coeli, [1948]

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

63. Espaços da entrada de Santa Maria Scala Coeli, [1952]

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

64. Espaços da entrada de Santa Maria Scala Coeli, [2012]

© Jerónimo Heitor Coelho

65. «Planta da Quinta da Cartuxa (parte do convento) Escala 1:500»

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

66. «Planta da Quinta da Cartuxa, Escala 1:1000»

© Eng. Manoel Raymundo Valladas

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

67. **«Planta da Quinta da Cartucha, Escala 1:1000»**

© Eng. Manoel Raymundo Valladas

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

68. **Sítio da cisterna**

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

69. **Construção do claustro menor**

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

70. **Zona cenobítica de Santa Maria Scala Coeli, [1955]**

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

71. **Zona cenobítica de Santa Maria Scala Coeli, [2012]**

© Jerónimo Heitor Coelho

72. **«Borrão da planta do r/chão actualizado»**

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

73. **Vista da cidade de Évora, [1955]**

fonte: Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

74. **Vista da cidade de Évora, [2012]**

© Jerónimo Heitor Coelho

75. **Claustro menor**

© Jerónimo Heitor Coelho

76. **Claustro menor da cisterna**

© Jerónimo Heitor Coelho

77. **Cela do monge**

© Jerónimo Heitor Coelho

78. **Pátio e jardim da cela do monge**

© Jerónimo Heitor Coelho

79.

© Roberto Magrinho

80.

© Jerónimo Heitor Coelho

81.

© Roberto Magrinho

82.

© Jerónimo Heitor Coelho

83.

© João Pedro Cruz

84.

© Jerónimo Heitor Coelho

85. Claustro maior

© Jerónimo Heitor Coelho

86. Cella do monge eremita

© Jerónimo Heitor Coelho

87. Galeria do claustro maior

© Jerónimo Heitor Coelho

88. Galeria do claustro maior (via de acesso às casas individuais de cada eremita)

© Jerónimo Heitor Coelho

89. Lanternim

© Jerónimo Heitor Coelho

90. Cella do monge

© Jerónimo Heitor Coelho

91. Entrada do recinto cartusiano pelo arco do aqueduto da Água de Prata

© Ana Isabel Loureiro

92. Pátio Avé Maria

© Ana Isabel Loureiro

93. Espaços verdes da zona da entrada

© Ana Isabel Loureiro

94. Espaços verdes da zona da entrada

© Ana Isabel Loureiro

95. Pátio Avé Maria

© Ana Isabel Loureiro

96. Espaços verdes da zona da entrada

© Ana Isabel Loureiro

97. Planta da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli com a intervenção proposta

© Ana Isabel Loureiro, 2015

fonte: Direcção de Serviços de Ordenamento do Território; Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo

98. Biblioteca

© Rui Rua

99. Arquivo da cartuxa de Santa Maria Scala Coeli

© Rui Rua

100. Pátio e jardim da cela do monge

© Jerónimo Heitor Coelho

BIBLIOGRAFIA

- . A.A.V.V. – **Maisons de l'Ordre des Chartreux: Vues et Notices**. Montreuil-sur-Mer, Tournai; Parkminster, Sussex: imp. de la Chartreuse de Notre-Dame des Prés, 1913-1919. 4 vols.
- . A.A.V.V. – **La Provincia Cartoixana da Catalunya, la Cartuja de Montalegre: Actes del XXIII Congrès Internacional sobre la Cartoixa: 5-8 de maig de 2005, La Conreria, Tiana (Barcelona)**. Barcelona: Diputació de Barcelona, Xarxa de Municipis, 2006. Col. Analecta Cartusiana, nº 229. ISBN 84-9803-112-5
- . A.A.V.V. – **Les Chartreux et l'art, XVe – XVIIIe siècles: Actes du Colloque de Villeneuve-lès-Avignon**. Paris: Les Editions du Cerf, 1989.
- . ANGOLD, Michael – **Eastern Christianity**. Cambridge: [s.n.], 2006. ISBN: 0-521-81113-9.
- . ANIEL, Jean-Pierre – **Les Maisons de Chartreux: des origines a la Chartreuse de Pavie**. Paris: Arts et Métiers Graphiques; Genève: Droz, 1983. Col. Bibliothèque de la Société française d'archéologie, nº 16. ISSN 0768-0961; ISBN-13 978-2-600-04617-6
- . Arcebispo de Évora, Frei Manuel do Cenáculo – **Memória descritiva do assalto entrada e saque da cidade de Évora pelos franceses em 1808**. Évora: Minerva Eborensis, 1887.
- . AZEVEDO, Carlos Moreira [coord.] – **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000. Tomo 2.
- . BARATA, António F. – **Breve Memória Histórica sobre a Fundação e Existência até ao presente da Cartuxa de Évora**. Évora: Minerva Eborensis, 1888.
- . BARATA, António F. – **Évora Antiga: Noticias colhidas com afanosa diligencia Em favor dos asylos de Infância Desvalida e Ramalho-Barahona**. Évora: Minerva Commercial, 1909.
- . BARATA, António F. – **O último Cartuxo de Évora**. Lisboa: José António Rodrigues, 1891.
- . BARLÉS, Elena – Aproximación a la bibliografía general sobre arquitectura monástica de la Orden Cartujana. In **Artigrama**. Zaragoza: [s.n.], 1988. Nº 4. pp. 259-275
- . BARLÉS, Elena – **Las cartujas construidas de nueva planta durante los siglos XVII y XVIII en la provincia cartujana de Cataluña: ara Christi (Valencia), la Inmaculada Concepción (Zaragoza), Nuestra Señora de las Fuentes (Huesca) y Jesús Nazareno de Valldemosa (Mallorca)**. Zaragoza: [s.n.], Septiembre 1993. 13 vols. Tesis Doctoral dirigida por la Dra. María Isabel Álvaro Zamora de lo Departamento de Historia del Arte de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Zaragoza, España.
- . BARLÉS, Elena – Una aproximación a la Orden Cartujana y a su arquitectura monástica. In **Los Monasterios Aragoneses**. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 1999. ISBN 84-7820-504-7 pp. 125-155
- . BARLÉS, Elena – Fundadores y benefactores en las cartujas y su influencia en la vida de sus comunidades (siglos XVI y XVII): el emplazamiento de las cartujas aragonesas de Nuestra Señora de las Fuentes, Aula Dei y la Inmaculada Concepción. In **Los cartujos en Andalucía: Actas del Congreso Cartujas Andaluzas**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 1999. Col. Analecta Cartusiana, nº 150. Tomo 1. pp. 1-24
- . BARLÉS, Elena – La arquitectura de la Cartuja: espacios y funciones. In **Del silencio de la Cartuja al fragor de la orden militar**. Valencia: Fundación Santa María la Real, 2010.
- . BARLÉS, Elena – La historia constructiva de la cartuja de Nuestra Señora de las Fuentes (Huesca, España). In **Analecta Cartusiana: Revue semestrielle**. Salzburg: Centre de Recherches Cartusiennes, 1992. (Nouvelle série), volumen IV, nº 7. pp. 5-42
- . BARLÉS, Elena – La typologie architecturale de la chartreuse d'Aula Dei (Saragosse): Innovations et répercussions sur l'architecture cartusienne en Espagne. In **Les Chartreux et l'Art: XVe au XVIIIe siècle**. Paris: Les Editions du Cerf, 1989. pp. 276-290
- . BARLÉS, Elena – Una visión general de los hechos acaecidos en España durante el siglo XIX y su repercusión en la vida y el patrimonio arquitectónico de las cartujas. In **Analecta Cartusiana: Revue**

- semestrielle.** Salzburg: Centre de Recherches Cartusiennes, 1994. (Nouvelle série), volumen VI, nº 11-12. pp.175-186
- . BARLÉS, Elena y RUATA, José Ignacio Calvo – **La cartuja de Nuestra Señora de las Fuentes.** Zaragoza: Gobierno de Aragón y Comarca de los Monegros, 2005. Col. Territorio, nº 16. pp. 197-214
- . BARROS, Anabela; CLAUDIO, Henrique; GRAÇA, Rui – **O Convento da Bem Aventurada Virgem Madre de Deus de Scala Coeli.** Évora: [s.n.], 1995. Trabalho apresentado no Seminário de História da Arte e na Licenciatura em História na Universidade de Évora. Exemplar Policopiado.
- . BRAUNFELS, Wolfgang – **Monasteries of Western Europe: The Architecture of the Orders.** Princeton: Princeton University Press, 1973.
- . BRAUNFELS, Wolfgang – **La arquitectura monacal en Occidente.** Barcelona: Barral Editores, 1975. Col. Breve Biblioteca de Reforma. Série Iconologia, nº 3.
- . BUSTAMANTE, Agustin; FRIAS MARÍAS, Fernando – **Francisco de Mora y la arquitectura portuguesa: As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos.** Coimbra: Livraria Minerva, 1987.
- . BUZZATI, Dino – **O Deserto dos Tártaros.** Lisboa: Cavalo de Ferro Editores, 2008.
- . CAEIRO, Elsa – **Convento da Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli, Construção, Reconstrução e Manutenção do espaço monástico.** Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2009-2010. Trabalho realizado com o apoio da Bolsa de Investigação da Fundação Eugénio de Almeida sobre a Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli.
- . CAEIRO, Elsa – **Os conventos no termo de Évora.** Sevilha: [s.n.], 2006. Tese de Doutoramento apresentada no Departamento de Urbanística e Ordenação do Território da Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade de Sevilha. Volume II. Exemplar policopiado.
- . CAEIRO, Elsa – Os conventos no termo de Évora: contributos para a história urbana da cidade. In **Revista A Cidade de Évora.** Évora: Câmara Municipal de Évora, 2009. IIª Série, n.º 7.
- . CARAPINHA, Aurora – **Os Jardins.** Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2004.
- . CARAPINHA, Aurora – Desertum, Clastrum e Hortus: Os Horizontes do Jardim Cartusiano. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos.** Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. pp. 20-23
- . CARAPINHA, Aurora – Da leveza da cidade. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos.** Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Abril 2007. Nº 26. pp. 180-183
- . CARDOSO, Florentino dos Santos – **As Cartuxas Portuguesas: estudo artístico e arqueológico.** Lisboa: [s.n.], 1953. Tese de Mestrado em Ciências Históricas e Filosóficas apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- . CARDOSO, Jorge; SOUSA, António Cardoso de – **Agiologio Lusitano Dos Sanctos, E Varoens Illustres Em Virtude Do Reino De Portugal, E Suas Conquistas. Consagrado Aos Gloriosos S. Vicente, E S. António Insignes Patronos Desta Incllyta Cidade Lisboa, E A Seu Illustre Cabido Sede Vacante, Composto Pelo Licenciado George Cardoso Natural Da Mesma Cidade.** Lisboa: Officina Craesbeekiana de António Craesbeek de Mello, imp. de Sua Alteza, 1652-1744.
- . CARDOSO, Jorge – **Agiológico Lusitano.** Nova Edição com um estudo e índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.
- . Colóquio Internacional A Cartuxa, Évora, 2004; Fundação Eugénio de Almeida, org. conf.; BATISTA, Ana Cristina, org. conf.; AZEVEDO, Carlos A. Moreira, org. expos. – **Actas do Colóquio Internacional A Cartuxa.** Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 8-9 Outubro 2004. ISBN 972-8854-02-1
- . CUNHA, D. António Álvares da, 1626-1690; OLIVEIRA, Henrique Valente de – **Campanha de Portugal: pella província do Alentejo na primavera do anno de 1663, governando as armas daquella província Dom Sancho Manoel Conde de Villa Flor, oferecida à magestade del Rey D.**

- Affonso VI / por D. António Alvres da Cunha Senhor de Taboa.** Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira Impressor del Rey. N. S., 1663.
- . CLIFFORD, Cornelius – St. Athanasius. In **The Catholic Encyclopedia**. New York: Robert Appleton Company, 1913. Vol. II.
- . **Dedicação da Igreja de Santa Maria Scala Coeli: Convento da Cartuxa.** Évora: imp. Diana Litográfica do Alentejo, 6 Julho 1999.
- . DEVAUX, Augustin – **L'architecture dans l'Ordre des Chartreux.** 1ª ed. Selnac: Cartuja de Selnac, 1962; 2ª ed. Selnac: Grande Chartreuse, 1998. Col. Analecta Cartusiana, nº 146. 2 vols.
- . DOCE, Nacho; MOURA, Paulo, co-autor – **O Segredo da Cartuxa.** 1ª ed. Barcelos: Pedra da Lua, Artes e Ofícios S.A., 2007. ISBN 978-989-95197-9-4
- . ELERPERK, Augusto Butler – Sinopse das ruas de Évora em 1849. In **Revista A Cidade de Évora.** Évora: Câmara Municipal de Évora, 1978. Nº 61-62. pp. 195-274
- . ESCUDERO, Juan Mayo – **As Cartuxas de Portugal através dos séculos: Crónicas das Cartuxas Portuguesas.** Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2011. Col. Analecta Cartusiana, nº 268.
- . ESCUDERO, Juan Mayo – **El Aislamiento de la Provincia Lusitano.** Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2003. Col. Analecta Cartusiana, nº 212.
- . ESCUDERO, Juan Mayo – **Extremeños y portugueses vinculados con la Orden de la Cartuja.** Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2004. Col. Analecta Cartusiana, nº 224.
- . ESCUDERO, Juan Mayo – IX siglos de la Orden Cartujana. In **Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora.** Évora: Instituto Superior de Teologia de Évora, 2002. Separata de Eborensia, nº 29, Ano XV. pp. 145-196
- . ESPANCA, Túlio – **Évora e o seu distrito.** Évora: Livraria Nazareth, 1959.
- . ESPANCA, Túlio – Évora na Invasão Francesa. In **Revista A Cidade de Évora.** Évora: Câmara Municipal de Évora, 1957-1958. Nºs 39-40. pp. 83-96
- . ESPANCA, Túlio – **Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora.** Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1966.
- . ESPANCA, Túlio – Memorial alimentício dos frades cartuxos, Ruínas do Convento na Década de 1930. In **A Cidade de Évora: Nova Miscelânea.» Évora: Câmara Municipal de Évora, 1984-1985.** Nºs 67-68. pp. 135-137
- . ESPANCA, Túlio – Antiquilhas Eborenses: Os arquitectos do Convento da Cartuxa de Évora. In **Revista A Cidade de Évora.** Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora. Évora: Câmara Municipal de Évora, 1986-1987. Nºs 69-70. pp. 77-79
- . FERRO, Luís – **O Espaço do Eremitério de Santa Maria Scala Coeli: A Casa Cartusiana do Alentejo.** Évora: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada na Escola de Artes da Universidade de Évora.
- . FIALHO, Pe. Manuel – **Évora Ilustrada, com noticias antigas e modernas sagradas e profanas.** Évora: [s.n.], [17--?].
- . FONSECA, Pe. Francisco da – **Évora Gloriosa: Epílogo dos quatro tomos da «Évora Ilustrada», que compôs o R.P.M. Manuel Fialho da Companhia de Jesus: escrita, acrescentada e amplificada / por Pe. Francisco da Fonseca.** Roma: imp. Officina Komarekiana, 1728.
- . FRANCO, Pe. António – Évora Ilustrada. In **Revista A Cidade de Évora.** Évora: Comissão Municipal do Turismo de Évora, 1943.
- . FRANCO, Pe. António – **Évora Ilustrada: extraída da obra do mesmo nome do Padre Manuel Fialho.** Évora: ed. Papelaria Nazareth, 1945.
- . GOMES, José Alves – A Vida voltou à Cartuxa de Évora. In **A Defesa.** Évora: [s.n.], 17 Novembro 1960. Nº 1942, p. 8.

- . GOMES, Josué Pinharanda; ESCUDERO, Juan Mayo, co-autor – **A Cartuxa de Lisboa: legado de contemplação**. Lisboa: [s.n.], 2007. ISBN 978-3-900033-70-5
- . GOMES, Josué Pinharanda – **A Ordem da Cartuxa em Portugal: ensaio de monografia histórica**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2004. Col. Analecta Cartusiana, nº 221.
- . GOMES, Josué Pinharanda – Génese e percurso da Cartuxa de Évora. In **Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora**. Évora: Instituto Superior de Teologia de Évora, 2002. Separata de Eborensia, nº 29, Ano XV. pp. 71-118
- . GUIGUES 1^{er} – **Costumes de Chartreuse. Introduction, texte critique, traduction et notes par un Chartreux [Dom Maurice Laporte]**. Paris: Éd. du Cerf, 1984. Col. Sources Chrétiennes, nº 313.
- . HEIDEGGER, Martin – **Being and Time**. New York: Harper and Row Publishers, 1962.
- . HESPAHOL, Maria Antónia Sequeira – **Dom Theotónio de Bragança – O primeiro arcebispo de Évora no Domínio Filipino**. Évora: Universidade de Évora, 1993. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade de Évora.
- . HOGG, James ed. lit. – **As cartuxas de Portugal: The charterhouses of Portugal**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 1984. Col. Analecta Cartusiana, nº 69.
- . HOGG, James – **The Carthusian Order from its foundation to the present day**. In **Actas do Colóquio Internacional A Cartuxa**. Évora: Fórum Eugénio de Almeida, 8-9 Outubro 2004. ISBN 972-8854-02-1 pp. 21-35
- . HOGG, James; SCHLEGEL, Gerhard, coord. – **Monasticon Cartusiense**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2006. Col. Analecta Cartusiana. 4 vols.
- . **Inventário de tudo o que o Arcebispo tem dado aos padres cartuxos do Mosteiro de escala caeli desta cidade de evora, asi dinheiro, pam, como movel, e outras cousas**. Évora: Biblioteca Pública de Évora, MDLXXXVIII.
- . INGLÊS, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena – **As Duas Scala Coeli. A cartuxa de Santa Maria Scala Coeli: Uma história a dois tempos. Um mesmo carisma em duas épocas de reforma**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2012-2013. Trabalho realizado com o apoio da Bolsa de Investigação da Fundação Eugénio de Almeida sobre a Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli.
- . KUBLER, George – **A Arquitectura Portuguesa Chã: entre as especiarias e os diamantes**. Lisboa: Vega, 1988.
- . LABOA, Juan Maria. **Atlas Historico de los Monasterios: El Monacato Oriental y Occidental**. Madrid: San Pablo, 2004. ISBN 84-285-2563-3
- . LAFARGA, António José; ORDAX, Salvador Andrés – Duas formulações arquitectónicas da ordem dos cartuxos. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. pp. 66-75
- . LAMEIRA, Francisco – A Talha. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. pp. 24-29
- . LAVAJO, Joaquim Chorão – Baltasar (D. Basílio) de Faria Severim: de chantre a cartuxo. In **Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora**. Évora: Instituto Superior de Teologia de Évora, 2002. Separata de Eborensia, nº 29, Ano XV. pp. 215-227
- . LAVAJO, Joaquim Chorão – S. Bruno e o seu tempo. In **Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora**. Évora: Instituto Superior de Teologia de Évora, 2002. Separata de Eborensia, nº29, Ano XV. pp. 31-70
- . LE-DUC, Viollet – **Dictionnaire Raisoné de L'Architecture Française du XI au XVI siècle**. Paris: Ve A. Morel Cie Éditeurs, 1875. Tome Premier.
- . LENOIR, Albert – **Architecture Monastique**. Paris: Imprimerie Impériale, 1861.

- . LEONCINI, Giovanni – **La Certosa di Firenze: Nei Suoi Rapporti con L'Architettura Certosina**. Salzburg: : Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 1979; Salzburg: ed. James Hogg, 1980. Col. Analecta Cartusiana, nº 71.
- . MACHABERT, Dominique; BEAUDOUIN, Laurent – **Álvaro Siza: uma questão de medida**. Lisboa: Caleidoscópico, 2009. ISBN 9789896580100
- . MACHADO, José Alberto Gomes – **A Cartuxa de *Scala Coeli* no contexto do barroco português**. In **Actas do Colóquio Internacional A Cartuxa**. Évora: Fórum Eugénio de Almeida, 8-9 Outubro 2004. ISBN 972-8854-02-1 pp. 130-136
- . **Maisons de l'Ordre des Chartreux: Vues et Notices**. Montreuil-sur-Mer, Tournai: imp. de la Chartreuse de Notre-Dame des Prés, 1913. Tome Premier.
- . **Maisons de l'Ordre des Chartreux: Vues et Notices**. Parkminster, Sussex: imp. de la Chartreuse de Notre-Dame des Prés, Chartreuse de Saint-Hugues, 1915. Tome Deuxième.
- . **Maisons de l'Ordre des Chartreux: Vues et Notices**. Parkminster, Sussex: imp. de la Chartreuse de Notre-Dame des Prés, Chartreuse de Saint-Hugues, 1916. Tome Troisième.
- . **Maisons de l'Ordre des Chartreux: Vues et Notices**. Parkminster, Sussex: imp. de la Chartreuse de Notre-Dame des Prés, Chartreuse de Saint-Hugues, 1919. Tome Quatrième.
- . MANOEL, Caetano da Câmara – **Através da cidade de Évora: apontamentos sobre a cidade de Évora e os seus monumentos**. Évora: Minerva Comercial, 1900.
- . MARQUES, Maria Emília Vieira – **Vasco Vill'Alva: um presença no Alentejo 1913-1975**. Évora: Instituto de Cultura Vasco Vill'Alva, 1998.
- . MASCARENHAS, José Manuel; JORGE, Virgolino Ferreira – Os Sistemas Hidráulicos. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. pp. 14-19
- . MATOS, D. Fr. Francisco d'Assunção Ferreira de – **Memórias de 1822 a 1863**. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik Universität Salzburg, 2002. Col. Analecta Cartusiana, nº 152.
- . MATOSO, José [dir.] – **História de Portugal**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993.
- . MENDES, Susana Pastor Ferrão – **Convento da Cartuxa**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2003. Col. Cadernos de Património.
- . MENEZES, D. Luís de – **História de Portugal Restaurado**. Lisboa: Oficina de Domingos Rodrigues, 1759. Parte II, Livro VIII, Volume IV.
- . MONIZ, M. Carvalho – **Évora no passado**. Évora, [s.n.], 1970.
- . MOREIRA, Rafael de Faria Domingues – **Catálogo da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura: Os descobrimentos portugueses e a Europa do Renascimento**. 1ª Ed. Lisboa: Lisboa Presidência do Conselho de Ministros, 1983. Série Arte Antiga.
- . MOREIRA, Rafael de Faria Domingues – **A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal: a encomenda Régia entre o Moderno e o Romano**. Lisboa: [s.n.], 1991. Tese de Doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- . MOUGEL, Ambrose – St. Bruno. In **The Catholic Encyclopedia**. New York: Robert Appleton Company, 1908. Vol. III.
- . NABERT, Nathalie – Vie active, vie contemplative en chartreuse, distinction et complémentarité. In **Actas do Colóquio Internacional A Cartuxa**. Évora: Fórum Eugénio de Almeida, 8-9 Outubro 2004. ISBN 972-8854-02-1 pp. 39-50
- . OLIVEIRA, Miguel de (Pe.) – **História Eclesiástica de Portugal**. Ed. revista e actualizada. Actualização do Pe. Artur Roque de Almeida. Pref. António Costa Marques. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1994.
- . **Origines Cartusiarum Lusitaniae Eborensis Scilicet & Ulyssiponensis Scribebat Patet Frater Joannes á Divo Thoma Monachus Professus & Vicarius Cartusiae Ulyssiponensis**, Origens das Cartuxas de Portugal de Évora e de Lisboa escrita por Frei João de São Tomás Monge Professo e

Vigário da Cartuxa de Lisboa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo: Manuscritos da Livraria, Ano do Senhor de 1733. Nº 608.

. PEREIRA, Fernando Antonio Baptista – **Proyecto para el Convento de Scala Coeli en Évora: Felipe II, Un Monarca y su Época – Las Tierras y los Hombres del Rey**. Valladolid: [s.n.], 1998.

. PEREIRA, Gabriel – **Estudos Eborenses**. 1ª ed. Évora: Minerva Eborensis, 1886. 2ª ed. Évora: Edições Nazareth, 1947.

. PEREIRA, Gabriel – **Documentos Históricos da Cidade de Évora**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1988. Edição Facsimile.

. PEREIRA, Sara – O Restauro da Cartuxa de Évora pelos Condes de Vill'Alva (1942-1960). In **Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora**. Évora: Instituto Superior de Teologia de Évora, 2002. Separata de Eborensia, nº 29, Ano XV. pp.119-144

. PEREIRA, Sara – **Deus, Labor et Constantia**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2003.

. PEREIRA, Sara – Fontes para a história da Cartuxa de Évora: Reconstrução e Restauração, a obra dos Condes de Vill'Alva. In **Actas do Colóquio Internacional A Cartuxa**. Évora: Fórum Eugénio de Almeida, 8-9 Outubro 2004. ISBN 972-8854-02-1 pp. 320-336

. PESSOA, João Costa; FIGUEIREDO, Maria Ondina – Uma contribuição da Química para o diagnóstico de problemas de conservação. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. pp. 38-41

. PINHO, Joana Maria Balsa Carvalho de – **A influência dos tratados de arquitectura na concepção e construção do Convento de Santa Maria Scala Coeli**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2008. Bolsa de Investigação Cartuxa de Santa Maria Scala Coeli. Exemplar policopiado.

. **PORTUGAL – DICIONÁRIO HISTÓRICO, COROGRÁFICO, HERÁLDICO, BIOGRÁFICO, BIBLIOGRÁFICO, NUMISMÁTICO E ARTÍSTICO**. Lisboa: ed. João Romano Torres, 1904-1915.

. RAMALHO, José Filipe; MACEDO, José António M. A.; CARVALHO, Luís; ALBUQUERQUE, Beatriz; ROCHA, Manuela; CARDOSO, Isabel Pombo; FONSECA, Margarida; BUAL, Carlos – A intervenção da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10 pp. 42-65

. RAMÍREZ, Juan António, **Como Escribir Sobre Arte y Arquitectura**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1996.

. RIVARA, Joaquim H. da Cunha – **Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública Eborensis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850-1871. Quatro tomos.

. Santo Atanásio – **Vida de Santo Antão**. [S.l., s.n., s.d.].

. SANTOS, António Salvador dos – **O desconhecido de Frei Miguel: monge cartuxo**. Évora: [s.n.], 1993. Edição de autor.

. SARDIGA, José Miguel – **José Maria Eugénio de Almeida, Negócios; Política e Sociedade no Século XIX**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005.

. SERRÃO, Vítor – Um desenho de Fernão Gomes para o Mosteiro de Scala Coeli em Évora. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. pp. 30-37

. SIMÕES, A. Filipe – Cartuxa de Évora. In **Archivo Pictresco**. Lisboa: Editores Proprietários, Castro, Irmão e Cª., 1868. Volume 11.

. SILVA, Augusto da – **O Conde de Vill'Alva (1913-1975)**. Évora: Instituto de Cultura Vasco Vill'Alva, 1999.

. SILVA, D. Bruno da – **Breve Memória Histórica sobre a Fundação e a Existência até ao Presente da Cartuxa de Évora**. Évora: Minerva Eborensis, 1888.

- . SILVA, D. Bruno da – **Existência até ao presente da Cartuxa de Évora**. Évora: Minerva Eborensis, 1888.
- . SILVA, Eduardo Pereira da – Um laço profundo. In **Actas do Colóquio Internacional A Cartuxa**. Évora: Fórum Eugénio de Almeida, 8-9 Outubro 2004. ISBN 972-8854-02-1 pp. 11-12
- . SOMOZA, Manuel – **Álvaro Siza: conversas no obradoiro**. Ourense: Verlibros, 2007. ISBN 978-84-611-8777-5
- . SOROMENHO, Miguel – As possíveis fontes tipológicas da fachada da Igreja. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Março 1999. Nº 10. pp. 9-13
- . SOROMENHO, Miguel – A Cartuxa de Évora: novos dados e o mito da destruição em 1663. In **Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos**. Lisboa: Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Abril 2007. Nº 26. pp. 100-105
- . SOUSA, D. António Caetano de – **Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa**. Évora: Minerva Eborensis, 1888. Tomo V, Livro VI, Cap. XI – Do Venerável D. Theotonio Arcebispo de Évora.
- . Simpósio Luso-Espanhol de História de Arte, 2, Coimbra, 1983; DIAS, Pedro, ed. lit.; Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Instituto de História da Arte, co-autor – **As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos descobrimentos: [actas do] II Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte**. Coimbra: Minerva, 1987.
- . TAVARES, Paulo Falcão – A iconografia de São Bruno em Portugal. In **Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora**. Évora: Instituto Superior de Teologia de Évora, 2002. Separata de Eborensis, nº 29, Ano XV. pp. 197-214
- . UN CARTUJO DE AULA DEI – **La Cartuja, San Bruno y sus Hijos**. Bilbao: La Editorial Vizcaína S.A., 1961.
- . UM CARTUXO – **A Cartuxa de Portugal Santa Maria Scala Coeli, Um livro para curiosos**. Évora: Gráfica Eborensis, 1966.
- . UM CARTUXO – **A Cartuxa de Évora Ontem e Hoje**. Évora: , 1985.
- . UM CARTUXO – **A Cartuxa e a vida cartusiana**. Évora: Gráfica Eborensis, 1995.
- . UM CARTUXO de Santa Maria Scala Coeli – **São Bruno na Cartuxa de Évora: IX Centenário de São Bruno**. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2001. Texto introdutório.
- . UM CARTUXO de Santa Maria Scala Coeli – Originalidade de São Bruno na História do Monaquismo. In **Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora**. Évora: Instituto Superior de Teologia de Évora, 2002. Separata de Eborensis, nº 29, Ano XV. pp. 9-30
- . Un Chartreux (PORION, Jean-Baptiste) – **Écoles de Silence**. Paris: Editions Paroles et Silence, Février 2001.
- . VALLÉS, Joseph – **Primer Instituto de la Sagrada Religión de la Cartuja: Fundaciones de los Conventos de toda España, Mártires de Inglaterra y Generales de toda la Orden. Escrito por El Doctor Don Joseph de Valles, Arcediano de San Lorenzo, Canónigo de la Santa Iglesia Metropolitana de Tarragona, y Capellán de Honor de su Majestad**. Plaza de Junqueras: imp. Mateo Barceló Impresor y Librero, 1792. Segunda Impresion.
- . VIOLLET-LE-DUC, Eugene – **Dictionnaire Raisoné de l'Architecture Française**. Paris: A. Morel Editeur, 1867. Tomo I.
- . WADDELL, Helen – **The Desert Fathers**. Ann Arbor, Michigan: University of Michigan Press, 1957. ISBN: 0-472-06008-2

FONTES DOCUMENTAIS

ABEA – Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida

- . Planta da Quinta da Cartuxa, Escala 1/2000, Lisboa, 22 de Março de 1896, César de Goullard.
 - . Escala 1/2000, Lisboa, 1 de Setembro de 1907.
 - . Planta da Quinta da Cartuxa, escala 1/1000, Manoel Raymundo Valladas. Dossier: Duas Plantas da Cartuxa. (Nomeação dos campos e divisão dos talhões da vinha por castas nos terrenos da cerca da Cartuxa.)
 - . Planta da Quinta da Cartuxa, rascunho. Dossier: Duas Plantas da Cartuxa. (Nomeação dos campos e divisão dos talhões da vinha por castas nos terrenos da cerca da Cartuxa.)
- Disponível apenas para consulta presencial (não cotada, sem digitalização). Documentos digitalizados com alta qualidade por Ana Isabel Loureiro e cedidos ao arquivo digital da FEA.*

- . 31 de Dezembro de 1870. cota: SL:1/CX-069/PT-02/CP-05.01
- . 12 de Dezembro de 1913. cota: SL:1/CX-069/PT-02/CP-05.02
- . 31 de Maio de 1879. cota: AR:2/PORT:1/2/PRAT:5/CP:01
- . *Planta da autoria de Raymundo Valladas.* cota: ArmP:02/Gavt:02/Pt:01.
- . *Planta à escala 1/5000, 1951.* cota: ArmP:02/Gavt:01/04
- . *Planta do convento, 1951.* cota: ArmP:02/Gavt:01/16
- . ABEA_DVD1_audio-001.mp3, 28 de Maio de 1992. cota: DVD:01/audio-001
- . ABEA_SL01CX69PT02CP05.jpg [1879?]. (*Esboço*) cota: SL:1/CX:069/PT:02/CP:05.04-05

- . Cota: Al:01/f6v-7. Nome do ficheiro: ABEA_AI01.jpg.
- . Cota: Al:01/Ft:011. ABEA_AI01-011.jpg, Data: Dezembro de 1948.
- . Cota: Al:01/Ft:019. ABEA_AI01-019.jpg, Data: [C.1948-1953].
- . Cota: Al:01/Ft:028.ABEA_AI01-028.jpg, Data: Agosto de 1948.
- . Cota: Al:01/Ft:029.ABEA_AI01-029.jpg, Data: Setembro de 1952
- . Cota: Al:01/Ft:030ABEA_AI01-030.jpg, Data: [C.1948-1953].
- . Cota: Al:01/Ft:035.ABEA_AI01-035.jpg, Data: [C.1948-1953].
- . Cota: Al:01/Ft:036.ABEA_AI01-036.jpg, Data: Dezembro de 1948.
- . Cota: Al:01/Ft:037.ABEA_AI01-037.jpg, Data: Setembro de 1952.
- . Cota: Al:01/Ft:039.ABEA_AI01-039.jpg, Data: Dezembro de 1948.
- . Cota: Al:01/Ft:040.ABEA_AI01-040.jpg, Data: Setembro de 1952.
- . Cota: Al:01/Ft:041.ABEA_AI01-041.jpg, Data: Agosto de 1950.
- . Cota: Al:01/Ft:042.ABEA_AI01-042.jpg, Data: Setembro de 1952.
- . Cota: Al:01/Ft:053. ABEA_AI01-053.jpg, [1948-1953].
- . Cota: Al:01/Ft:057. ABEA_AI01-057.jpg, [1948-1953].
- . Cota: Al:01/Ft:031. ABEA_AL01FT31.jpg, [1948-1953].
- . Cota: Cx:f01/029. ABEA_Cxf01-029.jpg
- . Cota: Cx:f01/032. ABEA_Cxf01-032.jpg
- . Cota: Cx:f01/035. ABEA_Cxf01-035.jpg
- . Cota: Cx:f01/036. ABEA_Cxf01-036.jpg
- . Cota: Cx:f01/037. ABEA_Cxf01-037.jpg

Arquivo da Direcção Regional de Cultura do Alentejo

- . *Convento da Cartuxa, Adega da Cartuxa e Quinta de Valbom.* Processo N.º2.00.464

Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora

- . Colecção Pereira e Prostès (PEP). A.A.V.V., [final do século XIX].
- . Colecção Grupo Pró-Évora (JMS). A.A.V.V., [1890-1920].

Arquivo António Serra, Lda.

- . *Convento da Cartuxa,* Concurso limitado N.º4/96, DREMS, Évora, 1996. 1ª fase - Recuperação da Igreja
- . *Convento da Cartuxa,* Concurso limitado N.º17/97, DREMS, Évora, 1997. 2ª fase – Recuperação da Igreja

AHMOP – Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

- . *Inventário dos papéis remetidos à Repartição das Obras Públicas*, 1840. Ref.: PT/AHMOP/MR-001/65 (Remessa feita em cumprimento da portaria de 29 de Maio de 1840, citando plantas e alçados, papéis de contabilidade e escrituração, predominantemente do século XIX)
- . *Sinopses da correspondência expedida acerca de obras públicas*, 1843-1851. Ref.: PT/AHMOP/MR-002/MR 2 D 1R/3
- . *Correspondência recebida das Direcções de Obras Públicas distritais relativas a licenças para construções particulares*, 1853-1859. cota actual: DGOP-RC 53

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

- . *Situação dos edifícios e institutos religiosos ao serviço do estado, e das corporações*, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, 1941. Volume I: Conventos de Freiras; Volume II: Conventos de Frades.
- . *Convento de Scala Coeli (Cartuxa)*, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, caixa 2213, capilha 8.

IHRU – Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana

- . Arquivo DGEM/ DSAR, M1-092/19 pasta 294, Pasta 0104
- . Arquivo DGEMN/DREMS_DSARH_010_294
- . Arquivo DGEMN/DREMS, Pasta 0104
- . Arquivo DGEMN/ DREMS, Pasta 0691
- . Arquivo DGEMN/DREMS, Pasta 1893
- . Arquivo DGEMN/DREMS, Pasta 0772
- . Arquivo DGEMN/DREMS, n.º IPA PT0705210020: Desenho n.º 051738, *Planta piso do piso 1*; Desenho n.º 051740, *Planta do 2.º Piso*; Desenho n.º 051736, *Planta da cave*; Desenho n.º 051744, *Alçado Lateral e cortes direito*; Desenhos n.º 051745, *Alçado da Igreja com os laterais*; Desenho n.º 051746, *Casa Tipo*

ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

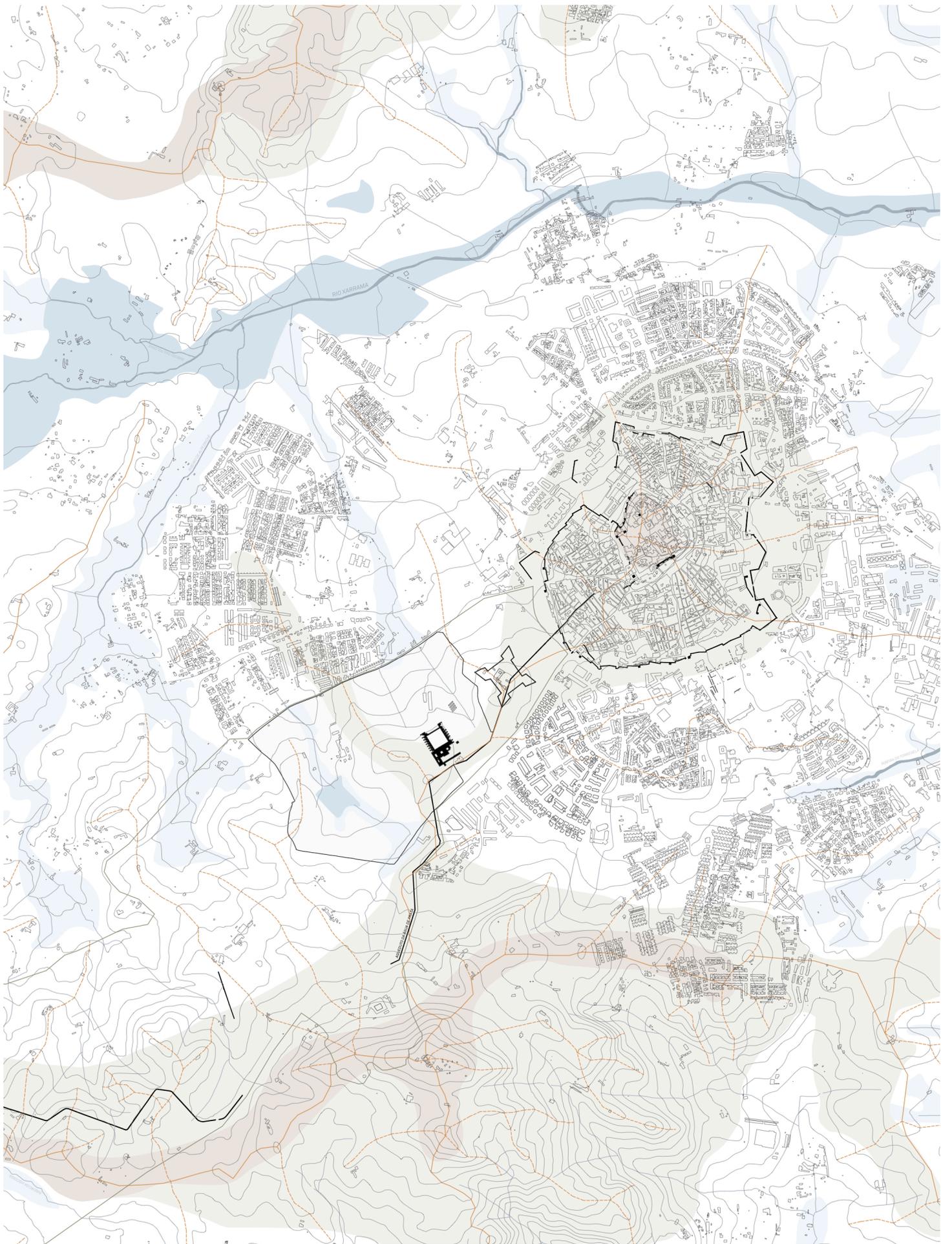
- . Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, Évora
- . Arquivo e Biblioteca do Convento da Cartuxa de Évora, Santa Maria *Scala Coeli*
- . Arquivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
- . Arquivo da Direcção Regional de Cultura do Alentejo
- . Arquivo Distrital de Évora
- . Arquivo Distrital da Guarda (Memórias Paroquiais)
- . Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora
- . Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações
- . Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa
- . Arquivo *António Serra, Lda.*, Évora
- . Atlas da Cartografia Histórica, FCSH-UNL
- . Biblioteca da Cartuxa de Santa Maria *Scala Coeli*, Évora
- . Biblioteca da Fundação *Calouste Gulbenkian*
- . Biblioteca da Ordem dos Arquitectos
- . Biblioteca da Universidade de Évora
- . Biblioteca Digital Hispânica, Biblioteca Nacional de Espanha, Madrid
- . Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa
- . Biblioteca Pública de Évora
- . IGESPAR, Divisão de Estudos Patrimoniais e Arqueociências
- . Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana
- . Núcleo de Documentação da Câmara Municipal de Évora, DAC – Divisão de Assuntos Culturais

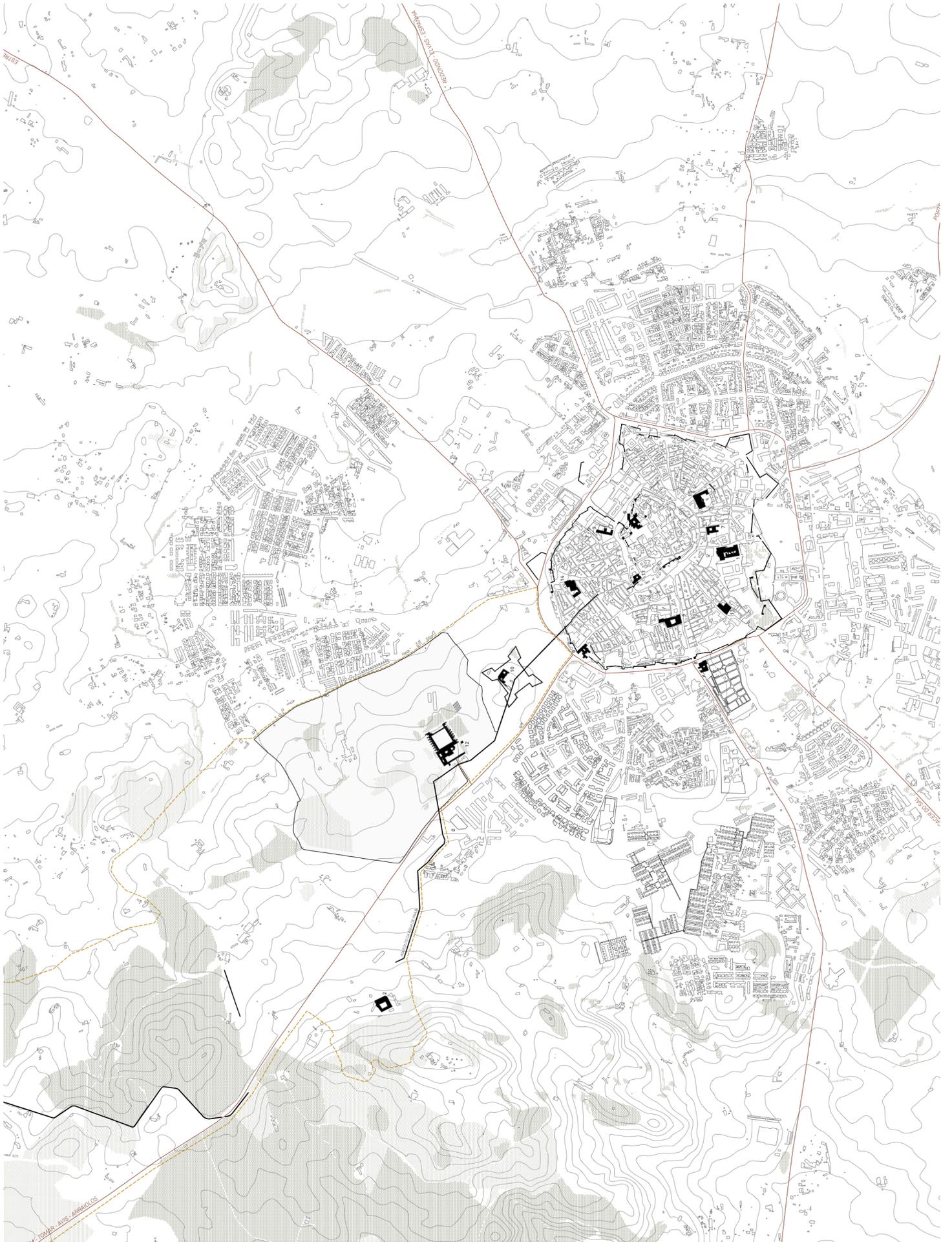
Este trabalho não foi escrito de acordo com o novo acordo ortográfico.

**A ARQUITECTURA DO MOSTEIRO CARTUSIANO DE SANTA MARIA SCALA COELI
DO PROCESSO DE ENTRADA**



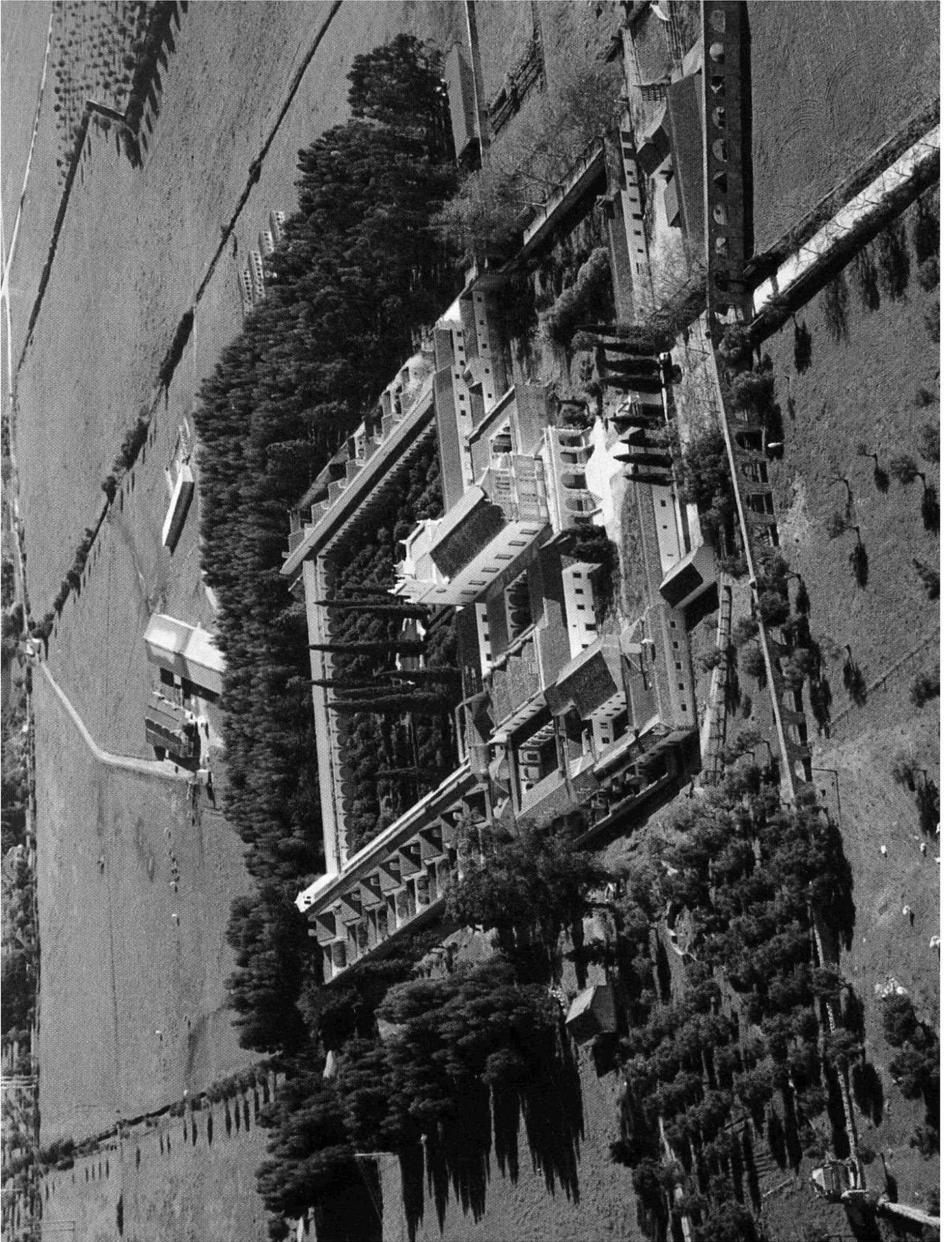


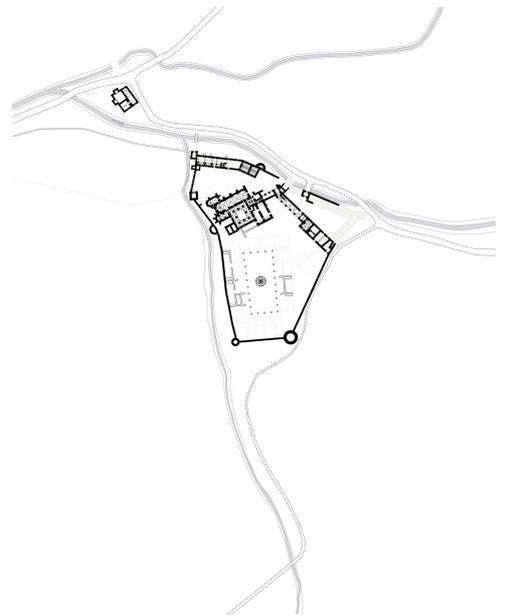
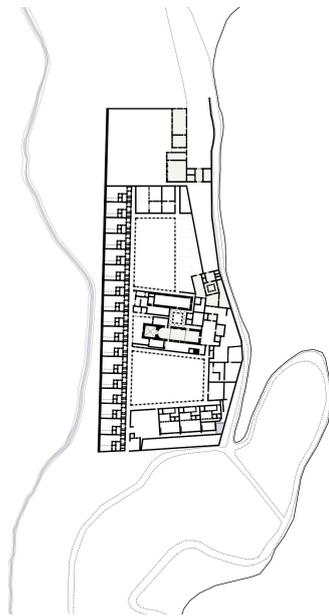
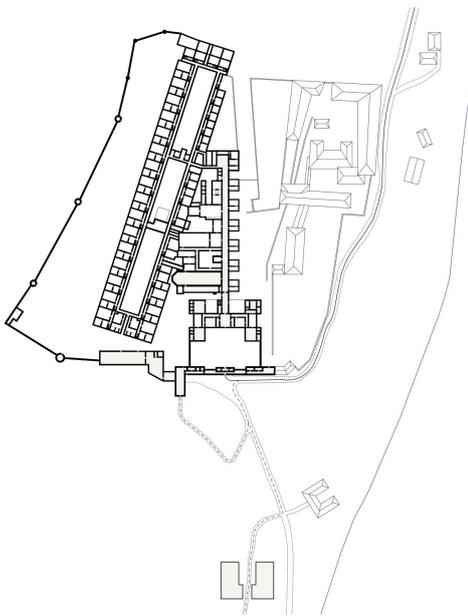
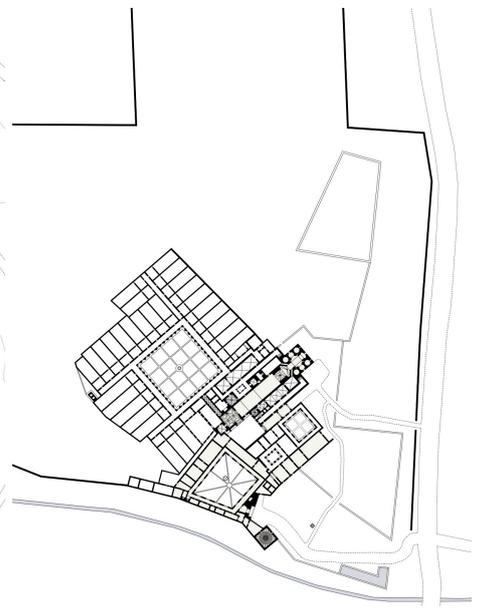
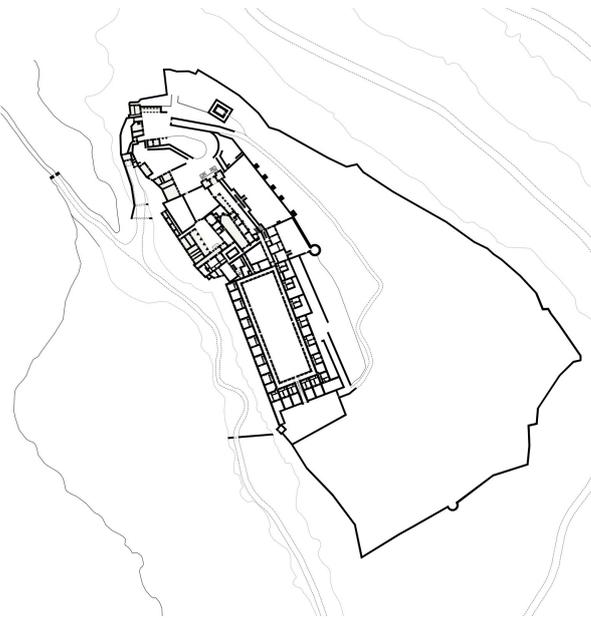
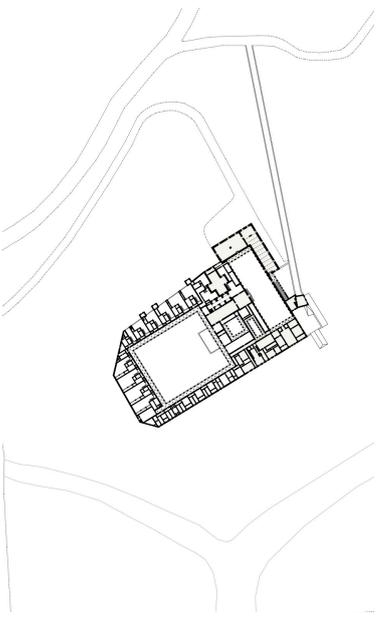
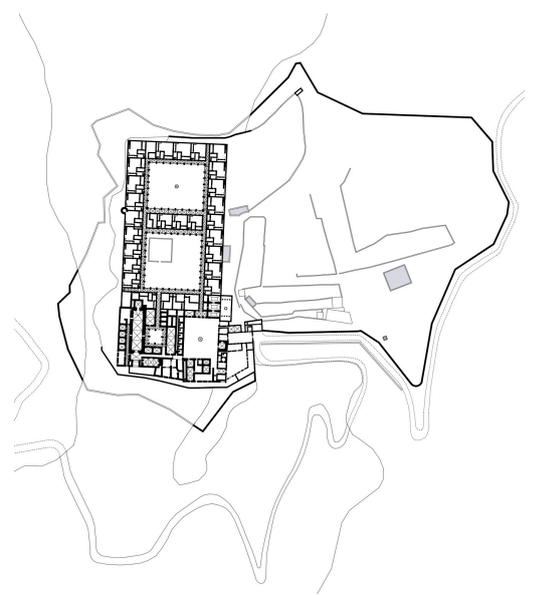
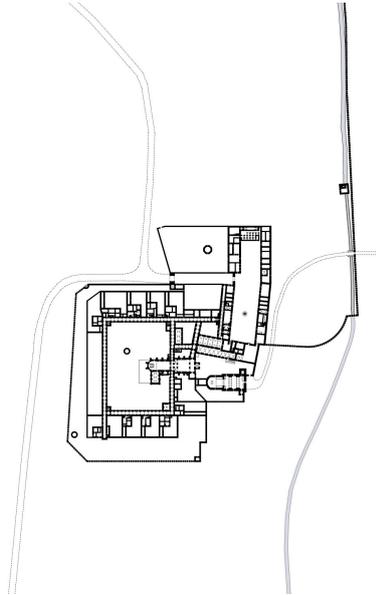
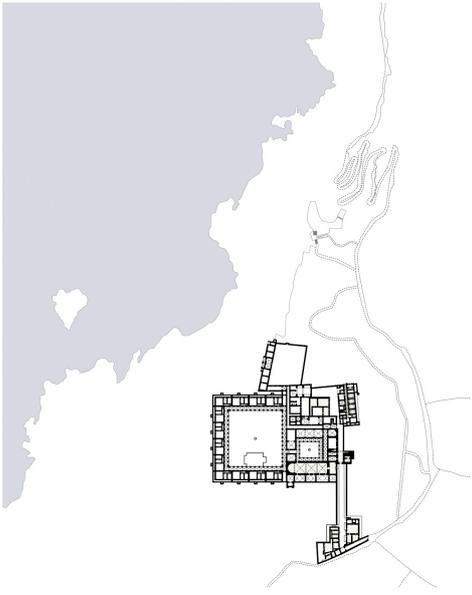


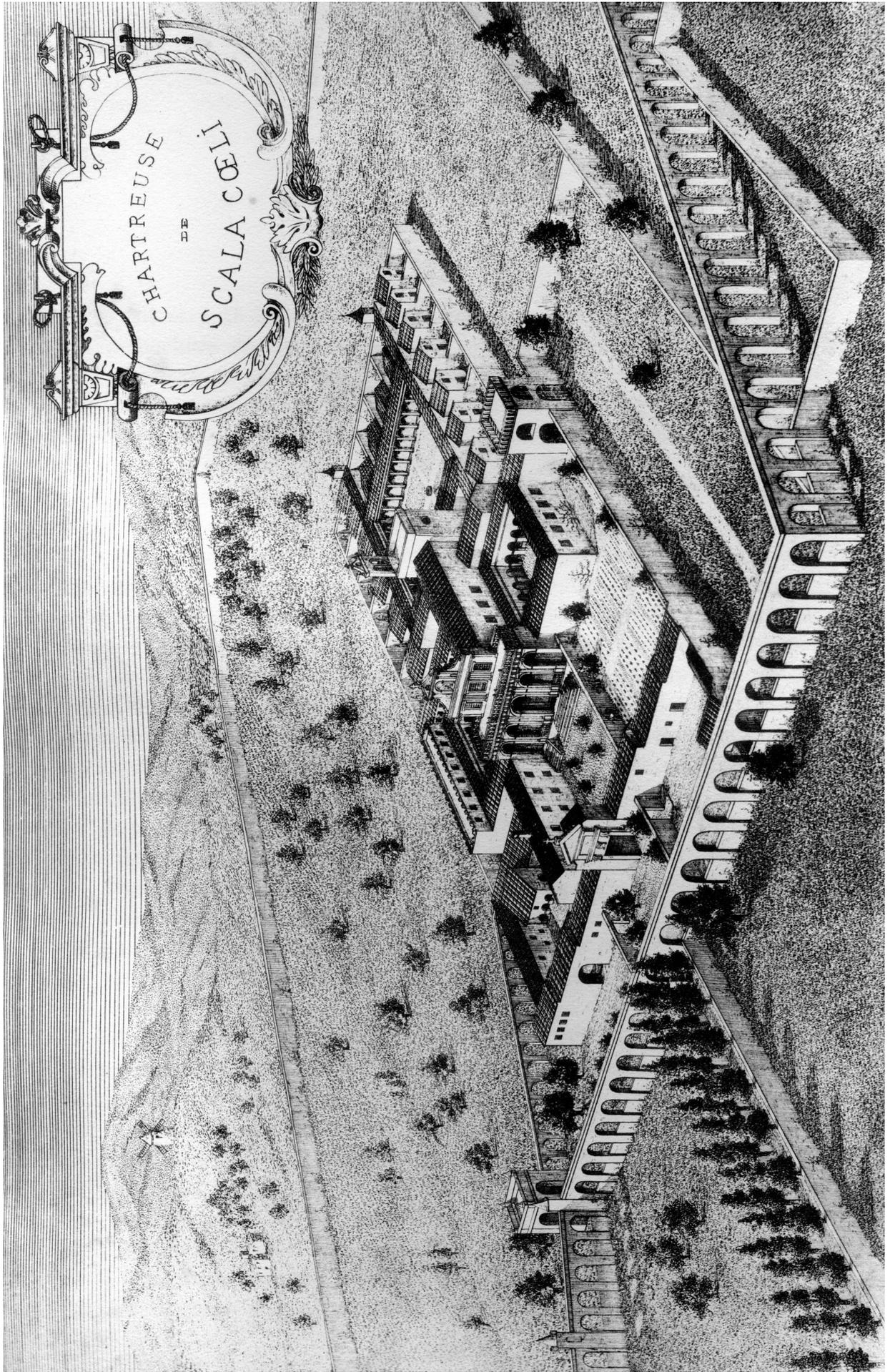




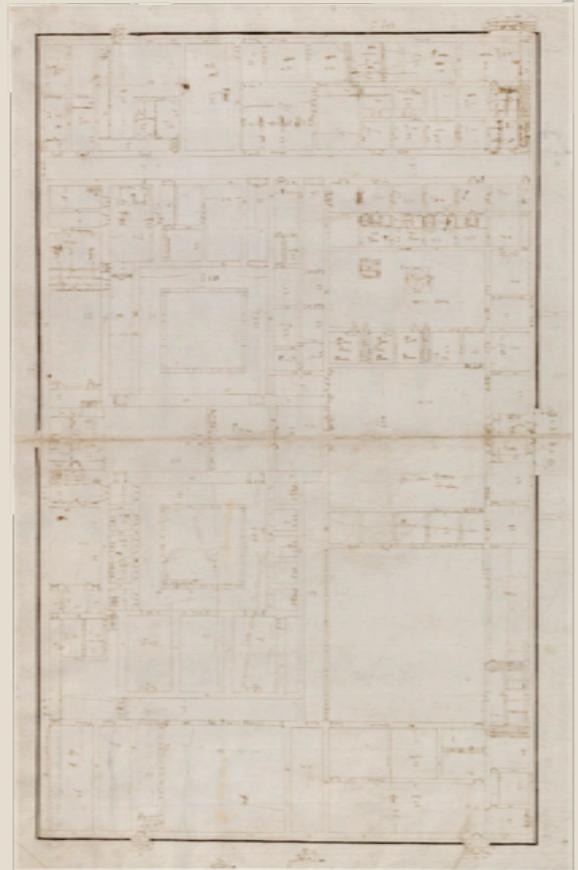
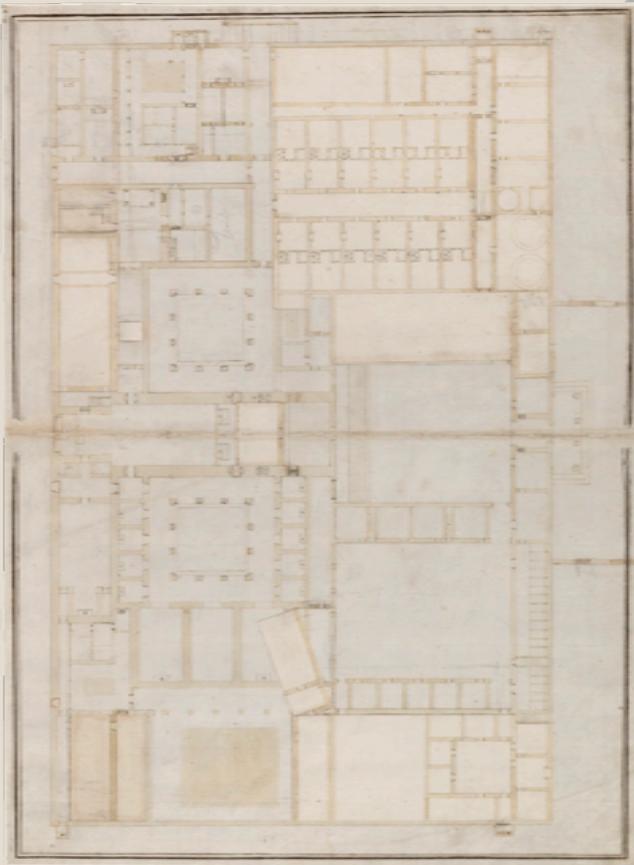


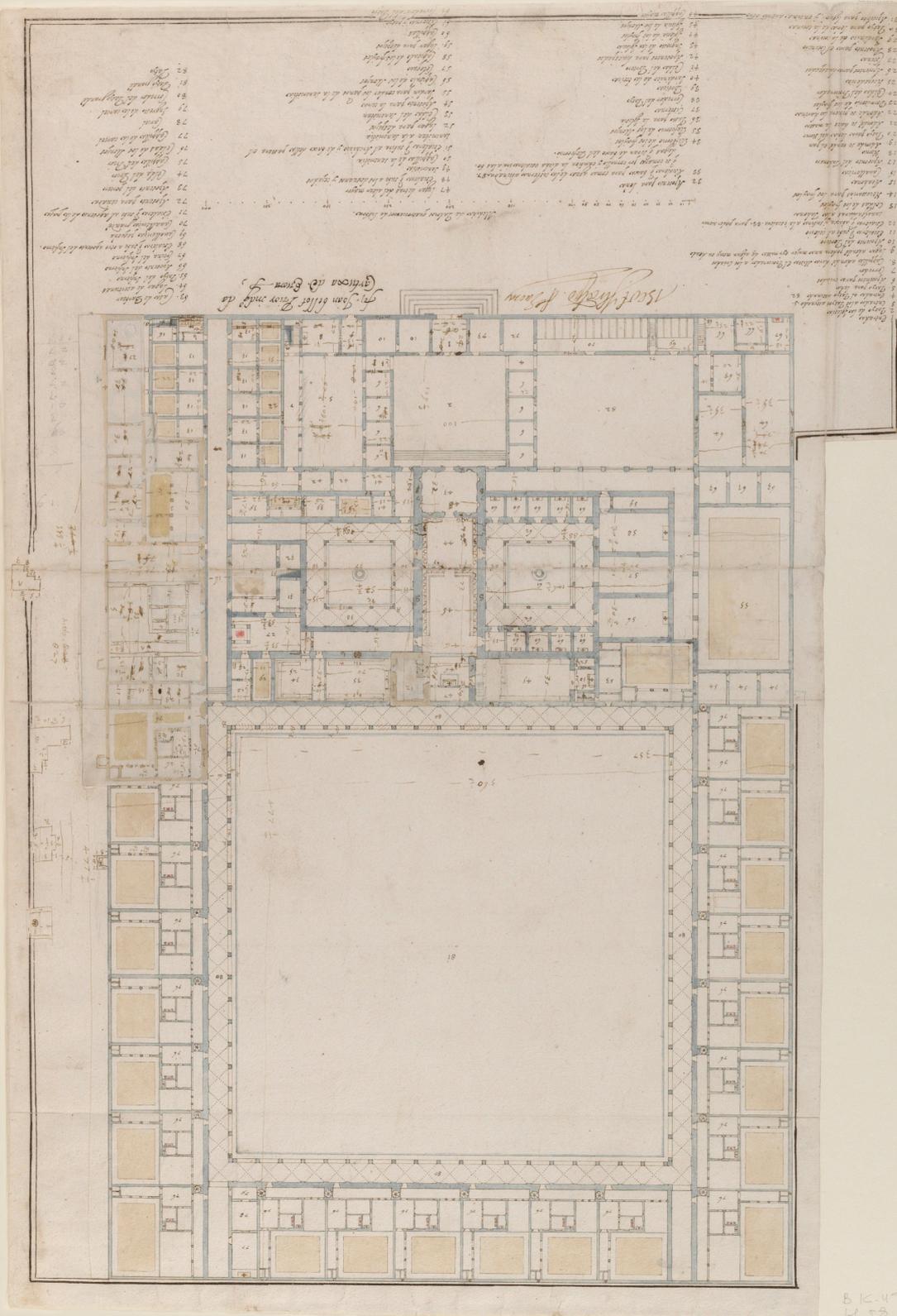




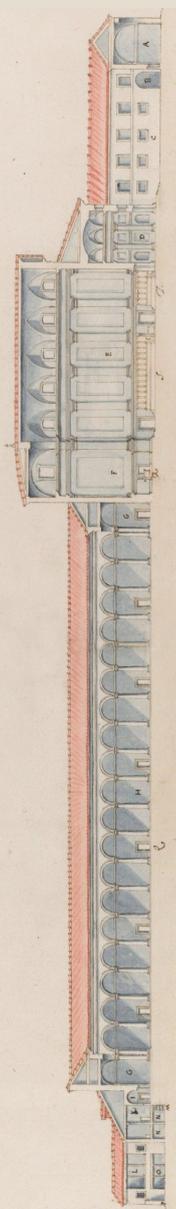




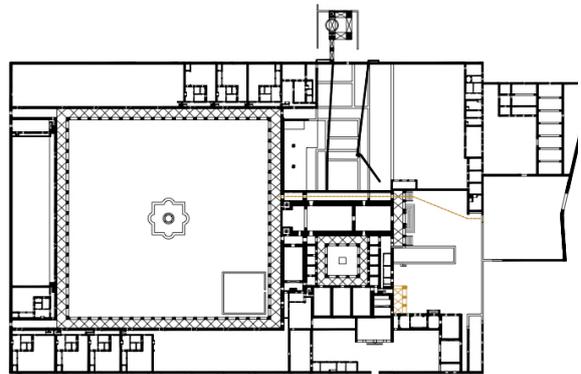
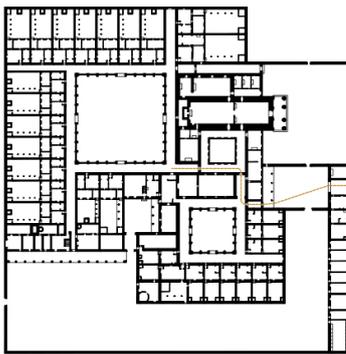
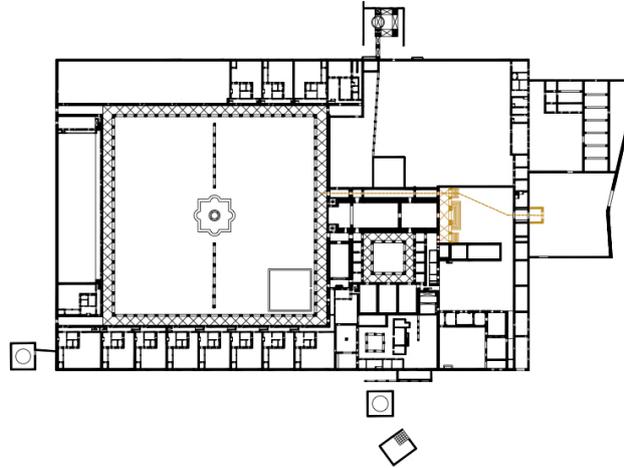
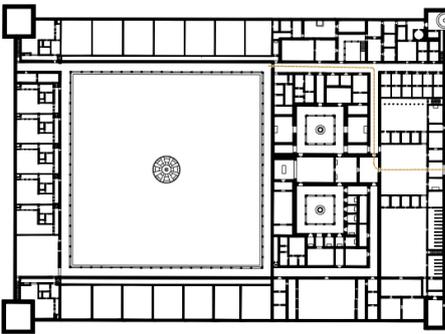
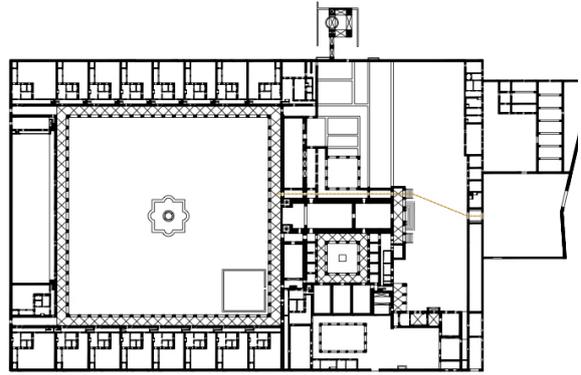
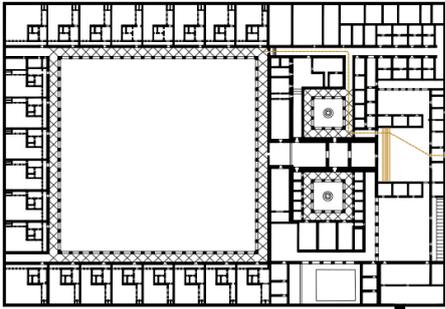
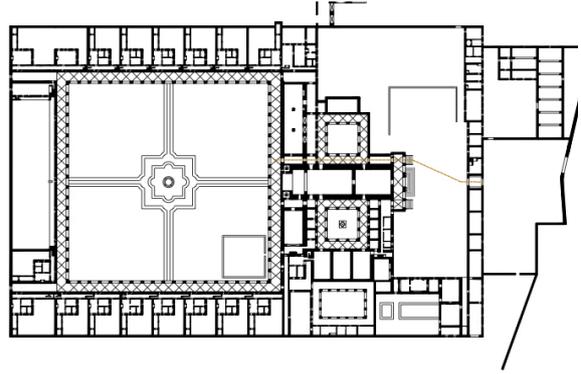
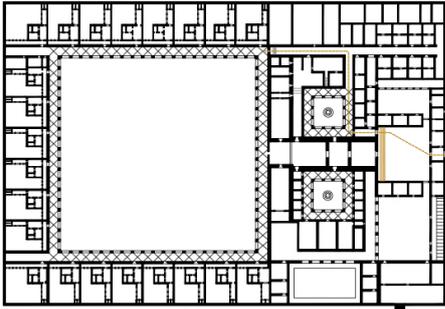


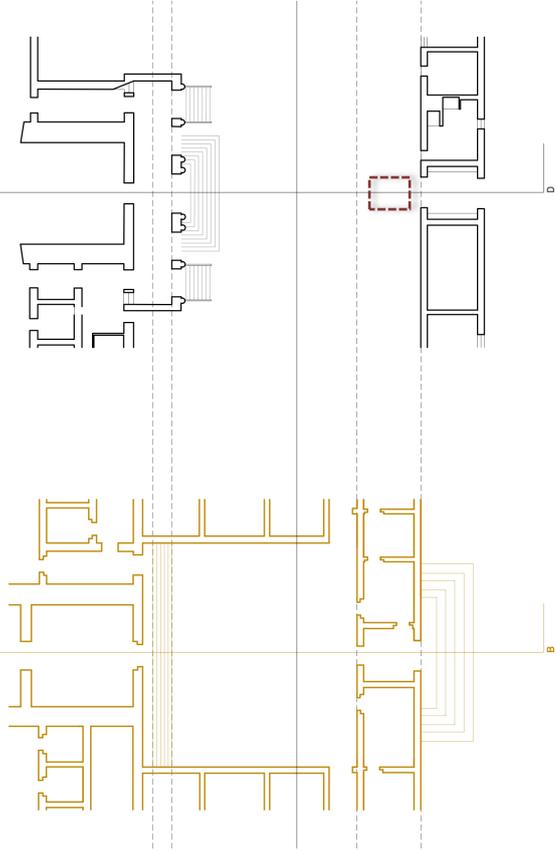


- 1. Sala di S. Maria
- 2. Sala di S. Maria
- 3. Sala di S. Maria
- 4. Sala di S. Maria
- 5. Sala di S. Maria
- 6. Sala di S. Maria
- 7. Sala di S. Maria
- 8. Sala di S. Maria
- 9. Sala di S. Maria
- 10. Sala di S. Maria
- 11. Sala di S. Maria
- 12. Sala di S. Maria
- 13. Sala di S. Maria
- 14. Sala di S. Maria
- 15. Sala di S. Maria
- 16. Sala di S. Maria
- 17. Sala di S. Maria
- 18. Sala di S. Maria
- 19. Sala di S. Maria
- 20. Sala di S. Maria
- 21. Sala di S. Maria
- 22. Sala di S. Maria
- 23. Sala di S. Maria
- 24. Sala di S. Maria
- 25. Sala di S. Maria
- 26. Sala di S. Maria
- 27. Sala di S. Maria
- 28. Sala di S. Maria
- 29. Sala di S. Maria
- 30. Sala di S. Maria
- 31. Sala di S. Maria
- 32. Sala di S. Maria
- 33. Sala di S. Maria
- 34. Sala di S. Maria
- 35. Sala di S. Maria
- 36. Sala di S. Maria
- 37. Sala di S. Maria
- 38. Sala di S. Maria
- 39. Sala di S. Maria
- 40. Sala di S. Maria
- 41. Sala di S. Maria
- 42. Sala di S. Maria
- 43. Sala di S. Maria
- 44. Sala di S. Maria
- 45. Sala di S. Maria
- 46. Sala di S. Maria
- 47. Sala di S. Maria
- 48. Sala di S. Maria
- 49. Sala di S. Maria
- 50. Sala di S. Maria
- 51. Sala di S. Maria
- 52. Sala di S. Maria
- 53. Sala di S. Maria
- 54. Sala di S. Maria
- 55. Sala di S. Maria
- 56. Sala di S. Maria
- 57. Sala di S. Maria
- 58. Sala di S. Maria
- 59. Sala di S. Maria
- 60. Sala di S. Maria
- 61. Sala di S. Maria
- 62. Sala di S. Maria
- 63. Sala di S. Maria
- 64. Sala di S. Maria
- 65. Sala di S. Maria
- 66. Sala di S. Maria
- 67. Sala di S. Maria
- 68. Sala di S. Maria
- 69. Sala di S. Maria
- 70. Sala di S. Maria
- 71. Sala di S. Maria
- 72. Sala di S. Maria
- 73. Sala di S. Maria
- 74. Sala di S. Maria
- 75. Sala di S. Maria
- 76. Sala di S. Maria
- 77. Sala di S. Maria
- 78. Sala di S. Maria
- 79. Sala di S. Maria
- 80. Sala di S. Maria
- 81. Sala di S. Maria
- 82. Sala di S. Maria
- 83. Sala di S. Maria
- 84. Sala di S. Maria
- 85. Sala di S. Maria
- 86. Sala di S. Maria
- 87. Sala di S. Maria
- 88. Sala di S. Maria
- 89. Sala di S. Maria
- 90. Sala di S. Maria
- 91. Sala di S. Maria
- 92. Sala di S. Maria
- 93. Sala di S. Maria
- 94. Sala di S. Maria
- 95. Sala di S. Maria
- 96. Sala di S. Maria
- 97. Sala di S. Maria
- 98. Sala di S. Maria
- 99. Sala di S. Maria
- 100. Sala di S. Maria



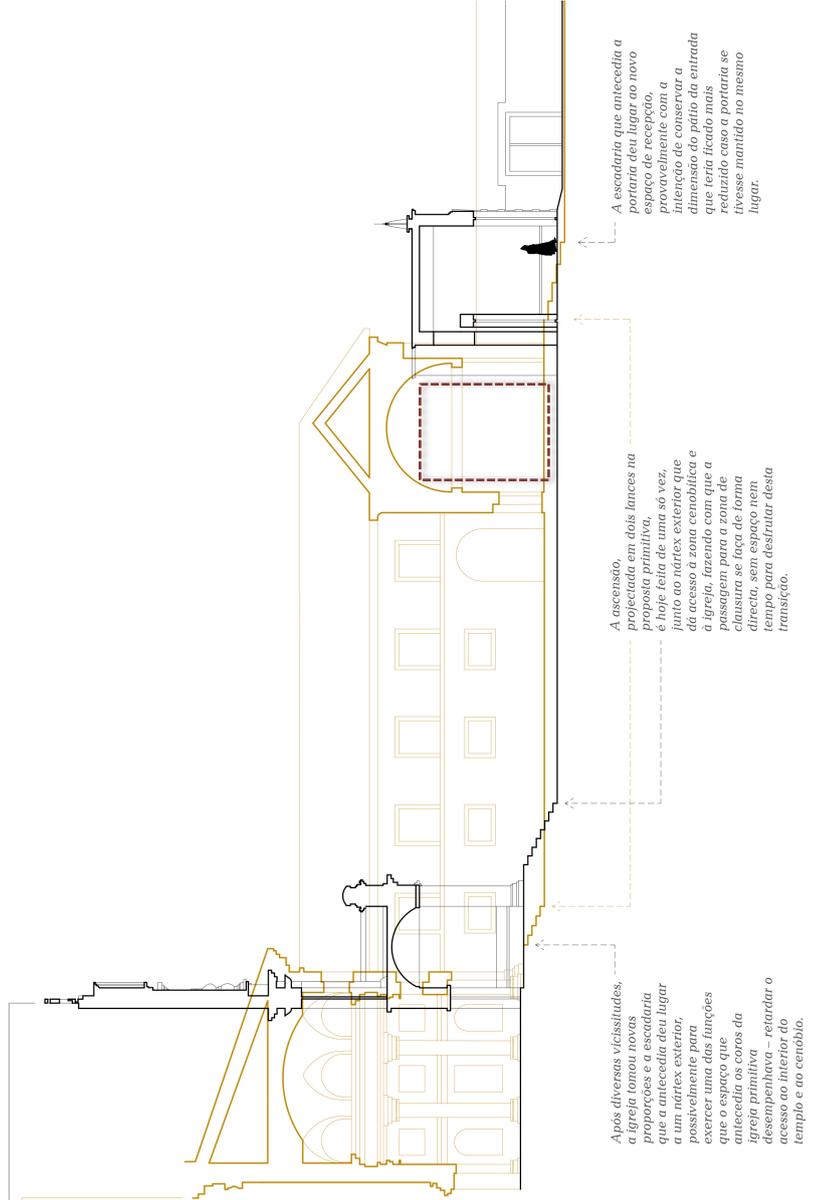
B. K. 47
fol. 53





Sobreposição
da secção actual **CD**
e da secção primitiva **AB**
do patio de entrada da capela

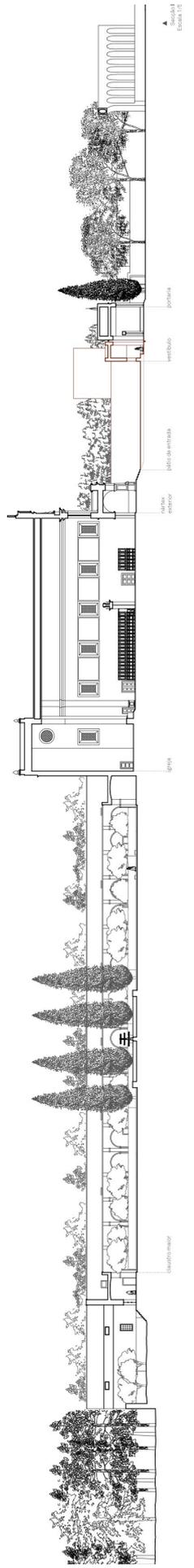
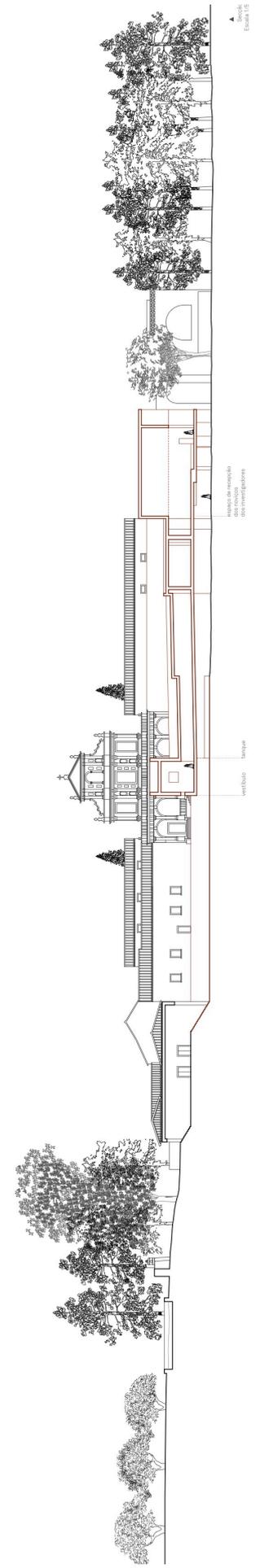
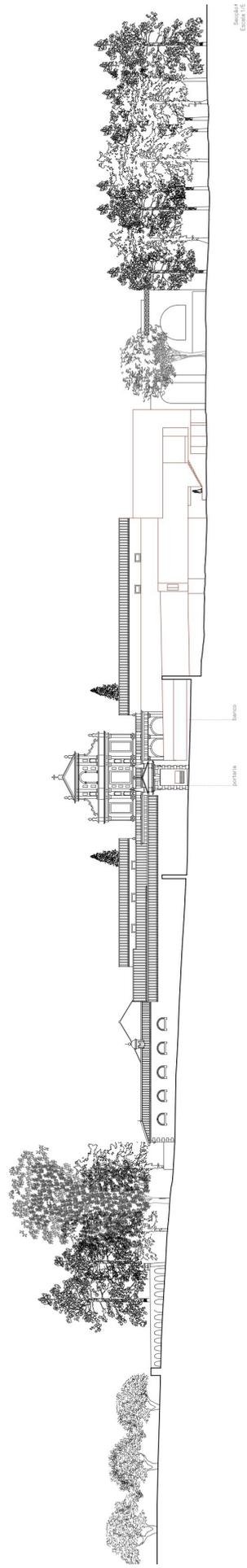
Confrontando a secção da proposta primitiva com a secção actual do mosteiro pode constatar-se que a cota que hoje se encontra estabelecida no patio de entrada não se equipara à cota antiga e que o processo de entrada em muito agora se diferencia. Verifica-se que a cota actual do patio de entrada está agora cerca de 55cm abaixo do nivel da cota antiga.

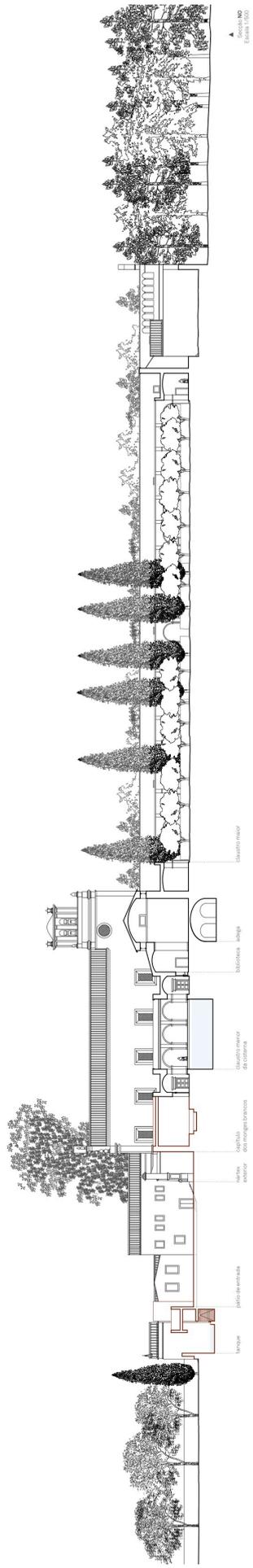


Após diversas vicissitudes, a igreja tomou novas proporções e a escadaria que a antecedia deu lugar a um nártex exterior, possivelmente para exercer uma das funções que o espaço que antecedia os corpos da igreja possuía: desambosbar – restarar o acesso ao interior do templo e ao cenóbio.

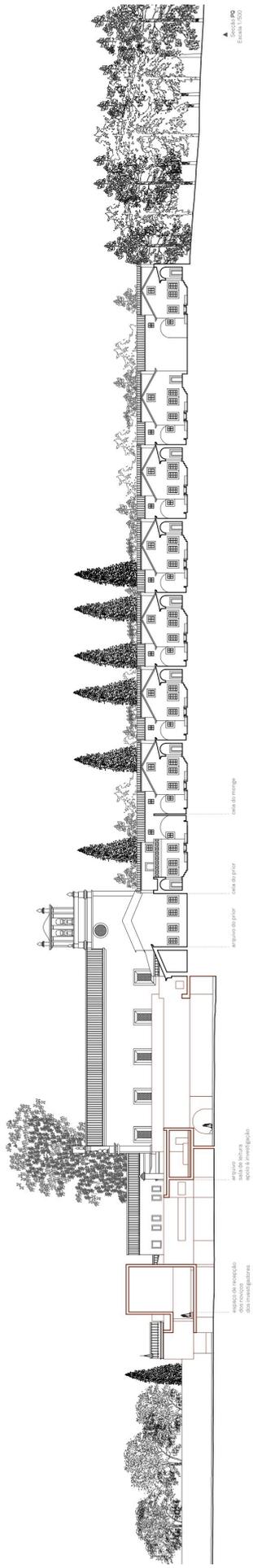
A ascensão, projectada em dois lances na proposta primitiva, é hoje feita de uma só vez, junto ao nártex exterior que dá acesso à zona cenobial e a igreja, fazendo com que a passagem para a zona de passagem se faça de forma directa, sem qualquer tempo para desfrutar desta transição.

A escadaria que antecedia a portaria deu lugar ao novo espaço de recepção, provavelmente com a intenção de conservar a dimensão do patio da entrada que teria ficado mais reduzido caso a portaria se tivesse mantido no mesmo lugar.

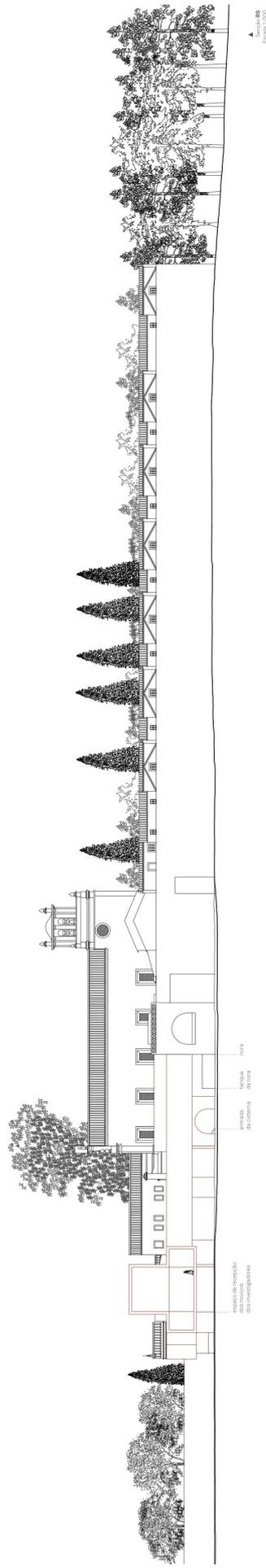




▲ Sección NO
Escala 1:500



▲ Sección PO
Escala 1:500



▲ Sección SE
Escala 1:500

estacion motor

biblioteca - sala

laboratorio

laboratorio de química

laboratorio de física

laboratorio de biología

laboratorio de matemáticas

laboratorio de ciencias sociales

laboratorio de idiomas

laboratorio de artes

zona de juegos

zona de pizarra

aula de teatro

aula de música

aula de danza

aula de artes plásticas

aula de dibujo

aula de fotografía

aula de cine

aula de televisión

aula de radio

zona

zona de juegos

zona de pizarra

zona de teatro

zona de música

zona de danza

zona de artes plásticas

zona de dibujo

zona de fotografía

zona de cine

zona de televisión

zona de radio

